UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

PAULO JOSÉ KHOURY DE ANDRADE

(versão corrigida)

Vila Carolina: um reduto de bambas e de punks

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

Vila Carolina: um reduto de bambas e de punks

(versão corrigida)

A versão original encontra-se disponível para consulta no IEB/USP

PAULO JOSÉ KHOURY DE ANDRADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Estudos Brasileiros

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flávia Camargo Toni

São Paulo

2021

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

A553

Andrade, Paulo José Khoury de

Vila Carolina : um reduto de bambas e de *punks* / Paulo José Khoury de Andrade ; Flávia Camargo Toni, orientadora ; Jaime Tadeu Oliva, coorientador -- São Paulo, 2021.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Título em inglês: Vila Carolina: a stronghold of “bambas” and punks.

Descritores: 1 Vila Carolina – São Paulo (SP) 2. Samba 3. Punks 4. Periferia 5. Geografia humana I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Toni, Flávia Camargo, orient. III. Oliva, Jaime Tadeu, coorient. IV. Título.

IEB/SBD97/2021
780.981611

CDD 22.ed.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à toda comunidade da Vila Carolina, Vila Palmeiras, Vila Santa Maria, Vila Siqueira, Vila Carbone e as demais vilas vizinhas. Desde o início fui sempre muito bem recebido por todos os lugares em que passei e tive o privilégio de conviver com muita gente cheia de história no samba, no punk, no futebol e em tantos outros segmentos. Sou imensamente grato por tudo aquilo que foi compartilhado comigo e farei de tudo para carregar o nome da Vila Carolina, o representando sempre da melhor forma possível. Muito obrigado comunidade, a nossa amizade nem mesmo a força do tempo irá destruir.

Agradeço, em especial, algumas pessoas fundamentais, grandes amigos cujo sem suas contribuições este trabalho jamais existiria: Moizes Pires, o embaixador das memórias de Vila Palmeiras e região, pessoa que desde nosso primeiro contato sempre esteve ao meu lado, apresentando o bairro, seus lugares e pessoas. Um verdadeiro abnegado pela história daqueles bairros. Muito obrigado, Moizes, este mestrado também é seu, meu amigo.

Jaime Pereira Gomes, o grande Jaimão, pessoa que tive o privilégio de ser recebido logo em meu primeiro dia na Vila Carolina. Outro que nunca deixou de estar sempre presente ao longo deste trabalho e que nunca me deixou pagar uma cerveja sequer. Poxa, Jaimão, o próximo litrão quem paga sou eu.

Mestre Romildo Lacerda, nome gigante na história do carnaval paulistano e um dos mestres de bateria mais vitoriosos do Anhembi. Além de mestre e ritmista, Romildo é também um educador que mantém a chama do samba, do carnaval e da batucada viva para as próximas gerações do carnaval paulistano. Os amantes do samba te agradecem, mestre.

Laercinho e Dona Benê, duas pessoas maravilhosas que sempre me receberam de porta e coração abertos em sua casa. Da janela da sua cozinha eu consegui entender muita coisa sobre a história da Vila Carolina. O antigo campo do Carolina, o Cabuçu que passava ali em baixo e enchia tudo quando chovia... Muito obrigado Laercinho e Dona Benê, sou muito privilegiado em poder aprender tanto com vocês.

Ari da Carola, a voz forte da Zona Norte. Pessoa que tive o prazer de conhecer na beira do campo do Tobias, ouvindo samba, tomando uma gelada e vendo a bola rolar pelo terraço. Quem te vê nessa sua simplicidade não faz ideia da história e dedicação que carrega pelo samba. Grande abraço, Ari e muito obrigado por tudo.

Arnaldo Félix, Arnaldo King, Arnaldão... De fato, alguém do seu tamanho e com um coração tão grande quanto o seu, não poderia ter apenas um nome. Obrigado pelas conversas, pelas histórias e pelas dicas sobre samba-rock e soul music. aguardo ansiosamente mais um aniversário no campo do Carolina. Muito obrigado e um abraço tão forte quanto você mesmo, King.

Ariel (Invasor) Uliana Júnior e Tina Ramos, pessoas que vivem o punk rock e o mantém em movimento. Mesmo com a história gigante que construíram dentro do movimento e fora dele também, nunca se negaram a colaborar com este humilde trabalho. Se eu já era fã de vocês muito antes de conhecê-los, agora sou muito mais. Muito obrigado pelo o que sempre fizeram pelo punk rock e por transformar a vida de tantos muleques roqueiros que, assim como eu, foram menosprezados por professores, diretores e toda aquela estrutura hierárquica podre das escolas e colégios. Somos da cidade de São Paulo, aonde o punk é pra valer!

Seu Dadinho, quando eu ouvia o senhor cantar que “é para cantar que eu vivo”, nunca faria ideia de como esta frase passaria a fazer ainda mais sentido depois que o conhecesse. Que sua dedicação ao Camisa Verde, ao samba e ao carnaval paulistano seja sempre reconhecida e reverenciada por todos que, assim como eu, aprendem um pouco mais a cada conversa com o senhor. Muito obrigado por tudo.

Sou eternamente grato, também, pelo contato que tive com Mário Ezequiel de Barros. De fato, sou muito privilegiado em dizer que pude me sentar ao seu lado e escutar um pouco das suas infinitas histórias sobre o tambu, jongo, umbigada, samba e a Vila Carolina. Tio Mário se foi pouco mais de um mês após nossa entrevista, mas aquilo que ele construiu jamais será apagado. O samba te agradece, Tio Mário e hoje lá no céu brilha uma grande estrela, que em verde e branco vai iluminando a passarela e abrindo os caminhos para o trevo da Barra Funda fazer o seu povo cada dia mais feliz. Muito obrigado, Tio Mário.

Outros nomes que não posso deixar de agradecer por todo apoio que me deram ao longo desses dois anos são: Pedro Porcino, Júnior Famelli (o grande Júnior do

Peruche), Valdir Dicá, Carlos Alberto Teixeira (Carlão), Vera Lúcia Pradella, Marrinha, Pedro Castro, R. Bothu (in memorian), Lorenzo Vico e Ivan. Muito obrigado pela atenção, paciência e, principalmente por suas histórias.

Não poderia jamais de deixar de agradecer aos donos dos melhores bares da Vila Carolina: João, o lugar certo para se falar sobre rock na Vila Carolina; Belinha, o melhor bolinho de carne da minha vida e Magal, o melhor torresmo da Zona Norte de São Paulo.

Agradeço imensamente à minha orientadora Flávia Camargo Toni pelo companheirismo, por estar sempre acessível e por ser tão compreensiva comigo desde o início. Muito obrigado, Flávia.

Ao professor Jaime Tadeu Oliva, deixo os meus mais sinceros agradecimentos. Te agradeço muito pelas recomendações, conversas e, sobretudo, pelo apoio nos momentos de maior desespero. Muito obrigado, Jaime.

Aos funcionários e funcionárias do IEB/USP, minha gratidão pela dedicação e o serviço de excelência prestado em nome da instituição, bem como de seus alunos e pesquisadores.

Agradeço também a toda minha família, sobretudo, minha mãe, Marie Khoury e meu pai, José Cesar de Andrade. Quem diria que aquele muleque repetente, que adorava cabular aula pra se aventurar em bairros desconhecidos, que infernizava toda a vizinhança e que foi expulso de dois colégios ia entrar na USP, hein? E o pior, o muleque é tão atrevido que resolveu se arriscar no mestrado e tentar superar aquele bando de professor, coordenador e diretor preconceituoso e reacionário. Devo isso a vocês, minhas grandes referências na vida. Amo muito vocês.

Agradeço também às minhas tias Dadá, Marina, Lola (in memorian), Vivi e Valéria, meu primo Guilherme e meu tio Augusto. Roselande Alves e Antônio Carlos Cruz Zacarias, não tenho palavras para descrever minha gratidão à vocês. André, Gê, Dinha, Tilinha, Méia, Caíca e Tia Maria (in memorian). Todo o povo de Resende Costa e São João del Rey, Christiane, Pedro, Hélio, Ézio, Dora, Aninha, Dudu, Marina, Nivaldo, Tássia, Tiago, Benedito, Nhá (in memorian) e Eli (in memorian). Meus avôs, José do Patrocínio e Maurice Boulos e avós, Amélia Henrique de Souza e Josephine M. Y. Issa Khoury, que não estão mais por aqui, mas são fundamentais na minha vida.

Agradeço também a todos e todas colegas de trabalho dos muitos lugares em que trabalhei ao longo desses anos. O apoio que vocês sempre me deram, a liberdade de poder ser eu mesmo em sala de aula e a compreensão com que me trataram durante o tempo em que tive que ficar um pouco mais distante, foram fundamentais para essa pesquisa sair do forno. Aproveito para agradecer, também, cada um dos meus alunos e alunas: seus bando de filhote do capeta, vocês são demais e o mundo é de vocês, não daqueles riquinhos de colégio particular caro metidos a besta.

Aos meus amigos de infância que, mesmo nos vendo muito menos durante esse período, nunca deixaram de me apoiar e de serem verdadeiros irmãos para este filho único. Obrigado Brunão, Cauhe, Fernandos (Porra e Nandão), Grois, Kiki e Vitinho. Bora encostar na esquina e comemorar como antigamente? Um agradecimento especial ao Rudhá Gabriel, o grande responsável por difundir o punk rock e suas vertentes entre a mulecada do bairro. Nunca vou me esquecer daquela noite na casa do Brunão que você colocou “Casos como este” do Presto pra tocar. O ano devia ser 2006 ou 2007 e desde então minha relação com a “bagaceira” só aumentou. Aonde quer que você esteja: muito obrigado, Rudhá.

Aos amigos e amigas que a vida me deu: Lary Freeze, Lauriel Lúcio, Zezé Grisaro, Guilherme de Lucas, Renata Barcellar, Daniel Zangelmi, Grazielle Lopes, Victor Grizzo, Kléber Montanheiro, Daniel Bate Lata, Cícero Tocchio, Lucas Borges, Victor Bertocchi, Rafael Santana, Bruno (Slash) Leal, Danilo Camacho, José (Badego) Vitor Silva, Antônio (Tonho) Aparecido, Roger Silper, Mariana Leão, Acsa Torres, Thays Millena, Thiago (TH) Seixas, Michele Silva, Maurício Noznica (Visitantes), Daniel Miranda (88 Não), Pedrão (ex-Punk Carniça, de Mauá) e tantos outros nomes que a memória nem dá conta.

Não posso esquecer também dos companheiros das bandas em que toquei ao longo destes anos de mestrado e muito trampo: Degradados (Lukinhas, Rogério, Mick e Cauã); Várzea (Mao, Guilherme e Tiago) e Escarnado (Cauhe). Desculpa minha ausência em alguns ensaios, o motivo está aqui na frente de vocês. Abraços!

Por fim, não posso deixar de agradecer minha sogra Danielle, sogro Ricardo, Vó Maria, José (in memorian), Neide e Rubens por me permitirem fazer parte da família e me tornar a pessoa mais feliz do mundo ao lado da minha namorada, esposa, companheira e melhor amiga, Mariana Sacon Frederico. Nestes quase três anos de

mestrado em que nós passamos a viver debaixo do mesmo teto, não deixei de me apaixonar um pouco mais todos os dias e de ter a certeza que é ao seu lado que eu quero continuar construindo a minha vida. Eu te amo.

Muito obrigado a todos e todas vocês que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Vida longa ao samba, vida longa ao punk e vida longa à Vila Carolina.

O Punk é nosso e nunca vai morrer. ÊRA PUNK!!!

Resumo

ANDRADE, P. J. K. **Vila Carolina:** um reduto de bambas e de punks. 2020. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta dissertação tem por objetivo apresentar o bairro paulistano da Vila Carolina através de sua relação direta com duas expressões culturais bastante distintas: o samba e o punk rock. Localizada entre os bairros do Limão e Freguesia do Ó, a Vila Carolina ganhará alguma notoriedade, sobretudo, graças à produção destas duas sonoridades. A chegada de um grande contingente de população negra e praticante do samba e as experiências deste gênero ali desenvolvidas trarão ao longo dos anos sua reputação de “reduto do samba”. No entanto, sua situação periférica e os processos de exclusão a isso relacionados, serão os principais motivos que levarão alguns jovens do bairro, já na década de 1970, a desenvolver de forma primitiva no Brasil a estética, a rebeldia e a sonoridade agressiva do punk rock. Por meio de entrevistas com importantes nomes do samba e punk rock do bairro, buscarei compreender o porquê de duas linguagens tão díspares se desenvolveram no mesmo bairro.

Palavras-chave: Vila Carolina; São Paulo; Samba; Punks; Periferia; Geografia Humana

Abstract

ANDRADE, P. J. K. **Vila Carolina:** a stronghold of 'bambas' and punks.. 2020. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This dissertation has as its goal presenting São Paulo's neighbourhood of Vila Carolina through its direct relation with two very different musical rhythms: samba and punk rock. Located between the neighbourhoods of Limão and Freguesia do Ó, Vila Carolina will gain some notoriety specially thanks to the production of these two genres. The arrival of a great contingent of black, samba-practitioner population, as well as the experimentation with the genre that was being done in there, were responsible for building its reputation as a "samba stronghold". However, its peripheral situation and the exclusion processes related to that will be the main reasons for taking some of the neighbourhood's youth, already during the 1970s, to develop, in a primitive manner, the aesthetics, rebellion and aggressive sound of punk rock. Through interviews given by important names of samba and punk rock in the neighbourhood, I will try to understand why these two different languages have developed on the same neighbourhood.

Keywords: Vila Carolina; Sao Paulo; Samba; Punks; Periphery; Human Geography

SUMÁRIO

Introdução	10
CAPÍTULO 1 – Nata Do Samba (Airton Santa Maria e Mario Luz – Velha Guarda Camisa Verde)	23
1.1. A formação da Vila Carolina	43
CAPÍTULO 2 – Vila Carolina: um reduto de bambas	51
2.1. Portelinha: um rio que passou em minha vida	62
CAPÍTULO 3 – Vila Carolina: um reduto de punks	82
3.1 O punk rock na Vila Carolina e sua gangue, a Carolina Punk.....	86
Considerações Finais	117
Referências Bibliográficas	121
Outras Fontes	122

Introdução

A ideia de pesquisar a história de formação do bairro da Vila Carolina a partir de algumas expressões culturais ali desenvolvidas se dá inicialmente graças ao interesse particular que, desde a adolescência cultivei pelo Punk Rock, bem como por outros gêneros musicais de contracultura e do, assim chamado, cenário underground.

Assim, uma vez que a Vila Carolina faz parte da Zona Norte paulistana, consideravelmente distante e de difícil acesso à região de Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo, local onde moro, o nome desse distrito apenas chegou ao meu conhecimento devido à notoriedade alcançada no cenário do punk paulistano da primeira gangue punk, denominada “Carolina Punk”. Portanto, posso afirmar que durante muito tempo, o nome Vila Carolina remetia para mim a ideia do lócus inicial de formação do movimento punk de São Paulo, não havendo assim nenhum tipo de vinculação daquela localidade à produção de outras manifestações culturais, sobretudo o samba.

Todavia, conforme os anos foram passando e minha idade aumentando juntamente com meu universo de referências musicais, fatalmente passei a buscar outros ritmos e sonoridades sem, no entanto, deixar de ouvir e tocar punk rock ou de frequentar o underground paulistano. Desta forma, fui aos poucos me reaproximando de alguns gêneros musicais tipicamente brasileiros, entre eles o samba. Neste processo de reaproximação com a música brasileira acabo descobrindo um gigantesco universo de artistas, comunidades e agremiações ligadas à produção do samba e, dentro deste universo, fiz minhas escolhas inicialmente a partir das sonoridades que mais me agradavam. E é dessa forma, creio eu, que passei a escutar e me interessar cada vez mais pela história e constituição das escolas de samba da cidade de São Paulo.

É neste início de percurso sobre a história do samba paulistano que descubro o projeto “Memória do Samba Paulista”, uma coletânea composta por 12 CD’s e concebida por três músicos paulistanos, Tadeu Kaçula, Renato Dias e Guga Stroer. Dentre os discos lançados pelo projeto, o que foi mais marcante naquele meu momento de busca por mais referências acerca do samba paulistano e, talvez um dos discos mais importantes até hoje na minha vida, é o disco que faz referência à Velha

Guarda do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Unidos do Peruche. Composto por 13 faixas, este disco traz canções produzidas por diversos compositores da história da Unidos do Peruche, apresentando ao ouvinte alguns sambas enredo e de exaltação de diferentes períodos da agremiação.

Dentre as 13 faixas do já referido disco, uma em especial me chamou atenção de forma a modificar para sempre a minha relação com o samba produzido em São Paulo. A segunda faixa do disco, intitulada “Tradições e festas de Pirapora”, de composição de Geraldo Filme, foi o meu ponto de partida para chegar ao atual projeto de pesquisa.

Enredo trazido para a avenida pela Unidos do Peruche no carnaval de 1971, ano no qual a escola ficou com o vice-campeonato do carnaval paulistano, tendo sido superada apenas por outra escola da Zona Norte, a Mocidade Alegre, do Bairro do Limão, esta canção conta a história da cidade de Pirapora do Bom Jesus, bem como fala de sua importância para o desenvolvimento do samba paulista.

A partir deste momento minha curiosidade é aguçada e passo, então, a buscar as informações cada vez mais próximas aos seus locais de origem. Assim, no dia 6 de agosto de 2016, faço minha primeira visita a Pirapora do Bom Jesus. Lembro-me da data com exatidão, pois, embora eu não soubesse até aquele momento, e ainda que o ônibus lotado pudesse ser o indicativo de algo, o dia 6 de agosto é a data em que se comemora a festa do padroeiro que dá nome a cidade.

Por coincidência neste dia me acompanharam Rogério e Lucas, dois amigos geógrafos que, juntamente comigo, formavam a banda de punk rock “Degradados”. Estávamos, portanto, nós três, de certa forma ligados ao universo punk, em meio à festa do Bom Jesus e com direito a muita feijoada e samba de bumbo na Casa do Samba de Pirapora do Bom Jesus. Foi exatamente ali que vivemos o ponto alto do nosso dia, pois tivemos a grande honra de conhecer Dona Maria Esther, matriarca do Samba de Bumbo de Pirapora do Bom Jesus, com quem tive a oportunidade de conversar mais uma vez antes de seu falecimento em 16 de maio de 2017.

Minhas pesquisas acerca da história da cidade de São Paulo passaram desde então a ter como “trilha sonora” o samba produzido na cidade. Visitas a locais como a Barra Funda, Baixada do Glicério, Vila Ré, Vila Matilde e o Bexiga passaram a cada

vez mais fazer parte dos meus dias livres. No caso deste último bairro, tive o prazer de produzir um curto artigo em abril de 2016, período em que fui estagiário no Museu de Anatomia Veterinária da USP¹.

Ao longo deste processo em que passei a buscar novas referências musicais que constassem a história do desenvolvimento de São Paulo, em determinado momento conheci o álbum “Canto para viver”, da Velha Guarda Musical do Camisa Verde e Branco. Este álbum conta com 15 faixas, trazendo importantes sambas daquela agremiação na interpretação de sua velha guarda musical.

É precisamente na terceira faixa deste disco, intitulada “Nata do Samba” que sou surpreendido pela seguinte frase: “venho lá da Vila Carolina, que é tradição e um forte reduto de bambas”. Digo que fiquei surpreso, pois, o pouco que já tinha escutado sobre a Vila Carolina até então falava sobre o local onde teria se iniciado o movimento punk de São Paulo e, até aquele momento, samba e punk não me pareciam gêneros que pudessem firmar raízes nos mesmos locais.

Esta curiosidade permanece, mas não havia nenhuma pretensão de minha parte em transformá-la em um tema de pesquisa. Na realidade, não tratei o tema com grande seriedade, pois acreditava que em um ambiente acadêmico, o punk rock, tanto como sonoridade quanto como um movimento de contestação, não despertaria muito interesse. Assim, embora minha curiosidade sobre a Vila Carolina tivesse permanecido, naquele momento não seria este interesse que nortearia alguma pesquisa futura de minha autoria.

Início o ano de 2017 planejando qual seria meu próximo passo, uma vez que em fevereiro daquele ano estaria finalmente formado, me tornando um geógrafo. A possibilidade de transformar esta minha curiosidade em uma pesquisa acadêmica finalmente passa a se concretizar em outubro daquele ano, quando sou aprovado com o projeto “Ferrovia, industrialização, futebol e samba: a Barra Funda e a produção da cultura paulistana do século XX”.

Tal projeto consistia em compreender o processo de desenvolvimento do bairro da Barra Funda a partir de duas instituições específicas: a Escola de Samba Camisa

---

¹ Destaque do mês: Saracura, in http://mav.fmvz.usp.br/images/pdfs/Destaque_mes/detaque_abril-2016.pdf

Verde e Branco e o Nacional Atlético Clube. Assim, penso que este projeto dialogava em boa parte com o período e os processos observados ao longo do primeiro capítulo da presente dissertação, onde faço apontamentos acerca da região da Barra Funda e, sobretudo, das áreas localizadas às margens do Rio Tietê.

No entanto, após conversas com minha orientadora, o projeto inicial vai sendo abandonado e a aquele antigo questionamento acerca da formação da Vila Carolina vai aos poucos se apresentando como um tema possível para minha pesquisa. Assim, meu ano de 2018 já se inicia com a formação da Vila Carolina e de suas produções musicais norteando meus questionamentos.

Passo a buscar referências que me dessem alguma noção melhor sobre o samba do bairro, porém ainda não encontro nada. No entanto finalmente descubro um livro que fala sobre o punk rock produzido no bairro, “Meninos em Fúria”, de Marcelo Rubens Paiva e Clemente Tadeu Nascimento. Leio apenas algumas poucas páginas que estão disponíveis na internet e, por sorte, em uma delas encontro um curto, porém importante diálogo. Um dos autores do livro, o também punk, Clemente, relata: “Comecei a batucar no balcão, chegou um cara, um negão, ‘Pô, meu, sambinha bom, né?’, e eu ‘É da Primeira de Vila Carolina, né’”².

Naquele momento eu passava a ao menos saber o nome da escola de samba do bairro. Procuro na internet e encontro um perfil no Facebook com o nome “Portelinha Grças Primeira de Vila Carolina”, para quem enviei uma solicitação de amizade não correspondida até hoje. A partir dali eu já sabia o nome e o apelido da escola que eu procurava, e isso me ajudaria bastante daqui a algum tempo. No entanto, desde aquele momento, um novo problema passa a se apresentar para a produção da minha pesquisa: onde é a Vila Carolina?

De fato, encontrar a Vila Carolina foi uma tarefa muito mais difícil do que eu imaginei. Ao procurar pelo nome “Vila Carolina” na internet, dois bairros aparecem na cidade de São Paulo, um na Zona Leste, inserido no distrito de São Miguel Paulista e outro na Zona Norte, este situado no distrito do Jaçanã. Com a certeza de que a Vila Carolina que eu procurava situava-se na Zona Norte, uma vez que a música “Nata do

---

² NASCIMENTO, Clemente Tadeu; PAIVA, Marcelo Rubens. **Meninos em Fúria**: e o som que mudou a música para sempre. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. p. 55.

Samba” narra a seguinte passagem “das Perdizes, Barra Funda, através do Largo da Banana. Na Zona Norte têm raízes, Vila Carolina, samba, candomblé, gente africana”, o Jaçanã foi o primeiro lugar em que procurei a Vila Carolina.

Saio de Santo Amaro, atravesso praticamente toda a cidade de São Paulo e chego ao extremo norte da capital, no bairro do Jaçanã. Passo o dia procurando e perguntando sobre a tal Vila Carolina, mas aparentemente ninguém conhecia essa vila. Ao cair da noite finalmente tenho uma resposta um pouco mais assertiva. Quando questiono um senhor sobre onde ficaria a Vila Carolina, o mesmo me responde que o local que eu procurava estava muito longe dali. Este senhor, de quem não me recordo o nome, apenas me informa que já tinha ouvido falar neste bairro e que tal lugar estaria entre a Marginal Tietê e o bairro da Cachoeirinha, ambos na Zona Norte.

Volto para casa já imaginando que deveria fazer ao menos mais uma incursão pela Zona Norte para localizar a Vila Carolina que eu tanto procurava. Retorno algum tempo depois e, seguindo a orientação passada pelo desconhecido senhor no Jaçanã, inicio minha caminhada logo pela manhã saindo da estação Água Branca, na Linha 7 – Rubi da CPTM. Atravesso a ponte da Freguesia do Ó e continuo minhas buscas, subindo e descendo os muitos morros daquela parte de terreno irregular da Zona Norte paulistana.

Sigo pela Avenida Inajar de Souza, hora subindo os morros à minha esquerda, hora subindo os morros à minha direita e sempre perguntando para as pessoas ao longo do caminho. Já ao final da tarde, precisamente na Avenida Deputado Emílio Carlos, entro em um bar para perguntar pela Vila Carolina. Ali tive minha primeira resposta afirmativa do dia. Um dos clientes afirma saber onde fica a Vila Carolina e me dá as indicações de como chegar até ela.

Já durante a noite e ainda sem ter comido nada finalmente chego ao bairro que eu tanto procurava. A partir dali eu precisava encontrar pistas que me levassem às pessoas do bairro que pudessem me dar informações sobre o samba e o punk rock produzidos por ali. Continuo minha estratégia de perguntar nos bares onde encontrar aquilo que procurava, e é assim que entro em um bar pequeno, com balcão de madeira escura onde atrás dele estava a dona do bar.

Me apresento como um curioso sobre o samba produzido no bairro e que procurava por alguém que pudesse me contar um pouco daquela história. A dona se apresenta pelo seu apelido, Belinha e me indica outro bar onde costumam se reunir algumas pessoas que teriam participado da escola de samba do bairro. Quando questiono se a escola de samba em questão é a Portelinha, recebo uma resposta afirmativa, o que prontamente me deixa muito feliz.

Chego ao bar indicado por Belinha, o Bar do Magal, onde, ali mesmo, em uma mesa de plástico posta na calçada, estavam sentados quatro senhores bebendo cerveja e jogando dominó. Peço licença e pergunto se algum deles saberia me indicar sobre onde conseguir alguma informação sobre a Portelinha de Vila Carolina. A partir daquele momento a situação se inverteria. Se por um lado eu estava curioso para saber qualquer informação sobre a Portelinha, por outro aqueles homens se mostraram ainda mais curiosos para saber quem eu era.

Logo as perguntas passariam a ser feitas para mim: “Você é daqui do bairro?”, “Não, sou de Santo Amaro”, respondo prontamente. A imagem de um rapaz branco, vindo do outro lado da cidade, com um estereótipo de roqueiro e perguntando sobre uma escola de samba pequena que sequer existe mais, deixou aquelas pessoas mais interessadas em mim do que eu podia imaginar. Em pouco tempo já estava sentado na mesa, tomando cerveja, finalmente comendo e contando toda a minha história para encontrar a Vila Carolina até finalmente chegar naquele bar.

Quando finalmente começo a fazer minhas perguntas descubro que dois daqueles homens eram Jaime Pereira Gomes, antigo compositor e intérprete da Portelinha e Mestre Kit, antigo ritmista da Portelinha e ex-mestre de bateria da escola de samba do Bairro do Limão, a Mocidade Alegre. A partir daquele momento sinto que, enfim, estava me aproximando do meu tema de pesquisa.

Minha aproximação com Mestre Kit e, principalmente, com Jaime será fundamental para o desenvolvimento desta dissertação. Foi o próprio Jaime que, tempos depois, me levou a um ensaio do Bloco Carnavalesco Água Ardente, onde tive o privilégio de conhecer mais duas pessoas primordiais para a produção da presente dissertação, os diretores do Água Ardente, Romildo Lacerda e Moizes Pires. Moizes talvez tenha sido a pessoa mais próxima e que mais se interessou pelo meu projeto

de mestrado, tendo me apresentado uma série de antigos moradores do bairro como, por exemplo, os entrevistados Arnaldo “King” Félix, Ariovaldo Aparecido (Ari da Carola) e Ariel Uliana Júnior, além de muitas outras pessoas com quem mantive e continuo mantendo contato.

A partir daquele momento minha aproximação com a comunidade da Vila Carolina passaria a acontecer de forma mais intensa. No entanto, o que pude perceber a partir deste momento em que passei a manter uma relação mais próxima com a Vila Carolina e seus entornos é que, além de não existir formalmente, o nome Vila Carolina é reconhecido principalmente pelas gerações mais velhas, ou aqueles que, em um grau mais elevado, acabaram estabelecendo uma relação mais próxima com as agremiações carnavalescas ou o movimento punk naquela parte da Zona Norte.

Assim, desde o início de 2018, portanto, passei a buscar por referências bibliográficas mais consistentes que tivessem como seu recorte principal a Vila Carolina ou suas regiões mais próximas. O que pude perceber, no entanto, é que o nome Vila Carolina é muito pouco citado em livros ou produções acadêmicas e, dessa forma, acabei não encontrado nenhuma tese ou artigo que trate especificamente daquela localidade. As poucas vezes em que vi o nome da Vila Carolina ser citado em algum tipo de produção acadêmica foram na dissertação de mestrado de Ruth Lavras Biajoti, defendida na Geografia da USP em 1979³ e na tese de livre-docência de Odette Seabra, também da Geografia USP, do ano de 2003⁴. Ainda assim, os trabalhos tratam respectivamente sobre a Vila Palmeiras e sobre o Bairro do Limão, localidades vizinhas à Vila Carolina e que, por isso, apenas citam este bairro algumas poucas vezes e de forma bastante superficial.

Embora as fontes sobre a Vila Carolina sejam bastante escassas, outros autores que tratam o desenvolvimento da cidade de São Paulo utilizando o samba como uma das formas de se enxergar tal processo foram de grande importância para a produção da presente dissertação. Neste sentido aponto a dissertação de mestrado de Márcio Marcelino, defendida na Geografia da USP em 2007⁵ e a tese de doutorado “As territorialidades do Samba na Cidade de São Paulo”, de Alessandro Dozena,

---

³ BIAJOTI, Ruth Lavras. *Uma vila paulistana: Vila Palmeira*. São Paulo. FFLCH/USP, 1979.

⁴ SEABRA, Odette. *Urbanização e Fragmentação*. São Paulo. FFLCH/USP, 2003.

⁵ MARCELINO, M. M. *Uma leitura do Samba Rural ao Samba Urbano na Cidade de São Paulo*. São Paulo. FFLCH/USP, 2007.

defendida na Geografia da USP em 2009 e posteriormente foi publicada em forma de livro⁶.

Este material será, portanto, fundamental na produção do meu primeiro capítulo onde, além das referências retiradas da bibliografia acima exposta, algumas letras de música serão bastante importantes para compreender as relações mantidas entre o samba, as populações negras e o desenvolvimento do bairro da Vila Carolina.

Ainda assim, uma vez que estes trabalhos dialogam, sobretudo, com o samba produzido na cidade de São Paulo, em nada contemplam o desenvolvimento do punk rock na Vila Carolina e, desta forma, precisei buscar alguma literatura que o fizesse. Se a bibliografia sobre a Vila Carolina já não é muito vasta, encontrar algum trabalho que aborde a relação entre o punk rock e aquele bairro parecia praticamente impossível. No entanto, o livro já citado “Meninos em fúria”, de Marcelo Rubens Paiva, que relata a vida e obra de Clemente Tadeu Nascimento, guitarrista, vocalista e fundador da banda *Inocentes*, uma das mais antigas bandas punk da Vila Carolina e, por consequência, do Brasil, se tornará minha principal referência bibliográfica acerca do punk rock produzido na Vila Carolina.

Neste sentido, a dificuldade em encontrar uma bibliografia mais vasta acabou tornando necessária a realização de entrevistas com moradores da Vila Carolina e bairros vizinhos. Assim, essa foi uma importante fonte de informações, contribuindo imensamente com o desenvolvimento do segundo e terceiro capítulos. Uma vez que, desde o final de 2018 e ao longo de todo o ano de 2019 passei a manter um maior contato com alguns moradores mais antigos do bairro, sobretudo aqueles que tiveram uma maior inserção nas agremiações carnavalescas ou bandas punk ali surgidas, as entrevistas se tornaram a minha principal fonte de informações acerca do bairro e sua produção cultural.

Entre os moradores com quem tive o privilégio de me aproximar ao longo deste período, cito aqui os nomes daqueles que foram entrevistados para compor a presente dissertação: Romildo Lacerda, antigo mestre de bateria da Sociedade Rosas de Ouro e da Portelinha de Vila Carolina, Mário Ezequiel (Tio Mário), antigo morador do bairro e um dos fundadores da Portelinha de Vila Carolina, Jaime Pereira Gomes, compositor

---

⁶ DOZENA, Alessandro. A geografia do samba na cidade de São Paulo. São Paulo: Polisaber, 2011.

e intérprete da Portelinha de Vila Carolina, Joaquim Laércio da Silva (Laercinho), compositor da Portelinha de Vila Carolina, Arnaldo Félix, antigo morador do bairro e frequentador dos ensaios da Portelinha, Ariovaldo Aparecido (Ari da Carola), primeiro intérprete da Portelinha e Eduardo Joaquim (Dadinho), antigo morador da região e componente da Velha Guarda do Camisa Verde e Branco. Além destes importantes nomes do samba e da Portelinha de Vila Carolina, entrevistei também Tina Ramos, punk da primeira geração e moradora do bairro vizinho à Vila Carolina, Vila Palmeiras e seu marido Ariel Uliana Junior, membro de bandas seminais do punk rock da Vila Carolina, como *Restos de Nada* e *Inocentes* e atual vocalista das bandas *Invasores de Cérebros* e *Os Insociáveis*, além de ter sido integrante da primeira gangue punk da região, a “Carolina Punk”⁷.

No entanto, uma vez que alguns dos entrevistados ainda não me conheciam muito bem, algumas entrevistas acabaram sendo realizadas com mais de uma pessoa de cada vez. As entrevistas que aconteceram em dupla foram: Laercinho e Arnaldo “King” Félix, Dadinho e Romildo Lacerda e Ariel e Tina Ramos.

Em relação aos nomes utilizados, já adianto que ao longo dos capítulos os entrevistados serão tratados a partir dos nomes com que se notabilizaram no bairro e em suas respectivas funções. Desta forma, os apelidos pelos quais cada um deles ficaram conhecidos estarão expostos ao decorrer de todo o texto dos segundo e terceiro capítulos.

Assim, através do primeiro capítulo, abordo a produção de uma nova espacialidade onde hoje está inserida a Vila Carolina de forma a, buscando na chegada das populações de baixa renda vindas de outros bairros ou, em muitos casos, de fora da cidade de São Paulo, apontar a característica de um bairro pobre que a Vila Carolina tinha durante suas primeiras décadas de ocupação. Para isso, a oposição entre a parte mais bem desenvolvida e consolidada da cidade e as novas áreas alcançadas durante seu processo de expansão, se dará justamente na presença do Rio Tietê. Se, por um lado, a região da Barra Funda, tão citada ao longo do primeiro

---

⁷ Em seu livro, Clemente afirma que havia duas gangues na região, os Ostrogodos e a gangue da Carolina. Estas, no entanto, eram anteriores ao início do punk, sendo compostas por apreciadores de *rock n’roll*. Segundo seu relato: “se tratava da era dos salões e das festas caseiras, em que só se tocava rock pesado, ambas as gangues tinham equipes de festa. Que deram nos primeiros punks, que não sabiam que eram punks, pois ainda não tinham inventado o punk rock nem identificado esse estilo comum entre jovens nova-iorquinos, londrinos e paulistanos”.

capítulo, foi mais densamente ocupada a partir da chegada das indústrias no local, os loteamentos produzidos na margem direita do Rio Tietê acabaram sendo ocupados, sobretudo, por uma população de mais baixa renda, dando origem aos bairros da Zona Norte paulistana.

Tal população, em muitos casos, necessitava cruzar o rio com frequência, devido aos postos de trabalho nas indústrias, comércio ou setores informais que se localizavam majoritariamente nas regiões mais próximas ao centro da cidade. Assim, é possível apontar que ao longo do seu processo de ocupação a Vila Carolina terá características comuns a outros bairros e regiões periféricas de São Paulo. A falta de infraestruturas adequadas para receber o grande fluxo populacional que passa a se dirigir àquela região da cidade ao longo das décadas de 1950 e 1960, a pouca oferta de empregos que obrigava a população a se deslocar para as regiões centrais para trabalhar e a própria forma de produção das moradias, baseadas no modelo de autoconstrução⁸, apontam a situação periférica e a função de domicílio da população de baixa renda.

No segundo capítulo, abordo a produção do samba na Vila Carolina e a importância desta musicalidade na identidade do bairro. O desenvolvimento deste ritmo no bairro será, como exposto no primeiro capítulo, motivado a partir da chegada de muitas famílias negras provenientes de alguns bairros centrais da cidade, bem como de cidades do interior do estado que possuem uma grande tradição na produção desta musicalidade negra. É desta forma que a Vila Carolina ganhará notoriedade no samba paulistano, sendo considerada um reduto de sambistas.

É também no segundo capítulo que irei abordar a história da escola de samba do bairro, a Primeira de Vila Carolina, carinhosamente chamada de Portelinha. Uma escola pequena, sem muitos recursos financeiros, mas que, justamente pela qualidade do samba ali desenvolvido, logo passará a crescer, causando um certo temor por parte de lideranças de algumas das escolas de samba consideradas mais tradicionais na cidade. Tal condição, no entanto, não será suficiente para manter a

---

⁸Forma pré-capitalista de produção de moradias baseada na força de trabalho do próprio morador. KOWARICK, Lucio. **A espoliação Urbana**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993, cap. 3, "Autoconstrução de moradias e espoliação urbana".

escola ativa até hoje, tendo a Portelinha encerrado suas funções já em meados da década de 1980.

As infraestruturas, em geral tão escassas neste período de ocupação daquela parte da cidade, mantiveram-se e, em muitos casos mantêm-se até hoje, insuficientes para atender à demanda de toda a população local. Assim, o lazer era uma das funções do Estado que foi absolutamente ignorada ao longo do desenvolvimento dos bairros da região. Nas conversas que mantive com alguns moradores que viveram este período, os festejos religiosos das igrejas da região e o uso das várzeas do Córrego Cabuçu de Baixo para passeios, pescaria ou para a prática de esportes, aparecem como algumas das atividades de lazer mais comuns entre os moradores da região.

Além das práticas citadas, o futebol de várzea e o samba são outros importantes hábitos citados como meios de lazer ou até mesmo como modo de vida pela população da região. O próprio surgimento de uma escola de samba no bairro foi relacionado pelos entrevistados aos jogos de futebol de várzea praticados nos campos da Vila Carolina e de outros bairros próximos. Muitos ritmistas da Portelinha teriam desenvolvido suas noções de percussão nas “batucadas” promovidas nas beiras de campo e, dessa forma, acabaram servindo de material humano para a escola de samba da Vila Carolina. No entanto, as rodas de samba e batucadas realizadas em um cortiço da Vila Carolina há muito desativado, o Navio Negreiro, também serão lembradas por alguns moradores considerados pioneiros como precursoras do samba na Vila Carolina tendo, dessa forma, influenciado muitos dos antigos sambistas do bairro.

Fundado em 1970, o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Primeira de Vila Carolina, está inserido em um momento de grandes mudanças no carnaval paulistano. Uma vez que, tendo chegado à prefeitura da cidade em abril de 1965, José Vicente de Faria Lima introduz, ainda no final de 1967, um novo regulamento para o carnaval paulistano baseado no regimento utilizado no carnaval do Rio de Janeiro. Tal regulamento passa a ser utilizado já no carnaval de 1968 e, o que se percebe a partir desse novo conjunto de regras, é que o formato tradicional das agremiações carnavalescas paulistanas, o cordão, vai aos poucos perdendo espaço, passando a se desenvolver em seu lugar as escolas de samba já baseadas no modelo carioca.

Com a oficialização dos desfiles em São Paulo há também o ordenamento de novos locais para os desfiles, além da cobrança de entradas para acompanhar as apresentações. Tais medidas acabarão em pouco tempo afastando as comunidades, sobretudo seus integrantes mais pobres, do direito de consumir o carnaval⁹. Com isso, há uma perda significativa das características mais populares do carnaval.

Além do mais, o que se observa no período em questão é que, para além dos interesses de mercado que passam a se tornar cada vez mais evidentes na produção do carnaval paulistano, as próprias contingências políticas do período, inserido nos chamados “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira, acabam apontando para uma perda da representatividade política dos setores civis da sociedade, principalmente de seus setores mais pobres. É exatamente nestes últimos anos da década de 1970 que se forma na Vila Carolina aquela que seria a semente do movimento punk de São Paulo, abordado ao longo do terceiro capítulo.

Estes primeiros elementos que já se identificavam como “punks” eram, em sua maioria, jovens moradores dos bairros da Zona Norte, como a Vila Carolina, Vila Palmeiras, Freguesia do Ó e do Bairro do Limão. Estes jovens, inicialmente atraídos por bandas de rock estrangeiras, logo passam a ver na estética, na sonoridade e nas letras do punk uma forma de se rebelar às opressões cotidianas vividas pela juventude pobre e periférica do período. Miséria, violência e falta de perspectiva no futuro eram alguns dos temas que marcaram as músicas da chamada “primeira geração” punk de São Paulo. Ademais, as gangues punk passam a surgir neste momento como forma de proteção destes jovens contra ataques de outros grupos ou da própria polícia, além de marcar os “territórios” punk da cidade de São Paulo. A Vila Carolina será representada, portanto, pela primeira gangue punk do Brasil, a Carolina Punk.

Os materiais utilizados para chegar aos questionamentos expressos no terceiro capítulo estão contidos, sobretudo, no já citado livro “Meninos em Fúria”, além de

---

⁹ Tal evento chega ao seu ápice com a construção do Sambódromo do Anhembi em 1991. O relato de Maria Aparecida Urbano sobre o sambódromo expõe como a questão financeira impediu os mais antigos do samba de ter acesso aos desfiles: “Quando foi feito o sambódromo, que a velha guarda não tinha lugar pra entrar. Eu estava fazendo parte de uma comissão e, então, eu tinha um crachá e eu ia entrar. Eu falei ‘Toniquinho (Batuqueiro), vamos embora, vamos pro sambódromo’, ele falou ‘Dona Cida quem sou eu. Eu ajudei a fazer esse samba paulista, mas eu não tenho a oportunidade de botar os meus pés lá dentro, eu não tenho dinheiro pra isso’”. Excerto extraído do documentário *Samba a Paulista*, parte I, aos 8:43 min. Endereço de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=KD1gx9xxVD8&t=1009s>

alguns documentários fundamentais para se compreender o histórico do desenvolvimento do movimento punk no Brasil. Dentre estes documentários “Botinada - a origem do punk no Brasil”, dirigido por Gastão Moreira e lançado em 2006, retrata o início e o desenvolvimento do movimento punk na cidade de São Paulo. O documentário “Ariel, sempre pelas ruas”, produzido por Ailton Lucena e Marcelo Appezzato e lançado em 2016, retrata de forma mais específica o surgimento do movimento punk na região da Vila Carolina, mormente através da imagem de um de seus primeiros integrantes, Ariel Uliana Júnior.

Além destes documentários, outros vídeos serão utilizados, como “Rota ABC”, retratando o desenvolvimento do punk rock na região do ABC Paulista, “Rock de Brasília”, que fala sobre o surgimento do movimento punk na capital federal e “Tempos de Rebeldia”, que apresenta os primórdios do punk em Londres e Nova York

A dificuldade em encontrar os antigos “punks da Carolina”, sobretudo aqueles que se mantiveram ativos no movimento até os dias atuais, acabou por reduzir muito o número de entrevistados em relação ao segundo capítulo. Neste sentido Ariel Uliana Júnior, antigo morador da Vila Palmeiras, bairro vizinho à Vila Carolina foi o único membro da primeira gangue punk do Brasil, a “Carolina Punk”, que consegui entrevistar. Além de Ariel, tive o privilégio de entrevistar a também punk, Tina Ramos. Tina é esposa de Ariel e, embora não tenha nascido na Vila Carolina, se mudou para o bairro a mais de trinta anos, quando passou a morar com Ariel.

Por fim, gostaria de apontar que a falta de bibliografia e referências que abordem diretamente a Vila Carolina é inversamente proporcional ao interesse demonstrado por boa parte dos moradores mais antigos da região com quem mantive contato. Apesar das histórias da Portelinha serem conhecidas por boa parte daqueles que residem no bairro, poucos indivíduos relataram conhecer a relação entre a Vila Carolina e o movimento punk de São Paulo, sendo este vínculo desconhecido até mesmo por seus moradores mais antigos. Dessa forma, pretendo ampliar os debates acerca da Vila Carolina, bem como propor uma valorização do punk rock enquanto movimento de afirmação da população jovem e periférica de São Paulo, sobretudo como um discurso de contestação produzido por essas vozes historicamente silenciadas.

CAPÍTULO 1 – Nata Do Samba (Airton Santa Maria e Mario Luiz – Velha Guarda Camisa Verde)¹⁰

A letra da música que intitula este capítulo introdutório faz uma apresentação da Vila Carolina enquanto uma localidade onde se concentra a “*Nata do Samba*” paulistano. Ainda assim, é inevitável nesta letra, apontar para as práticas tradicionais africanas e para o caminho traçado pelo samba na cidade até chegar na região da Vila Carolina. É exatamente sobre este ponto que propomos uma abordagem mais aprofundada neste capítulo.

O que os compositores Airton Santa Maria e Mario Luiz, ambos pertencentes ao “Trio de Ferro” da Velha Guarda da Escola de Samba Camisa Verde e Branco, tradicional escola de samba do bairro da Barra Funda, retratam através da letra, é que, conforme a população negra foi se deslocando pela cidade, o samba foi acompanhando e narrando todo este movimento. Desta forma, o caminho que as populações expulsas das regiões mais valorizadas da cidade vão fazendo, acabam levando boa parte destas pessoas para a margem norte do Rio Tietê, onde passam a se desenvolver os bairros que formam a atual Zona Norte paulistana.

Ainda assim, ao longo deste primeiro capítulo tentarei mostrar que, embora a Barra Funda seja historicamente um bairro de uso misto, havendo a presença de áreas industriais e também residenciais, onde vivia tanto a população pobre quanto a população de mais alta renda, é exatamente a parcela mais pobre da sua população que passará aos poucos a migrar para outros pontos da cidade mais distantes do centro.

Convém ainda fazer outro apontamento acerca do início da formação da região que, embora tenha se caracterizado por sua função industrial, apenas atinge o status de bairro no ano de 1892, quando se efetiva o processo de arruamento da antiga Chácara do Carvalho. De propriedade do Conselheiro Antônio da Silva Prado,

---

¹⁰ Eu não tenho culpa/ por fazer parte da nata do samba/ Venho lá da Vila Carolina/ que é tradição e um forte reduto de bambas/ Cantei na roda de pagodeiro/ Chamei a umbigada pro terreiro/ Toquei meu atabaque até o sol raiar/ E nessas noites com a moçada/ fiz muita poeira levantar/ Às vezes, ao lembrar meus tempos idos/ Fere meu peito o sentido, como aperta o coração/ Sambistas que deixaram relicário/ transformando o cenário/ Samba a nova geração/ Das Perdizes (Barra Funda)/ Através do Largo da Banana/ Na Zona Norte têm raízes/ Samba, candomblé, gente africana/ Santa Maria tem raízes (e a Vila Carolina)/ Samba, candomblé, gente africana.

esta antiga chácara estendia-se desde a Barra Funda, onde estava um de seus pontos mais remotos até a região da Água Branca, sendo suas partes mais elevadas ocupadas por uma população de mais alta renda e que residia em pequenos “castelinhos”, semelhantes àqueles que anos depois se notabilizaram na região da Avenida Paulista¹¹.

Assim, o que se observa a partir do loteamento da Chácara do Carvalho é que, ao longo do tempo suas áreas vão se valorizando, o que aumenta os preços e dificulta a compra ou aluguel de um terreno na região. Assim, conforme as populações pobres instaladas ao longo das primeiras décadas do século XX na Barra Funda vão tendo dificuldade em se manter no local, a saída encontrada por eles fatalmente será recorrer às áreas mais distantes, afastadas e isoladas na margem direita do Rio Tietê. Esta é uma das formas que irá se constituir boa parte dos bairros da Zona Norte de São Paulo ao longo das décadas de 1940, 50 e 60.

Tal movimento em direção à Zona Norte fica bastante caracterizado quando os autores apontam para as memórias dos seus “tempos idos”, relembrando que a população pobre acabou se deslocando na cidade e produzindo novos espaços mais afastados e pouco conectados às regiões centrais. Em algumas dessas novas localidades, sendo a Vila Carolina uma delas, acabam se constituindo territórios com uma forte relação com a produção do samba, aparecendo na referida letra como locais onde hoje pode “sambar a nova geração”. Tal movimento se constitui na saída de bairros mais próximos a região central, e que hoje estão mais valorizados pelo mercado imobiliário da cidade:

“das Perdizes, Barra Funda

Através do Largo da Banana.

A Zona Norte tem raízes,

Samba, candomblé, gente africana.

Santa Maria tem raízes [e a Carolina]

Samba, candomblé, gente africana”

---

¹¹BORIN, Monique Félix, A Barra Funda e o fazer a cidade. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. P. 46.

A Barra Funda, bairro onde se localizava o Largo da Banana, é retratada pela letra do samba como sendo um dos “pontos de partida” desta população negra em direção aos novos bairros que se formavam na Zona Norte. De fato, a Barra Funda, bem como a Bela Vista, Liberdade e tantas outras regiões da capital, têm seu processo de formação diretamente relacionado com a chegada das populações negras vindas do interior do estado, assim como aponta Alessandro Dozena em sua tese sobre a geografia do samba na cidade de São Paulo:

A cidade se urbanizava ao mesmo tempo em que recebia a contribuição dos negros vindos das cidades interioranas, onde a concentração de comunidades escravizadas permitia a estruturação do samba, a partir do batuque, do tambu, e das danças de umbigada¹².

Tal afirmativa também é apontada por Olga Von Simson em seus estudos acerca das práticas afro-brasileiras no interior de São Paulo. Segundo Simson, as práticas eram relativamente variadas e, dessa forma, recebiam diferentes denominações como Samba-lenço, Samba de Bumbo ou até Samba de Roda. Neste sentido, a pesquisadora irá apontar para as cidades de Campinas, Rio Claro, Piracicaba, Tietê e Pirapora do Bom Jesus como os principais centros irradiadores das práticas de samba no interior do estado¹³.

Ainda nos apoiando nos apontamentos dados por Simson, a autora confirma que já no início do século XX estava criado na parte mais baixa da Barra Funda um espaço composto majoritariamente por essa população negra vinda do interior do estado. Ainda assim, reforça a autora, a estrada de ferro que corta o bairro é fundamental para que haja tal aglomeração dessa população recém chegada do interior na região da Barra Funda:

Na Barra Funda viviam muitas famílias negras, cujas mulheres trabalhavam como empregadas domésticas nas mansões dos Campos Elísios ou Higienópolis e seus maridos eram carregadores ou ensacadores nos armazéns da São Paulo Railway ou trabalhavam nas fábricas do vizinho

---

¹² DOZENA, Alessandro. **A geografia do samba na cidade de São Paulo**. São Paulo: Polisaber, 2011. p. 39

¹³ Ibidem, p. 40.

bairro do Bom Retiro. Viviam em casas de cômodos ou habitações muito simples, situadas em sua maioria nas ruas mais próximas à via férrea¹⁴.

Tal característica é reforçada no depoimento concedido por Geraldo Filme para a dissertação de mestrado de Iêda Marques Brito, intitulada “Samba na cidade de São Paulo”: “Minha mãe trabalhava de doméstica numa pensão, lugar de muito movimento, na Alameda Glette, na Barra Funda, ela puxava samba e cresci no meio de tudo isso. Meu começo foi como baliza no Campos Elísios”.

Desta forma, Geraldo Filme acaba sinalizando que nas partes mais baixas e próximas à área da várzea do Rio Tietê residia uma população mais pobre, já nas partes altas da Barra Funda e mais próximas ao bairro de Campos Elísios estavam as residências de uma população de mais alta renda e que, em muitos casos, utilizava-se dos serviços domésticos prestados pelas mulheres pobres da parte baixa da Barra Funda.

A diferenciação observada entre o espaço público nas partes altas e baixas da Barra Funda tem suas raízes no tipo de ocupação destes lugares. Além das partes altas, já mencionadas a partir da fala de Geraldo Filme como sendo o local das moradias de parte da elite paulistana do período, as partes baixas são caracterizadas pela presença das moradias de mais baixa renda, cortiços, além das áreas industriais e da linha do trem.

O tipo de ocupação do solo ali observado, decorre em grande parte do fato de aquele local estar situado sobre a várzea do Rio Tietê. De relevo aplainado e facilmente alagável, tal característica contribuirá para os valores mais baixos dos terrenos das partes baixas da Barra Funda:

A industrialização impulsionou a urbanização e a cidade cresceu acompanhando os leitos dos rios e as linhas do trem. A falta de interesse pelos terrenos marginais às ferrovias como locais de residência, favoreceu a indústria que os adquiria a baixo custo para instalação de estabelecimentos fabris. Mas nos terrenos à beira das estradas de ferro e

---

¹⁴ SIMSON, Olga von. **Carnaval em Branco e Negro**. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 99

também naqueles localizados nas diversas várzeas da cidade, a população pobre que não tinha acesso à crescente modernização fixava residência¹⁵.

Tal perspectiva é também corroborada por Monique Félix Borin em sua dissertação de mestrado *“A Barra Funda e o fazer a cidade”*. A historiadora afirma que “a ocupação mista da Barra Funda atendia alguma segregação intra-bairro”¹⁶, ou seja, apesar da população da Barra Funda ser bastante diversa quanto às suas características econômicas, a própria estrutura espacial do bairro acabava por manter tais populações afastadas e segregadas.

Esta segregação vivenciada pela população da Barra Funda durante as primeiras décadas do século XX tem em uma de suas razões principais a disparidade econômica entre os habitantes das partes altas e baixas do bairro. Mas, para além disso, é necessário apontar a função de institucionalização do uso do espaço marcado pela presença da linha férrea nas partes mais baixas do bairro:

Um dos elementos que fizeram parte desse processo em São Paulo tinha uma presença forte na Barra Funda: as linhas férreas, e suas estações, marcaram não só a urbanização do bairro, como também seu cotidiano [...] Em muitos casos, as ferrovias serviam como uma materialização de um poder institucional sobre a população, que determina um certo tipo de uso do espaço e das relações entre os habitantes da cidade¹⁷.

Neste sentido, Marcelino irá ainda destacar que, principalmente no período entre 1900 e 1937 o surgimento de cordões carnavalescos acaba servindo “como forma de representar estes bairros e suas práticas sociais”¹⁸, revelando assim a importância do samba no processo de afirmação da presença dos corpos negros nestes espaços de institucionalização e segregação.

---

¹⁵ BELO, Vanir de Lima. **O enredo do carnaval nos enredos da cidade**. Dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 12.

¹⁶ BORIN, op. cit., 2014, p. 63

¹⁷ Ibidem, p. 117

¹⁸ MARCELINO, M. M. *Uma leitura do Samba Rural ao Samba Urbano na Cidade de São Paulo*. Tese (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. p, 52

Tais representações ocorriam, sobretudo, nos bairros considerados redutos negros em São Paulo e, para isso, utilizavam do próprio espaço público das ruas daqueles bairros:

A São Paulo cosmopolita do início do século XX, era repleta de contradições e experiências culturais diversas. Sua população pobre, no geral negra e imigrante, buscava na cidade em desenvolvimento formas de sobreviver e, com pouco ou nenhum acesso aos bens sociais e culturais, criava e recriava nas ruas, quintais e festas populares, suas manifestações culturais¹⁹.

Para além disso, é importante aqui trazer ao debate a perspectiva de John Blacking sobre o “padrão humanamente organizado” da música. Uma vez que a população negra da Barra Funda foi se assentando, sobretudo, nas partes mais baixas daquele bairro, formou-se ali uma comunidade extremamente próxima não só espacialmente, mas também em suas práticas cotidianas. Assim, a organização social produzida naquela localidade passa a ser a referência principal na produção do samba e das demais representações da cultura afro-brasileira no bairro.

Nesse sentido, John Blacking faz o seguinte apontamento: “Tenho descrito a música como um som humanamente organizado. Tenho defendido que devemos buscar entre os padrões de organização humana os padrões de sons produzidos como resultados da interação organizada”²⁰.

Ainda dentro da questão da representação da população pobre e negra dentro de seus próprios bairros, vale aqui pontuar a questão do pertencimento a determinado bairro ou comunidade e a forma como tal sentimento é expresso através das agremiações carnavalescas. Neste sentido, Belo avalia que:

Os laços de vizinhança e o sentimento de pertencimento ao lugar de moradia eram muito significativos, tanto que diversas escolas antigas e recentes fazem, em seus nomes, uma referência aos seus bairros, como, por exemplo, Nenê de Vila Matilde, Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Morro da Casa Verde, Acadêmicos do Tucuruvi, Príncipe Negro

---

¹⁹ BELO, op. cit., 2008, p. 17.

²⁰ BLAKING, John. **Hay Musica em el Hombre?**. Madrid: Alianza Editorial, 2006., p. 63.

da Cidade Tiradentes, Paineiras do Sapopemba, Império da Casa Verde, entre outras²¹.

A partir do momento em que fica clara a função de pertencimento a um bairro que seu cordão ou escola pode ter e, somado a isso, as competições entre tais agremiações no período do carnaval, é de se imaginar que fatalmente rivalidades passariam a existir. E, de fato, é isso o que ocorre. Nas palavras de Belo, é “a partir da década de 1930, com o surgimento de cordões em diferentes bairros da cidade, a rivalidade entre eles torna-se mais acirrada, o que provoca conflitos muitas vezes violentos”.²²

No entanto, sabe-se que boa parte das populações residentes nestes bairros era de origem pobre e, em muitos casos, viviam um processo de saída do interior e chegada na capital trazendo consigo o conhecimento sobre o samba que se desenvolverá a partir dos novos elementos captados na cidade. Neste sentido, Geraldo Filme mais uma vez traz uma importante contribuição a nossa pesquisa pois, em seu samba denominado “Batuque de Pirapora”, onde o compositor faz um relato acerca da experiência de uma criança negra ao ser batizada na cidade já no início do Século XX, são citadas algumas das cidades de grande importância para o samba no interior de São Paulo:

“Iniciado o neguinho,
num batuque de terreiro.
Samba de Piracicaba,
Tietê e campineiro.
Os bambas da paulicéia,
não consigo me esquecer,
Fredericão na zabumba,
fazia a terra tremer”.

---

²¹ BELO, op. cit., 2008, p. 26.

²² Ibidem, p. 33.

A letra deste samba foi composta já no período em que Geraldo Filme integrava a Escola de Samba Unidos do Peruche, uma das mais importantes escolas de samba da Zona Norte paulistana. A partir de sua vasta vivência nas manifestações religiosas da população negra do início do século XX, Geraldo Filme escreve esta letra de *“Tradições e Festas de Pirapora”*, recordando o início do século, que consagra a Unidos do Peruche vice-campeã do carnaval de 1971. A escola campeã daquele ano e que também se situa na Zona Norte, mais precisamente na região do Bairro do Limão, foi a Mocidade Alegre.

O que nos é mais relevante, no entanto, é que através de sua letra, Geraldo Filme acaba por expor que, para além do samba já produzido em algumas cidades do interior de São Paulo, na própria capital já havia uma parcela da população negra que, embora inserida no contexto de intensa urbanização vivida por São Paulo no início do século XX, ainda mantinha vínculos bastante fortes com o samba produzido no interior.

“Fredericão”, figura que aparece como o responsável pela zabumba no relato de Geraldo Filme é Frederico Penteado, importante sambista da fundação do Cordão Carnavalesco Vai-Vai, até hoje localizado no bairro do Bixiga. Assim, ainda que de forma indireta, Geraldo Filme acaba apontando para uma das áreas que recebia com maior volume esta população negra advinda das antigas fazendas cafeeiras do interior do estado.

Entretanto, não somente na região do Bixiga se concentrava esta população na capital paulista. Olga von Simson aponta para os três territórios negros da cidade de São Paulo no início do século XX. Segundo a historiadora, além do Bixiga, a Baixada do Glicério (atual Liberdade) e a Barra Funda, também eram localidades onde se concentrava boa parte da população negra paulistana²³.

Não coincidentemente, no Bixiga, Baixada do Glicério e na Barra Funda, subsistem três dos grupos carnavalescos mais antigos e importantes para a formação e desenvolvimento do samba na cidade de São Paulo. Respectivamente, as escolas de samba Vai-Vai, de 1930 e a Lavapés, de 1937, além da própria Camisa

---

²³ SIMSON, Olga von. **Carnaval em Branco e Preto**. São Paulo. EDUSP, 2007. p. 99

Verde e Branco foram fundadas e permanecem até hoje nestes três territórios negros citados por Simson.

Desta forma é importante apontar que o samba aqui utilizado como referência faz parte do repertório da Velha Guarda da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, escola de samba localizada no bairro da Barra Funda e herdeira direta do Grupo da Barra Funda, de 1914, um dos mais antigos cordões carnavalescos da cidade de São Paulo.

A história do Camisa Verde e Branco é um tanto conturbada, passando desde a mudança de cordão para escola de samba, em 1972, quanto até mesmo pela perseguição política durante o período varguista. Sendo assim, não pretendo me aprofundar muito na história da instituição, mas, sobretudo, na história de seu fundador, Dionísio Barbosa. A história de Dionísio Barbosa se confunde com a própria história de formação do bairro da Barra Funda, sendo uma importante referência para se compreender a constituição de um dos primeiros redutos de samba da cidade.

Dionísio Barbosa, que hoje é nome de uma pequena rua na Vila Santa Maria, bairro vizinho à Vila Carolina e também de onde se originou um dos compositores do samba que dá nome ao presente capítulo, era filho de um ex-escravizado que trabalhou nas fazendas de café do interior do Estado de São Paulo, revelando assim uma relação direta entre o samba produzido na Barra Funda e o samba produzido pela população escravizada nas fazendas cafeeiras do interior do estado²⁴.

Nascido em 1891 na cidade paulista de Rio Claro, Dionísio Barbosa chega em São Paulo ainda em 1906, quando passa a residir na parte baixa do bairro da Barra Funda. Quando completa 18 anos vai morar no Rio de Janeiro, onde trabalhou na fábrica de camas Primavera. No tempo em que esteve na Guanabara, Dionísio manteve um intenso contato com sambistas e capoeiristas dos bairros de Engenho

---

²⁴SAMBA à Paulista: fragmentos de uma história esquecida – parte 1. Direção: Eduardo Mello. Produção: Yara Camargo e Leandro Freire. Pró Reitoria de Cultura e Extensão da USP: 2007 (47 min 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmcJ1Umq31o>. Extraído da fala de Olga von Simson aos 43 minutos e 2 segundos.

de Dentro, Catumbi e Penha, participando desde então de alguns grupos carnavalescos²⁵.

Quando retorna para São Paulo já com uma boa experiência adquirida nos cordões e rodas de samba cariocas, Dionísio juntamente com seu irmão Luiz Barbosa e outros amigos fundam, no dia 12 de março de 1914, o Grupo Carnavalesco da Barra Funda. No entanto, já nos carnavais seguintes quando o grupo passa a ganhar novos adeptos, seus integrantes passam a utilizar um fardamento específico que passa a os identificar.

Vestidos de calças brancas e camisas verdes, o Grupo da Barra Funda passa a ser chamado pelos populares de “Camisas Verdes”, o que trará problemas, inclusive, no período do Estado Novo varguista, uma vez que essa denominação era a mesma utilizada pelo Partido Integralista de Plínio Salgado. Todavia, uma vez que o Grupo da Barra Funda é fundado em 1914 e o Partido Integralista surge apenas em 1932, tal semelhança entre os fardamentos utilizados não passa de uma infeliz coincidência.

Assim, é relevante apontar que, tendo nascido em Rio Claro, importante localidade do samba rural paulista e filho de “Seu” Barbosa, homem que “gostava de samba [...] tocava vários instrumentos e gostava de cantar”²⁶ Dionísio já esteve desde criança envolvido com o samba. No entanto, quando vai para o Rio de Janeiro e passa a conviver de forma bastante íntima com os grupos da capital federal, acaba por reunir essas influências e fundar o Grupo Carnavalesco da Barra Funda.

O desenvolvimento do samba no bairro da Barra Funda, portanto, surge como um fruto direto da presença destas populações negras que chegam à capital entre o final do século XIX e o início do século XX. Tal posição é sustentada por Márcio Marcelino em sua pesquisa sobre a transformação vivida pelo samba rural paulista quando este chega na capital:

Os lugares em que o samba rural vai se instalar são aqueles em que os negros que trabalhavam na lavoura de café vêm morar, principalmente nos

---

²⁵ BRITTO, Iêda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900 – 1930)**: um exercício de resistência cultural. 1986. Dissertação de mestrado em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986. p 72

²⁶ Ibidem, p. 73.

bairros da Barra Funda, Liberdade, Glicério, Bela Vista, Campos Elíseos, Vila Esperança, Cambuci e Vila Matilde²⁷.

Estas novas localidades que vão surgindo a partir da instalação das populações negras em São Paulo, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, são bastante características do desenvolvimento do samba nesta cidade. Ainda assim, uma vez que o rápido espraiamento da capital paulista produz uma constante expansão populacional a regiões cada vez mais distantes, o samba também será levado pela população negra a lugares mais afastados da região central.

Assim, é válido apontar que, embora já introduzido em um contexto urbano com características bastante distintas daquelas normalmente observadas no interior, o carnaval produzido pela população negra em seus redutos ainda no início do século XX mantinha uma série de características que remontavam ao carnaval das cidades pequenas do interior de São Paulo como, por exemplo, o bumbo, os instrumentos de sopro e as referências religiosas e rurais²⁸. Na capital, essas agremiações eram denominadas “cordões” e, ao modo dos festejos interioranos, tinham uma organização e uma forma de ocupar os espaços nas ruas extremamente distintas das atuais escolas de samba.

No entanto, é necessário apontar que o crescimento populacional, bem como a expansão da cidade de São Paulo, afastando cada vez mais as novas agremiações carnavalescas que vão surgindo, são alguns dos fatores que promoveram aos poucos mudanças na forma de organização destes grupos.

Neste sentido, Olga von Simson faz um depoimento extremamente importante no documentário “*Samba à Paulista*”, onde aponta algumas características dos carnavais do interior do estado, bem como revela alguns dos processos de mudança pelos quais o carnaval do interior de São Paulo foi submetido ao longo de seu desenvolvimento na capital:

A gente vê desaparecer a corte, a gente vê desaparecer o baliza, a gente vê desaparecer os instrumentos de sopro e de cordas dentro do carnaval.

---

²⁷ MARCELINO, M. M. op. cit., 2007. p, 52

²⁸ DOZENA, op. cit., 2011. p. 62.

E o modelão, então da escola de samba carioca, vai se implementando e aí o grande problema, tanto das escolas de samba quanto dos cordões de São Paulo, é fazer essa passagem. Por que percebem que o apoio oficial, eles só teriam se seguissem o modelo que estava ali instituído pelo documento [...] Essa mudança da população vai se dando conforme a cidade vai crescendo. E vai crescendo não só o número de participantes em cada escola como também o número de escolas, e o carnaval de São Paulo ganha um impulso muito grande nesse processo²⁹

O rápido crescimento populacional apontado por Simson é vivenciado por São Paulo desde as primeiras décadas do século XX. No entanto, tal desenvolvimento intensifica-se durante as prefeituras de Fábio Prado (1934 a 1938) e Francisco Prestes Maia (1938 a 1945), uma vez que a função industrial da cidade acaba sendo utilizada como motivo para a ampliação da infraestrutura viária da cidade. Sendo assim, a região central da cidade, neste período concentrada próxima aos vales dos rios Tamanduateí e Anhangabaú, passa a ser o foco principal do “Plano de avenidas para a cidade de São Paulo” desenvolvido por Prestes Maia e o também engenheiro, Ulhôa Cintra. É a partir deste período que São Paulo passa a fazer sua opção pelo transporte privado em detrimento do coletivo.

Largas avenidas, como a Nove de Julho e a Vinte e Três de Maio, passam a ser abertas ao longo dos fundos dos vales dos Rios Saracura e Itooró, respectivamente. A Avenida do Estado, ao longo do Rio Tamanduateí, também desenvolvida no início do século XX, é outra que recebe melhoramentos ao longo do período. É fundamental apontar neste caso, que tais áreas de várzea já haviam sido ocupadas pela população mais pobre, majoritariamente negra e, em geral, vinda do interior do estado.

Uma vez que os Rios Saracura e Itooró passam pelo bairro do Bixiga e o Rio Tamanduateí passa pelo bairro da Liberdade, a população negra que habitava majoritariamente nestes bairros foi a principal afetada pelas obras, sendo expulsa para ceder espaço para as novas construções. Esta população passa a se deslocar

---

²⁹ SAMBA à Paulista: fragmentos de uma história esquecida – parte 2. Direção: Eduardo Mello. Produção: Yara Camargo e Leandro Freire. Pró Reitoria de Cultura e Extensão da USP: 2007 (48 min 8 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fm7-qeOcdE0>>. Depoimento de Olga von Simson aos 40 minutos e 43 segundos.

em direção às áreas mais baratas para morar, em geral junto à calha do Rio Tietê. Neste momento, tanto as áreas junto à margem esquerda do Rio Tietê, tais como a Barra Funda e a Água Branca, quanto as áreas junto à margem direita do Rio, Freguesia do Ó e Casa Verde, passam a receber esta população. E o samba ia acompanhando este deslocamento. Assim, podemos admitir que, a população que já produzia samba nas regiões mais próximas ao centro da cidade passa, aos poucos, a também produzi-los nos nascentes bairros da Zona Norte.

O ritmo de crescimento observado no início do século se mantém e, em alguns períodos do século até se acentua. Desta forma, a lógica de produção do espaço urbano de São Paulo, inaugurada pelo Plano de Avenidas de Prestes Maia é mantida, e novas obras e projetos vão retalhando as áreas centrais da cidade, especialmente sobre as regiões onde se concentravam moradias ou espaços de reprodução da vida cotidiana da parcela mais pobre da população.

Assim, visto que o avanço de ruas e avenidas sobre áreas cada vez mais distantes passa a esbarrar nos rios e nas linhas de trem que cruzam a cidade, a alternativa encontrada será a construção de pontes e viadutos que conectem tais áreas mais isoladas. É exatamente neste momento que um dos mais importantes redutos do samba na cidade de São Paulo vai ser destruído para a construção do atual Viaduto Pacaembu. Em 1958, o Largo da Banana, território citado no samba de apresentação deste capítulo e situado na parte mais baixa da Barra Funda, junto à linha do trem, é mais um local escolhido para ceder espaço para o avanço do “progresso” na cidade de São Paulo. No ano seguinte o viaduto já está pronto e as rodas de samba e de tiririca tão comuns do Largo da Banana são obrigadas a “ir embora e procurar outro lugar”³⁰.

Na letra do referido samba, o Largo da Banana é trazido como um local relevante para se compreender o desenvolvimento do samba ao longo do seu processo de deslocamento na cidade de São Paulo. Diretamente conectado à linha férrea, o Largo da Banana desde muito antes da construção do Viaduto Pacaembu já centralizava boa parte população da negra e sambista da capital, estando essa

---

³⁰ Referência à música de Geraldo Filme, “Vou sambar noutro lugar”

concentrada no largo devido aos trabalhos informais desenvolvidos a partir da linha férrea.

A mais importante característica do Largo da Banana está diretamente vinculada ao trabalho de carga e descarga realizado por homens pobres e em sua maioria negros. Tal característica será lembrada por Plínio Marcos em seu álbum “Nas quebradas do mundaréu”. Este álbum conta com a participação de três importantes sambistas ainda do período dos cordões carnavalescos, Geraldo Filme, Toniquinho Batuqueiro e Zeca da Casa Verde. Entre as canções aparecem relatos sobre a vida da população negra, de seus costumes e, por consequência, do próprio samba. Em um destes relatos, Plínio Marcos apresenta o Largo da Banana como um importante local relacionado às atividades informais realizadas pela população negra. Em seu relato o Largo da Banana é definido como “onde a corriola se juntava para descarregar caminhão. E enquanto não vinha o caminhão, armavam a roda do samba e iam jogando tiririca”.

Dessa forma, o Largo da Banana acaba sendo uma localidade importante não apenas para o desenvolvimento do samba na cidade de São Paulo, mas, sobretudo, uma localidade negra onde se desenvolviam todo o tipo de eventos desta parcela da população paulistana. Assim, a tiririca, uma espécie de luta dançada e muitas vezes comparada à capoeira, comum entre a população negra de São Paulo, sobretudo aquela mais diretamente vinculada aos trabalhos informais, era também uma das atividades realizadas pelos carregadores do Largo da Banana enquanto aguardavam mais trens e caminhões para descarregar.

Tal luta consistia em um enfrentamento em que a finalidade principal era derrubar o oponente que, após vencido, deveria ceder seu lugar para outro desafiante entrar na roda. Enquanto uma dupla se enfrentava dentro da roda, os demais participantes tocavam e cantavam embalando aquela luta dançada. Tanto no Largo da Banana, quanto na Praça da Sé e em outros pontos para onde convergia a população masculina e negra do período, os caixotes dos engraxates ou as caixas de frutas dos carregadores, eram os “instrumentos” utilizados para conduzir aquele samba.³¹

---

³¹ MARCELINO, op. cit., 2007, p. 44.

Apesar da importância do Largo da Banana no desenvolvimento de tantos aspectos fundamentais da população negra de São Paulo, o mesmo foi demolido para a construção do atual Viaduto Pacaembu, na região do bairro da Barra Funda. Esta demolição, por sua vez, acompanhou todo um processo de ampliação do sistema viário paulistano, o que contribuiu ainda mais para a dispersão de sua população para localidades cada vez mais distantes.

Nas novas localidades que vão surgindo a partir da expulsão da população negra do Largo da Banana, o samba vai ressurgindo, afirmando sua função de “musicar” os movimentos de crescimento produzidos pelo dinamismo da cidade de São Paulo. Este fator acaba aparecendo de forma bastante evidente:

“Fiquei sem o terreiro da escola,

Já não posso mais sambar.

Sambista sem o Largo da Banana,

A Barra funda vai parar.

Surgiu um viaduto é progresso,

Eu não posso protestar,

Adeus, berço do samba

Eu vou-me embora, ou sambar n’outro lugar”

(Geraldo Filme – Vou sambar n’outro lugar)

Portanto, a incorporação de parte desta parcela da população negra expulsa da Barra Funda e das regiões próximas é um dos fatores fundamentais para transformar a Vila Carolina e a Zona Norte como um todo em um “reduto do samba”. Isto, no entanto, ocorre porque parte considerável desta população já estava relacionada ao samba em outras regiões da cidade e, desta forma, acabou levando tal prática para as localidades além-Tietê³².

Assim, retomando o que foi apontado por Geraldo Filme em seu samba “Vou sambar n’outro lugar”, as obras de transformações ocorridas no bairro da Barra

---

³²FINNEGAN, Ruth, 1989.

Funda, acabaram por deslocar parte considerável daquela população para regiões que dispunham de loteamentos de preço mais baixo para que estas pessoas pudessem construir suas novas moradias.

Desta forma, a Zona Norte, situada a partir da margem direita do Rio Tietê e que ainda não havia sofrido um intenso processo de urbanização até meados do século XX, local de muitos sítios, chácaras e fazendas, passa a ser dividida para a produção de loteamentos que possibilitaram a chegada da população de baixa renda que se deslocava dos bairros considerados mais valorizados próximos ao centro da cidade.

Tal movimento em direção a atual Zona Norte será apontado por Alessandro Dozena como:

a trajetória de fixação dessa população que, ao longo dos anos, deslocou-se das áreas mais centrais em direção às regiões adjacentes da cidade. [...] Esses negros foram jogados para a Bela Vista e a Barra Funda, depois para a Casa Verde, o Limão e a Freguesia do Ó e, em um terceiro momento para o Grajaú, Cidade Tiradentes e Tatuapé³³.

O deslocamento promovido pela população mais pobre em direção às áreas mais afastadas da cidade também será amplamente abordado por Lúcio Kowarick:

Até os anos 1930, quando começa a se ampliar a base produtiva ainda apoiada nos setores fabris tradicionais, principalmente a indústria têxtil e de alimentação, a acumulação industrial se concentra em poucas empresas situadas em alguns pontos da Cidade. Nesse período, a expansão industrial e da moradia da classe trabalhadora processou-se de maneira bastante adensada, confundindo-se com a vida nas fábricas e nos bairros operários. Em contraponto a esta forma de crescimento mais adensada, de modo especial até o fim dos anos 1970, ocorreu acentuada desconcentração das moradias dos trabalhadores, que, de alguns poucos bairros sediados em torno dos antigos centros fabris – Brás, Belém, Barra Funda, Mooca – irradiam-se para as inúmeras áreas da Capital e depois para vários pontos

---

³³ DOZENA, op. cit., p, 48

da Grande São Paulo, originando o que se tem denominado padrão periférico de ocupação do solo urbano³⁴

No caso já citado das formas de trabalho no Largo da Banana, ficou evidente que a função exercida pelos carregadores e mascates que se concentravam na região próxima à linha férrea, tinha uma relação direta com a chegada das matérias primas às indústrias, bem como o escoamento das mercadorias produzidas nas fábricas concentradas na Barra Funda. Ou seja, embora aqueles homens que já produziam o samba e outras formas de sociabilidade de origem tipicamente africana no Largo da Banana não fossem funcionários registrados das indústrias situadas na Barra Funda, sua presença naquele local estava diretamente relacionada ao arranjo espacial produzido pela industrialização daquele bairro. A produção do samba, neste caso, aparecia de forma relacionada à mão de obra informal, exercida em boa parte pela população negra, durante as primeiras décadas do século XX.

Assim, conforme vai se efetivando um novo modelo de cidade muito mais disperso, produzido pelo processo de desconcentração apontado por Kowarick, a população operária, bem como a de carregadores e mascates que estavam indiretamente relacionados à presença fabril na Barra Funda, vai se dispersando em direção às localidades mais afastadas da cidade. Neste momento, o fluxo de famílias pobres em direção aos loteamentos mais baratos da margem direita do Rio Tietê se intensifica, modificando de forma significativa a paisagem de sítios, chácaras e fazendas encontradas até então na Zona Norte.

É a partir deste movimento que os primeiros bairros com mais características urbanas vão aparecendo na região. Se antes a região tinha um tipo de uso do solo diretamente relacionado com a vida rural, com hortas, granjas e estábulos dispersos pelas propriedades do local, o que se vê a partir do fluxo que é criado já em meados da década de 1950, é que uma nova população assalariada, composta, em geral, por pequenos trabalhadores autônomos e do comércio, além de um sem fim de pequenos mascates, carregadores e “paus para toda obra”.

O surgimento das novas moradias produzidas dentro do modelo de autoconstrução passa a movimentar um grande mercado de terrenos nas áreas mais afastadas do centro. Dessa forma, alguns loteamentos incipientes passam a marcar

---

³⁴KOWARICK, op. cit., p. 26

de forma mais evidente a paisagem das localidades periféricas da cidade. No caso da Zona Norte, devido ao obstáculo natural formado pelo Rio Tietê, bem como por seu relevo irregular e suas muitas áreas de várzea, o valor dos lotes era frequentemente mais baixo do que o observado em outras partes da cidade. Tal característica destes loteamentos acaba por estimular a ocupação destes espaços pela população pobre e majoritariamente negra que estava sendo expulsa dos bairros centrais da cidade.

Assim sendo, a população acima descrita que passa a ocupar e modificar aos poucos os aspectos rurais até então observados naquela parte da Zona Norte paulistana, era composta por pessoas mais pobres e, sobretudo, negras e negros que, se deslocando a partir dos bairros mais centrais da cidade, já possuíam, em grande parte, algum tipo de relação com o universo do samba. Isto fica bastante evidente nas palavras de Seo Carlão do Peruche, Embaixador do Samba Paulista e fundador de uma das mais importantes escolas de samba da Zona Norte de São Paulo, a Unidos do Peruche:

Todo esse material humano, quando nós organizamos a Unidos do Peruche aqui, essas pessoas bem mais velhas do que eu na época vieram reforçar a Unidos do Peruche, tanto que a Unidos do Peruche nasceu grande [...] e nós fomos campeões no primeiro ano, por que o pessoal era tudo tarimbado, tudo experiente no que se refere a nossa cultura, ou seja, o samba.³⁵

Essa gente “tarimbada” ao qual Seo Carlão se refere, nada mais é do que a população vinda de outras partes da cidade onde o carnaval já era produzido a algum tempo. Desta forma, o que Seo Carlão acaba explicitando assemelha-se aos apontamentos feitos por Ruth Finnegan³⁶ acerca da produção musical na cidade de Milton Keynes, na Inglaterra que, segundo a autora, teria produzido uma intensa vida musical em seus pouco mais de cinquenta anos devido às experiências relativas à música que trouxeram os moradores daquela cidade.

---

³⁵ ZONA Norte SP: Carlão do Peruche. [S. I.] Associação Cultural Fábrica de Cinema: 2014 (15 min 1 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kei5Cp-iFGg>. Trecho retirado aos 5 minutos e 26 segundos do documentário.

³⁶ FINNEGAN, Ruth. 1989.

Neste sentido, os deslocamentos de Seo Carlão pelo universo do samba paulista até se estabelecer na região do Parque Peruche, bairro este também localizado na Zona Norte paulistana, nos aponta para uma rica vivência na produção do carnaval paulistano. Seo Carlão, residente no bairro dos Campos Elísios, já fazia parte da Escola de Samba Lavapés, a mais antiga Escola de Samba paulistana, localizada na Baixada do Glicério, no centro de São Paulo. Desta forma, Seo Carlão foi mais um dos muitos novos moradores dos bairros da Zona Norte a chegar àquela parte da cidade já com um conhecimento bastante grande acerca do samba, fundamental para compor este material humano “tarimbado” que é a base da formação das Escolas de Samba da região.

Uma vez que a população que passa a chegar na Zona Norte é composta por um expressivo contingente de negros e negras e possui relações bastante próximas com a produção do samba, era mesmo de se imaginar que o desenvolvimento de novas agremiações relacionadas a este importante traço da musicalidade africana acontece de forma natural naqueles bairros que ainda floresciam na margem direita do Rio Tietê.

Neste sentido, é necessário apontar que as obras de retificação do leito do Rio Tietê, desenvolvidas ao longo da década de 1940, servirão como um ponto de inflexão neste movimento de saída da população mais pobre das regiões centrais da cidade em direção às áreas afastadas do além-Tietê, sobretudo após a inauguração da Ponte da Freguesia do Ó, em 1950.

Assim, a Freguesia do Ó, o Bairro do Limão e as inúmeras vilas que foram se formando ao longo do processo de compra e loteamento dos antigos sítios, chácaras e fazendas que existiam na região, aos poucos vão recebendo toda essa população diversa vinda de bairros como Perdizes, Barra Funda e das localidades mais próximas ao centro da capital.

Na monografia escrita sobre o bairro da Freguesia do Ó para a coleção “História dos bairros de São Paulo”, Máximo Barro traz um importante relato sobre o caminho enfrentado para se chegar àquele trecho da cidade:

Para chegar à Freguesia, o paulistano de 1956 dirige-se ao Largo do Paissandú, entra numa fila que a certas horas mede 50 braças e depois de

aborrecer-se durante 60 elásticos minutos, aboleta-se em desconjuntado ônibus.

[...]Da Barra Funda para diante, o carro mete-se por um aterro que, segundo parece, ainda não está concluído. Roda para a ponte há pouco tempo inaugurada sobre o Tietê. Antes, porém de lá chegar, há uns pontos movimentados onde caminhões descarregam lixo. Esses resíduos ali ficam ao sol e à chuva fermentando, sob nuvens esvoaçantes de moscas.

[...]O ônibus salva a ponte, dá uma volta e... entrando-se afinal pela Estrada da Freguesia do Ó. Do lado esquerdo desdobra-se vastíssimo aterrado que alguns passageiros sabem tratar-se de um futuro campo de aviação. Mas do lado direito são os barrancos a pique, as cercas de arame farpado, os pastos de capim cheiroso... Lá em cima, as vorazes cavadoras mecânicas tirando aterro, deixam descobertas e nuas algumas pedras superpostas que lembram dolmens, esfinges. Dali partem estradas primitivas, às vezes lamacentas, onde os veículos atolam. As casas começam a surgir do chão, a aglomerar-se, a distribuir-se em ruas, em gramados, com a indefectível bola e os respectivos moleques.³⁷

Assim, percebe-se através deste longo relato que, na década de 1950, nos bairros do além-Tietê próximos à Freguesia do Ó, predominava ainda uma paisagem caracteristicamente rural, mas que já vinha adquirindo de forma bastante rápida uma série de elementos de urbanidade. Ou seja, estamos falando deste período como um importante momento na urbanização dos bairros pertencentes à Zona Norte paulistana.

Ainda analisando o processo de urbanização das áreas além-Tietê, é necessário ressaltar que tal processo de transformação vivenciado por aqueles bairros durante as décadas de 1940, 50 e 60, na verdade era uma decorrência direta das mudanças vivenciadas pelas áreas centrais da cidade que, em seu processo de expansão industrial e financeira, acabou acentuando os fluxos migratórios observados desde o início do século para a cidade de São Paulo.

O que se observa neste período, no entanto, é que, conforme a cidade vai crescendo em termos populacionais, a dispersão sobre as áreas mais afastadas e

---

³⁷Gazeta. 4 ago. 1956 apud BARRO, Máximo. **História dos bairros de São Paulo**: Nossa Senhora do Ó. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1977. p. 22.

situadas sobre o antigo “cinturão verde” de São Paulo vai acontecendo de forma aparentemente desordenada e não planejada. Na realidade, esta rápida expansão horizontal tem relação direta com os interesses do setor imobiliário em valorizar o mais rápido possível as áreas a serem urbanizadas no processo de formação da metrópole paulistana, ignorando assim a produção planejada daquele espaço.

Neste sentido, fica evidente a função rural estabelecida pelas áreas do além-Tietê até a década de 1950. No caso específico da Freguesia do Ó, um dos produtos que tornou conhecido o nome do bairro em praticamente toda a cidade foi a cachaça. Fabricada a partir da cana de açúcar produzida na região, a mais famosa das cachaças da Freguesia chamava-se “Caninha do Ó” e era comercializada por toda a cidade.

No entanto, outros produtos de origem tipicamente rural eram produzidos nos bairros desta região diretamente próxima às margens direita do Rio Tietê. Olarias, portos de areia, hortaliças e couro, juntavam-se à aguardente produzida na Freguesia e outros produtos cultivados no Bairro do Limão como importante fonte de renda para a população assentada nestes bairros anteriormente ao período de desenvolvimento de suas estruturas urbanas³⁸.

1.1. A formação da Vila Carolina

No caso específico do bairro da Vila Carolina, a história de formação e ocupação remonta ainda ao final do século XIX, quando se inicia a divisão das terras da antiga chácara da família Siqueira entre seus 14 herdeiros. A partir do início do século XX, estas terras passam a ser vendidas ou trocadas com terceiros e este foi o caso da Vila Carolina.

De propriedade do Conselheiro Antônio Prado ao longo da segunda metade do século XIX, a região onde a partir da década de 1930 passará a ser loteada para a formação da Vila Carolina, é comprada por sua irmã, Dona Veridiana Prado, ainda na virada de século. Importante aristocrata paulistana e proprietária de muitas terras entre os séculos XIX e XX, Dona Veridiana Prado troca as terras da atual Vila

---

³⁸ BARRO, op. cit., 1977. p. 72

Carolina com Francisco Rodrigues de Siqueira por uma chácara próxima onde, anos depois, iniciará o processo de loteamento e formação da atual Vila Albertina.

O projeto de loteamento da Vila Carolina e de parte significativa das demais vilas da região próxima à Freguesia do Ó é desenvolvido pelo Banco Munhoz, tendo sido iniciado o seu loteamento ainda na década de 1930: “A maioria dos loteamentos da região da Freguesia do Ó constituiu-se ainda na década de 1930, como as Vilas Bancária, Munhoz, Brito, Carolina, Ramos e Soares, loteadas pelo Banco Munhoz...”³⁹.

Ainda assim, a bibliografia acerca da Vila Carolina é extremamente limitada e, devido a isso, iremos aqui fazer nossas observações utilizando como referência trabalhos como os de Ruth Lavras Biajoti e de Odette Seabra, que falam sobre o desenvolvimento de outros bairros e vilas da mesma região. Seus trabalhos abordam respectivamente a Vila Palmeira e o Bairro do Limão, bairros vizinhos da Vila Carolina e com um desenvolvimento praticamente simultâneo.

Sendo assim, Biajoti afirma que a Vila Palmeira está “situada em área onde a densidade demográfica assentou-se, significativamente, no período de 50/60”⁴⁰, ou seja, nos anos imediatamente posteriores à construção da Ponte da Freguesia do Ó, terminada no ano de 1950.

Dá-se que tal acentuação da densidade demográfica observada na região ao longo das décadas de 1950 e 1960 acaba vindo a corroborar com nossa perspectiva acerca da chegada da população expulsa dos bairros centrais nas vilas da Zona Norte paulistana. Ocorre que, uma vez que a população que chega a Vila Carolina e entornos vem, em grande parte, de bairros onde a experiência carnavalesca já estava bastante difundida entre seus moradores, era de se imaginar que a produção do carnaval fatalmente se realizava também nos bairros da Zona Norte.

Desta forma, Biajoti dá mais uma importante referência acerca da chegada desta população na região das vilas situadas entre os Bairros do Limão e Freguesia do Ó:

---

³⁹ BIAJOTI, Ruth Lavras. **Uma vila paulistana**: Vila Palmeira. 1979. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979, p. 24.

⁴⁰ Ibidem. p. 12

Analisando os dados relativos ao local de nascimento da população que compôs a amostra, apresenta-se significativa a frequência de 47,6% dos nascidos na cidade de São Paulo. Em geral, os indivíduos dessa categoria são provenientes dos bairros da Lapa, Pompeia, Água Branca, Barra Funda, Brás, Bom Retiro, de outras vilas da Freguesia do Ó e de bairros vizinhos como a Casa Verde e Limão.⁴¹

Uma vez que a travessia no período anterior à construção da Ponte da Freguesia do Ó era feita em pontes de madeira improvisadas sem a resistência ou segurança necessária para um fluxo muito grande, é a partir da instalação desta nova infraestrutura que o fluxo para a região pode se tornar cada vez mais dinâmico. É neste período, inclusive, que as primeiras linhas de ônibus passam a chegar na região, facilitando o deslocamento da população dos bairros da Zona Norte em direção às áreas mais centrais da cidade. No entanto, apesar da chegada das primeiras linhas de ônibus na região, a infraestrutura ferroviária, ao contrário do observado com as regiões próximas a Barra Funda, não se desenvolve nos bairros da Zona Norte, o que está evidenciado nas palavras de Langenbuch: “as ferrovias – fator de reorganização e expansão do espaço urbano – não beneficiaram diretamente a região da Freguesia do Ó”.⁴²

Para além da não integração ao sistema ferroviário da cidade, as próprias características naturais da Vila Carolina e seus entornos, não facilitavam o deslocamento naquela região. Estando limitadas a oeste pelo Rio Cabuçu de Baixo, as partes mais baixas da Vila Carolina, Vila Palmeira e dos demais bairros em formação na região, sofriam constantemente com inundações, o que foi fundamental para que as primeiras linhas de ônibus que passaram a operar ali não acessassem a Vila Carolina, dificultando assim sua integração:

apesar de persistir certa solução de continuidade entre loteamentos contíguos, como Vila Palmeira e Vilas Carolina e Siqueira (Bairro do Limão), devido às constantes inundações do Rio Cabuçu de Baixo, as linhas de

---

⁴¹ Ibidem, p. 38

⁴² LANGENBUCH, Juergen. **A estruturação da Grande São Paulo**: estudo de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971. p. 99.

ônibus haviam integrado os loteamentos do Moinho Velho, Vila Itaberaba e Nova Cachoeirinha.⁴³

Visando a utilização total das áreas a serem loteadas, era costume das empresas incorporadoras vender terrenos nas áreas inundáveis das várzeas dos córregos e rios. Desta forma, muitos desses terrenos que estavam mais próximos ao rio e conviviam frequentemente com suas inundações, tinham preços mais baixos, o que acabou sendo um facilitador para as famílias mais pobres passassem a se instalar naquela localidade.

Apesar disso, inserindo-se aos poucos no contexto urbano de São Paulo, as terras do além-Tietê passam a sofrer um processo de valorização, o que amplia o uso urbano do solo destes novos bairros. Desta forma, Odette Seabra faz o seguinte apontamento:

[...] a construção das pontes de concreto sobre o Tietê e o Pinheiros, nos anos cinquenta e, em seguida, o programa de execução das vias marginais desses rios, tiveram, de certa forma, efeito análogo, pois permitiram a revalorização de vastas áreas de além-Tietê e de além-Pinheiros, tornando mais rentáveis o uso do espaço urbano naquelas localidades⁴⁴

Assim, é necessário observar que, a retificação do leito do Tietê e a construção das Avenidas Marginais foi um ponto fundamental na incorporação gradual das terras da Zona Norte à mancha urbana mais densa e consolidada de São Paulo. Ainda assim, as pontes do Limão e da Freguesia do Ó foram fundamentais para facilitar o acesso àqueles povoamentos distantes do além-Tietê.

Neste sentido é necessário analisar que a obra de construção da Ponte da Freguesia do Ó apenas foi concluída em 1956, ou seja, três anos após o término das obras na Ponte do Limão. Tais datas assim próximas evidenciam os interesses do poder público sobre as terras subocupadas do além-Tietê, integrando e valorizando aos poucos aqueles bairros.

---

⁴³ BIAJOTI, Ruth Lavras. op. cit. 1979, p. 25

⁴⁴ SEABRA, Odette. **Urbanização e Fragmentação**. Tese de Livre Docência. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 71.

Posto isso, a Vila Carolina, loteamento que se desenvolve já a partir da década de 1940 terá, ao longo das décadas de 1950 e 1960, seu principal momento de concentração e aumento populacional. No entanto, a circulação dessa população e seu acesso às áreas centrais se dá, em um primeiro momento, através da Ponte do Limão, como nos descreve Seabra:

Ao longo da Avenida Ordem e Progresso, sobre o canal do Tietê e das vias marginais expressas Presidente Castelo Branco e Otávio Alves de Lima, a ponte do Limão, moderna e de concreto, ligou a Barra Funda com diferentes localidades da Zona Norte de São Paulo, passando pelo Jardim das Laranjeiras na Casa Verde baixa. O fluxo saído da ponte seguia em direção ao Limão, à Nossa Senhora do Ó, Vila Brasilândia, Vila Carolina, Vila Santa Maria, Cachoeirinha e outras localidades menores.⁴⁵

Portanto, a antiga paisagem rural, de sítios e chácaras, que caracteriza o além-Tietê até pelo menos o final da década de 1940, passa a se alterar de forma cada vez mais significativa ao longo das décadas de 1950 e 1960, sobretudo após a construção das pontes que passaram a ligar os bairros do Limão, da Freguesia do Ó e seus respectivos distritos às regiões já densamente urbanizadas de São Paulo.

Já a dificuldade em integrar os bairros vizinhos, porém divididos pelos rios e córregos que abundam na região se manteve ao longo das décadas de 1950 e 1960:

[...] nota-se a compactação entre os vários núcleos e a presença das várzeas inundáveis do Rio Cabuçu de Baixo dificultando a conurbação entre Vila Palmeira, à sua margem direita, e Vila Carolina, à margem esquerda⁴⁶

---

⁴⁵ Ibidem, p. 97.

⁴⁶ BAJOTI, Ruth Lavras. op. cit., 1979, p. 27.

Figura 1 Detalhe do mapa do loteamento da Vila Carolina em 1954. Acervo de Carlos Alberto Teixeira Assunção. Fotografia: Carlos Alberto Teixeira Assunção.

Tal dificuldade na integração entre os núcleos vizinhos apenas será totalmente superada no início da década de 1970, quando os rios da região passam a ser canalizados. Nessa sequência, será construída, às margens canalizadas do Rio Cabuçu de Baixo, a Avenida Inajar de Souza já na metade da década de 1970, o que irá finalmente transformar a paisagem repleta de elementos de ruralidade da região em uma paisagem caracteristicamente urbana:

No início dos anos 1970, a presença de grandes indústrias na Avenida Marginal e as obras de retificação, canalização e urbanização das Bacias do Rio da Pedras e Rio Cabuçu de Baixo, para implementação de redes de esgotos e ligação de água com a rede geral, constituem os grandes elementos de modificação da paisagem urbana.⁴⁷

Não obstante, se por um lado a paisagem rural da Vila Carolina ia aos poucos se modificando pela chegada de grandes infraestruturas urbanas, por outro, o cenário característico de um bairro pobre e periférico ainda era mantido. Assim, além do modelo de autoconstrução que predominou na produção das residências da Vila

---

⁴⁷ Ibidem. p. 27.

Carolina e região, havia também a presença de alguns cortiços, evidenciando a precariedade habitacional da parcela mais pobre da população local.

Lúcio Kowarick relata em seus *Escritos Urbanos* que há em São Paulo uma proliferação dos cortiços tanto na região central quanto nas periferias mais afastadas: “velhos casarões são adaptados para receber o maior número possível de inquilinos e, não raras vezes, muitas construções são especialmente confeccionadas para essa modalidade altamente lucrativa de aluguel. Isso ocorre tanto nas áreas centrais quanto nas periferias”⁴⁸. Sendo assim, pode-se imaginar que o caso observado na Vila Carolina não era raro na periferia paulistana.

Entretanto, o que é extremamente importante apontar para um dos cortiços da Vila Carolina, foi exatamente sua função precursora na produção do samba e dos festejos carnavalescos no bairro.

Na Vila Carolina, segundo relatos dos próprios moradores, a ocorrência das primeiras experiências relacionadas ao samba se deu através da população de um dos maiores cortiços da região, o “Navio Negreiro”. Este cortiço não apenas explicita as origens negras de considerável parte da população da Vila Carolina da época, como também aponta para a manutenção do déficit habitacional da cidade de São Paulo.

Ainda assim, é importante caracterizar que a forma como se estrutura o samba no cortiço do Navio Negreiro é totalmente distinta das agremiações carnavalescas do período. Partindo de um modelo de organização baseado nos próprios moradores do cortiço, não havia ali uma distinção entre os músicos e a plateia, separação essa que será fundamental para o desenvolvimento das escolas de samba no período seguinte. Deste modo, podemos identificar essa primeira experiência de produção do samba na região da Vila Carolina como uma forma de manutenção dos laços daquele grupo de moradores do Navio Negreiro, o que se modificará a partir da criação de uma escola de samba no bairro.

Se anteriormente, boa parte da população que se desloca dos bairros mais centrais para a região da Vila Carolina residia em cortiços, pensões e todo o tipo de construção precária, o que se percebe no desenvolvimento da Vila Carolina já como

---

⁴⁸ KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 32.

bairro é que parte desta população permanece habitando cortiços e pensões, embora a parte majoritária da população estivesse relacionada ao processo de autoconstrução.

Desta forma, as rodas de samba que se formam a partir dos moradores e vizinhos do cortiço do Navio Negreiro teriam sido as primeiras a produzir esta musicalidade afro-brasileira na região da Vila Carolina, sendo até hoje lembrado por parte dos moradores mais antigos do bairro. É válido ainda apontar para o fato de que alguns dos entrevistados indicaram o cortiço do Navio Negreiro como uma localidade importante para o desenvolvimento do samba na Vila Carolina que, futuramente verá a fundação de uma escola de samba do bairro: a Primeira de Vila Carolina, popularmente chamada de Portelinha de Vila Carolina. O Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Primeira de Vila Carolina será a agremiação por nós abordada a partir do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – Vila Carolina: um reduto de bambas

Como já foi abordado no capítulo anterior, há um processo de saída da população mais pobre de bairros centrais da cidade de São Paulo e sua consequente chegada às partes localizadas na margem direita do Rio Tietê. Ocorre que, dentre os fluxos vindos de muitos bairros da capital e também de muitas cidades do interior em direção à Vila Carolina, há um número significativo de antigos moradores de bairros como Barra Funda, Perdizes e Pompeia. Este movimento será lembrado por alguns dos entrevistados deste capítulo, revelando assim uma relação direta entre as populações destes bairros e as famílias “pioneiras” da Vila Carolina.

Em algumas conversas que tive com moradores ao longo da produção desta dissertação⁴⁹, me foi retratado o caso de famílias negras que, prestando serviços para algumas famílias ricas da região dos Campos Elísios, acabavam por residir na região, sendo comum a residência na casa dos próprios patrões. Ainda assim, durante essas conversas, os relatos indicaram que já no início dos loteamentos na região da Vila Carolina, era comum que os patrões “facilitassem” a compra de unidades nos bairros. Dentre as falas coletadas com os entrevistados, apenas Dadinho, antigo morador do bairro e membro da Velha Guarda musical do Camisa Verde e Branco se recordou de tal característica: “Os patrões facilitavam para o povo vim pra periferia. Eles moravam tudo no centro, meu pai morava na Rebouças, minha mãe na Consolação e outros moravam nas Perdizes. De lá eles vinham para os bairros periféricos, né.”⁵⁰

Ainda assim, voltando a tratar dos bairros da Barra Funda e região, é importante salientar que, uma vez que estes bairros situados em regiões com considerável presença industrial tinham, em geral, um valor médio mais baixo que as regiões mais centrais da cidade, havia um grande número de moradores de baixa renda, bem como era comum a presença de cortiços na região. Nestes bairros havia também uma forte presença da população negra que, em oposição aos muitos

---

⁴⁹ Além dos entrevistados para a produção deste capítulo, conversei com muitos outros moradores da Vila Carolina de maneira informal. É a estes moradores que me refiro neste caso.

⁵⁰ DADINHO. Dadinho: entrevista [31 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 5 arquivos mp4. 2h 5min 22s. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (5min e 20s).

operários empregados nas fábricas da região, eram mais comumente absorvidos pelos serviços informais e, frequentemente, braçais e extremamente extenuantes.

Assim, o já citado Largo da Banana, tinha a importante função de entreposto de abastecimento para as populações da região da Barra Funda e até de bairros mais afastados. Na realidade, suas atribuições extrapolavam consideravelmente este ofício de entreposto, tornando-se um dos principais locais de desenvolvimento do comércio informal e, desta forma, atraindo até mesmo pequenos mercadores vindos de regiões do além Tietê.

Tais serviços informais também são apontados nos relatos de Dadinho. Neste caso, o Largo da Banana aparece como uma centralidade comercial onde os produtos ali vendidos serviam de abastecimento das casas da Vila Carolina e região ainda no início de formação daqueles bairros. Imagens como o “português” e o “espanhol”, vendedores de alimentos na região, confundem-se com a de Chico Cuba, senhor negro e ex-escravizado, como os responsáveis por vender nestes bairros ainda florescentes alguns artigos alimentícios comercializados na região do Largo da Banana

O pessoal que vinha lá do interior [...] muito deles iam trabalhar lá no Largo da Banana, que era como se fosse o CEASA de hoje. Então precisava de estiva, né. Os estivadores que ajudavam a descarregar o trem e tal. Cereais, arroz, fruta, tudo o que vinha do interior. Era um posto de abastecimento, então todas essas periferias daqui [Zona Norte] desciam lá no Largo da Banana com uma carrocinha que era pra poder pegar os mantimentos pra poder vender nos bairros daqui. Geralmente quem fazia isso eram os portugueses e espanhóis. E tinha um preto velho também, o Seu Chico Cuba, esse eu conheci.⁵¹

Em outra fala, Dadinho aborda novamente a relação entre o Largo da Banana e a Vila Carolina

[O Largo da Banana] era como se fosse um CEASA, era um posto de abastecimento, um entreposto. Então o pessoal daqui a maioria trabalhava lá. O pessoal era tudo estiva. O povo preto, principalmente, era tudo estiva, os mais pobres. E os espanhóis que vieram eles tinham tudo sua carrocinha

---

⁵¹ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (10 min e 15 s).

e iam buscar lá na Barra Funda, menos o Seu Chico Cuba que era escravo. E eles iam vender aqui, na Vila Espanhola e depois lá no Largo do Japonês. Mas isso foi depois, porque a colônia japonesa veio depois.⁵²

Apesar do abastecimento da Vila Carolina e de outros bairros da região estar diretamente relacionado ao comércio informal realizado no Largo da Banana, é fundamental notar que frequentemente havia também a presença de pequenas plantações, sobretudo próximas ao Rio Cabuçu de Baixo, denotando algumas características de ruralidade mantidas ainda no início do bairro. Em relação às características de ruralidade observadas, sobretudo nas formas de uso da várzea do Cabuçu de Baixo, Ari da Carola, antigo morador da Vila Carolina e primeiro puxador de samba da Portelinha, faz a seguinte colocação:

Na [Avenida] Inajar⁵³ depois é que veio o progresso, depois de Paulo Maluf, essas coisas. Mas antigamente até a minha casa era na beira do Rio Cabuçu [...] no rio era pescaria, era nadar. Eu brincava com meus irmãos no rio, pulava na água, tinha uns pés de chuchu do lado do rio (...) e o que a gente comia era o que tava plantado ali, pé de goiaba, essas coisas. Tinha muito peixe que a gente comia, aí 'miou'. Com a avenida acabou tudo⁵⁴.

Algumas características comuns a muitos loteamentos periféricos e de população pobre nascentes neste período residem exatamente no fato de que não havia um grande comércio nestes bairros, sendo poucas as lojas, mercados e armazéns. Sendo assim, nos casos onde este comércio rarefeito se confirma, pode-se imaginar que a importância desses pequenos revendedores de alimentos e até da produção local tornava-se ainda maior.

Mas, para além disso, há a necessidade de trazer luz ao fato de que os contatos estabelecidos entre a Vila Carolina e o Largo da Banana iam muito além desta importante, porém simples, revenda de alimentos. Aqui, retomo alguns pontos já abordados no primeiro capítulo dando uma sequência nessa exposição.

---

⁵² DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (13 min e 45 s).

⁵³ Avenida Inajar de Souza, construída sobre o Rio Cabuçu de Baixo.

⁵⁴ DA CAROLA, Ari. Ari da Carola: entrevista [1 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 5 arquivos mp4. 1 h 22 min 11 s. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (8 min e 25 s).

O fato de que muitas famílias negras vindas do interior ou até de outras regiões da cidade passam a se estabelecer na região do Largo da Banana e, de forma mais geral pelas partes baixas da Barra Funda, acaba por formar ali um importante território negro da cidade de São Paulo. De fato, a Barra Funda e o Largo da Banana são até hoje reverenciados como algumas das localidades mais célebres para o desenvolvimento do samba na cidade⁵⁵.

Ocorre que a ocasião do surgimento do samba naquela região não se deu ao acaso, muito pelo contrário. O desenvolvimento do samba na região está diretamente ligado às populações negras provenientes do interior que, chegando à capital, traziam uma imensa bagagem imaterial onde, dentre tantos outros conhecimentos, estavam o samba, o jongo e a umbigada. Antigo morador da Vila Carolina, Tio Mário lembra que: “aqui na [Vila] Santa Maria também tinha coisa de samba. Também tinha umbigada na [Vila] Palmeira, então o círculo ficou entre [Vila] Carolina, Barra Funda e [Vila] Palmeira”⁵⁶

Famílias provenientes de cidades como Tietê, Piracicaba, Capivari, Campinas e outros grandes centros cafeeiros do interior trazem consigo essas culturas que aos poucos vão se mesclando com outros elementos urbanos. Mas, se por um lado essa história já foi bastante abordada ao longo do primeiro capítulo, por outro lado é fundamental se questionar sobre quais foram os próximos movimentos realizados por essas famílias provenientes do interior, já dentro da cidade de São Paulo.

Uma vez que também já foi citado que inicialmente muitas dessas famílias se estabeleceram nas regiões próximas ao Largo da Banana e que aquela mesma região acabou, anos mais tarde, sendo alvo de uma série de grandes obras urbanas, é de se imaginar que tais famílias pobres acabariam sendo impedidas de se manter na região, como de fato foram.

Assim, conforme a permanência na Barra Funda e região ia se tornando inviável, muitas dessas famílias tiveram que migrar para outras partes da cidade cujos valores permitissem o assentamento dessas populações. Os novos loteamentos que vinham sendo produzidos aos montes nas regiões mais afastadas da ainda nascente

---

⁵⁵ A chegada dessas famílias na região da Barra Funda bem como o desenvolvimento do samba naquele local foram abordadas no primeiro capítulo

⁵⁶ TIO MARIO. Tio Mario: entrevista [20 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 4 arquivos mp4. 1 h 39 min 10 s. Trecho retirado do ARQUIVO 4 (17 min e 42 s).

periferia paulistana, apareciam assim como algumas das poucas opções efetivas dessas famílias.

É neste sentido que alguns relatos coletados durante as entrevistas vão abordar a chegada de muitas dessas famílias à Vila Carolina, assim como expressaram Tio Mário, Dadinho e Laercinho nos trechos expostos abaixo. Desta forma, aquelas populações provenientes do interior e que em boa parte já traziam os conhecimentos do samba passaram a se assentar na Vila Carolina e desenvolver suas culturas próprias pelo bairro que ainda principiava sua vida.

Tio Mário, antigo morador da Vila Carolina, participou ativamente da segunda fundação do Camisa Verde e Branco, em 1953 e da fundação da Portelinha de Vila Carolina, em 1970, defende essa perspectiva acerca do desenvolvimento inicial da Vila Carolina. Em suas falas pode-se perceber que, para ele, a presença desta população negra, onde os mais velhos eram ainda nascidos no interior e, em geral nas zonas rurais das cidades já citadas, foi fundamental para a chegada não somente do samba mais como para outras representações e tradições da população negra. As principais localidades citadas por Tio Mário são Tietê, Piracicaba e Capivari, regiões de grande produção cafeeira e, por consequência, de ampla utilização da força de trabalho das populações escravizadas.

Para Tio Mário, a saída desse contingente de população negra ao final do período escravocrata e sua progressiva chegada a alguns bairros da cidade de São Paulo, é um fator fundamental para o desenvolvimento do samba e outras manifestações culturais desta população. Além do samba e da Vila Carolina, outras manifestações e outros bairros são citados como exemplo por Tio Mário para explicar essa transferência de população negra de algumas regiões do interior para os bairros em geral mais pobres da capital: “Veio gente de Tietê pra Vila Palmeiras e aí, é como se diz, é um time de raiz [...] aqui na [Vila] Santa Maria também tinha coisa de samba. Também tinha umbigada na [Vila] Palmeira, então o círculo ficou entre [Vila] Carolina, Barra Funda e [Vila] Palmeira”⁵⁷.

---

⁵⁷ TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 4 (17 min e 40 s).

No caso de Dadinho, suas falas vão além e chegam de fato a indicar que esta população proveniente do interior constituiria um “quilombo” no bairro da Vila Carolina. Ainda assim, é importante notar que Dadinho sempre faz questão de deixar claro que havia a chegada de populações provenientes diretamente do interior, bem como de outros bairros mais centrais da cidade de São Paulo. Entretanto, a característica comum mais evidente a estas populações reside exatamente no fato desta ser majoritariamente negra.

[...] vinham da Barra Funda, das Perdizes, às vezes vinham de Pirapora ou do interior também. Era um pessoal periférico, né [...] então o pessoal vinha e se alocava nessa espécie de quilombo. O pessoal era paupérrimo, não tinha condições. Então não era que nem uma colônia que já vem com um terreno pra fazer isso ou aquilo, cultivar e tal. Vinha porque alguém tinha uma reserva de dinheiro e comprava um lote, ganhava um milheiro de tijolo e ia construindo aos poucos⁵⁸.

Um dos principais compositores da história da Portelinha de Vila Carolina, Laercinho é um dos muitos moradores que chegaram ainda durante a formação da Vila Carolina, sendo proveniente destes bairros mais centrais. A fala de Laercinho traz exatamente essa perspectiva do deslocamento interno na cidade após a chegada de alguma região do interior:

Eu sou nascido no bairro da Vila Pompeia. Nasci na Pompeia e fui criado aqui na Vila Carolina. Chegamos aqui [na Vila Carolina] em 1954, mais ou menos. Mas minha família veio do interior, veio de Guaxupé, Minas Gerais. Aí moraram um tempo em uma cidade do interior que eu não me lembro o nome, aí se mudaram pra Pompeia e depois vieram pra cá. Eu nasci na Pompeia e vivi lá até os 14, 15 anos [...] aí atravessei a mata e vim pra cá na Carolina, que era só mato e barracão de madeira⁵⁹

Assim como foi retratado por Dadinho, Tio Mário e Laercinho, Arnaldo ‘King’ Felix, antigo morador e frequentador dos ensaios da Portelinha também salientou a importância destes primeiros elementos interioranos no desenvolvimento do samba

⁵⁸ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (8 min e 10 s).

⁵⁹ LAERCINHO; KING, Arnaldo. Laercinho e Arnaldo King: entrevista [8 jun. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 3 arquivos mp4. 1 h 17 min 40 s. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (50 s).

no bairro, bem como de outros elementos culturais da população negra brasileira de forma geral.

As pessoas, principalmente os negros, eles desciam ali na estação e procuravam [Parque] Peruche, Pompeia, Bairro do Limão, Vila Nova Cachoeirinha, Vila Itaberaba, as redondezas aqui que eram bairros onde você tinha muitos nortistas [nordestinos] ou muitos negros. Então é por isso que talvez o samba, principalmente, tem uma raiz muito forte na Zona Norte, por causa dessas pessoas que vinham pra cá. Então isso foi o que trouxe o samba pra esses lados. Até por que se você for ver nos dias de hoje, a Zona Norte, na minha opinião, é o local onde você encontra mais escolas de samba. Isso é devido ao grande fluxo de negros que vieram morar pra esses lados⁶⁰.

De fato, a presença negra ainda durante o processo de formação da Vila Carolina será lembrada pelos entrevistados e também por outros tantos moradores⁶¹. Ao longo dos meses em que frequentei a Vila Carolina, foi bastante recorrente entre os moradores com quem conversei a perspectiva aqui reforçada por Arnaldo 'King' de que as origens do samba na Vila Carolina e, de forma mais geral, em toda a Zona Norte de São Paulo têm relação direta com a chegada das populações negras ainda na primeira metade do século XX.

Outra fala bastante importante e que também revela este processo de chegada das populações negras e de suas representações culturais é a de Ariovaldo Aparecido ou, simplesmente, Ari da Carola. Ari, que foi o primeiro puxador de samba da Portelinha de Vila Carolina, revela que embora já tenha nascido na capital, precisamente no bairro do Ipiranga, se muda logo em seu primeiro ano de vida para a Vila Santa Maria, bairro vizinho à Vila Carolina e, por fim, sua família se estabelecerá às margens do Rio Cabuçu de Baixo, hoje coberto e transformado na Avenida Inajar de Souza. No entanto, seus pais, irá afirmar Ari, são naturais do interior de Minas Gerais e, quando chegam em São Paulo, já tinham um grande envolvimento com o samba e outras variações da musicalidade negra.

---

⁶⁰ LAERCINHO; KING, Arnaldo, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (15 min 35 s).

⁶¹ Infelizmente não foi possível entrevistar um número maior de moradores por uma questão de prazo.

Minha mãe cantou no Paulistano da Glória, cantou naqueles programas de calouro da Rádio Nacional. E depois deu certo e começou a cantar naqueles salões, no Paulistano [da Glória] e a minha tendência foi essa. E meu pai gostava muito de samba e de Folia de Reis. Eu adoro Folia de Reis, não posso nem ver que começo a chorar, porque eu lembro do meu pai que me levava nas Falias de Reis que tinha lá na Vila Santa Maria, na [Vila] Carolina. Então eu acho que o que me puxou pro samba foi a Folia de Reis, incrível.⁶²

Além disso, outra informação bastante relevante acerca da chegada dessas famílias à Vila Carolina é a da existência de alguns cortiços no bairro. No entanto, é necessário avaliar que este tipo de moradia coletiva tem, em geral, uma forma de uso do terreno consideravelmente distinta àquelas observadas nas regiões centrais da cidade. Enquanto os cortiços do centro costumam tratar-se de grandes casarões antigos que após um certo tempo abandonados passam a ser ocupados por famílias de baixa renda, em bairros periféricos é comum que esse tipo de nomenclatura seja dada a construções produzidas pelos próprios moradores ou, em muitos casos, já construídas com o intuito de serem alugadas às famílias mais pobres.

Formados basicamente por casas pequenas integradas a um quintal ou corredor central, os cortiços que se desenvolvem nas periferias de São Paulo desde o início do século XX são chamados por Dadinho e Romildo de “terreiros”. Estes quintais ou “terreiros” acabaram servindo, portanto, como um importante espaço de fixação das populações negras advindas do interior na cidade de São Paulo.

Neste sentido, Rolnik fará uma importante caracterização deste tipo de moradia na inserção das populações negras na cidade de São Paulo:

[...] a habitação coletiva tinha uma arquitetura que implicava um cotidiano em que, na maior parte do tempo, as atividades relacionadas com o morar aconteciam em um espaço semipúblico, intermediário entre o interior da casa e a rua – os pátios e quintais coletivos. Os quartos eram usados praticamente para dormir e guardar ‘trastes’. Cozinhar, relaxar, conversar, brincar com as crianças, lavar pratos eram atividades desenvolvidas nos quintais⁶³.

⁶² DA CAROLA, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (1 min e 16 s).

⁶³ ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei**. São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 66.

No caso particular da Vila Carolina, Dadinho relembra a importância do cortiço do Navio Negreiro para o estabelecimento de parte da população do bairro, sobretudo a parcela negra:

O Navio [Negreiro] era uma espécie de um cortiço assim. Era várias casas que, por isso que falava navio né, era aquelas casas num terreno grande que o pessoal veio e se apossou, né. E ali que começou as rodas de samba, as festas, negócio de bandeirinha na rua, festa junina⁶⁴.

Quando questionado sobre qual a origem dessas construções, Dadinho nos dá mais um importante relato acerca do Navio Negreiro

Geralmente aqueles que loteavam [o bairro] o casarão maior ficava pra ele, né. Depois ele saía aí o pessoal se apossava, entrava um, entrava outro, mas cada um tinha sua casa. Eu digo assim: foi loteado, aí ficou um casarão. Aqueles que não tinham condições de comprar um lote já vinha pra esse casarão e dividia lá. Era um casarão só mas dividia, cada um ficava num quarto, no corredor e aí a construção ia estendendo⁶⁵.

Além dos cortiços, outros relatos bastante comuns entre os moradores do bairro, irão tratar da construção das casas próprias no início do bairro. A produção destas unidades habitacionais por seus próprios moradores é comumente lembrada durante as entrevistas. É assim que Dadinho irá dar seu relevante comentário:

Em geral [quem construía] era o próprio dono. Era aquela coisa de amizade, né. Que nem aqui, por exemplo, a minha casa era acho que a sétima casa. Então chamava todo mundo pra dar uma força e a família também, às vezes vinha o pessoal da família e os vizinhos, né. Terminava aqui e ia ajudar a casa do outro lá. E também era motivo de festa, porque quando cobria a cumeeira aí fazia uma vaquinha e tinha chopp. Cobriu a casa, cada um ajudava o outro, né. Não é igual hoje que você não conhece mais o vizinho⁶⁶.

Essas características não são exclusividade da Vila Carolina os dos bairros inseridos na mesma região. De fato, essas modalidades de produção das unidades

---

⁶⁴ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (6 min e 15 s).

⁶⁵ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (7 min).

⁶⁶ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (20 min).

habitacionais baseadas no modelo da autoconstrução ou até mesmo na ocupação de imóveis ou lotes para a produção de cortiços, são bastante comuns em boa parte dos bairros periféricos e de população de baixa renda. Tais características acabam por dar margem à interpretação de que o Estado ou o próprio Poder Público Municipal, teoricamente mais próximo da população, em muito pouco contribuíam para o desenvolvimento inicial destes bairros, bem como à futura instituição de melhorias no bairro.

É neste sentido que Dadinho irá fazer o seguinte apontamento:

A própria comunidade aqui, a comunidade negra principalmente, que ajudou a fazer a igreja e meu pai foi um deles. Só tinha uma cruz, aí os caras através de quermesse de festa de umbigada que vinha um pessoal do interior que foram angariando fundos para fazer a Igreja de São Luiz Gonzaga [...] E que prefeitura o que, prefeitura não fazia nada. Nós mesmos que fazia, o povo que fazia. Assentava até as guias⁶⁷.

Podemos avaliar assim que, com exceção da própria população, a presença do poder público na produção de melhorias para o bairro, sobretudo em seus anos iniciais, praticamente não existia. O bairro é uma produção dos próprios moradores

O cortiço, a autoconstrução e, sobretudo, o mutirão acabam por sugerir uma cooperação bastante grande entre os moradores destes bairros. De fato, neste caso, a proximidade não ocorre exclusivamente na questão das distâncias, mas, especialmente, na convivência e cooperação entre os moradores. Assim, tornou-se comum ouvir dos moradores da Vila Carolina que ainda nos primeiros anos de formação do bairro, as relações estabelecidas entre os moradores formavam uma espécie de “família” naquele local. Esta noção de familiaridade pode, ou não, vir acompanhada de relações de consanguinidade.

Dadinho, em uma de suas falas sobre a formação daquilo que considera ser um quilombo na Vila Carolina, traz essa perspectiva sobre a formação de uma “família” no bairro e, além disso, acaba sugerindo uma relação com o desenvolvimento do samba:

Eu costumo dizer que ali foi formado um quilombo porque essa raiz veio de tantos lugares principalmente aqui do estado de São Paulo mesmo, da roça mesmo e do povo preto de Campinas, de Pirapora e tal, e a maioria se juntou

---

⁶⁷ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (28 min 15 s)

num lugar só. E aí se tornou uma família e esse ritmo já veio junto com a gente⁶⁸.

Em uma conversa com Laercinho e Arnaldo “King”, essas relações de parentesco entre os primeiros moradores também foram abordadas. Laercinho, que é filho de pai e mãe mineiros e nascido na Vila Pompeia, muda-se com a família ainda durante a formação da Vila Carolina. Sua casa está construída ao fundo de um longo terreno ocupado por seus familiares e agregados ao longo período de estabelecimento no bairro. É um exemplo dos já citados terrenos divididos entre muitas moradias e frequentemente chamados de quintais ou terreiros.

Este tipo de uso do terreno foi bastante comum nos anos de formação do bairro e, ainda hoje, muitos de seus exemplares mantêm-se pouco modificados. Um destes exemplares, construído pela família Félix, tem a sua formação relatada por um dos membros da família, Arnaldo “King” Félix. Em sua fala Arnaldo fará algumas comparações com o local que estávamos enquanto a entrevista era realizada, na casa de Laercinho.

Aqui nesse quintal é só família, é o legado do seu pai [do Laercinho]. Não é diferente da minha história, não. Minha família veio pra cá em 1948 e a situação era a mesma, assim como boa parte daquelas famílias, principalmente de negros. A gente veio daquela região de Ribeirão Preto, Araraquara, quase todas as famílias vinham daquele nicho. Paravam primeiro na estação da Luz, alguns iam pro Peruche, outros iam pra Pompeia e meus pais vieram direto pra Carolina e construíram aqui.⁶⁹

As falas até aqui apresentadas contribuem para a compreensão do processo de formação da Vila Carolina, bem como revelam a região de origem de parte de seus moradores pioneiros. Ao longo da segunda parte deste capítulo buscarei compreender o desenvolvimento do samba no bairro que carregará consigo o epíteto de “reduto de bambas”.

Ainda assim, uma vez que ao longo dessas mais de seis décadas as experiências na produção do samba na região foram muitas e muito diversas, irei resgatar a história do samba na Vila Carolina através daquela que talvez tenha sido a

---

⁶⁸ DADINHO. Romildo Lacerda: entrevista [31 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 53 min 31 s. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (18 min). Intervenção feita por Dadinho durante a entrevista com Romildo Lacerda.

⁶⁹ LAERCINHO; KING, Arnaldo, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (10 min 20 s).

sua principal experiência: o Grêmio Recreativo Escola de Samba Primeira de Vila Carolina ou, como é em geral e carinhosamente chamada, Portelinha de Vila Carolina.

2.1. Portelinha: um rio que passou em minha vida

Uma importante característica observada no processo de formação da Vila Carolina é que, além de boa parte de seus primeiros moradores serem oriundos de outros bairros ou até cidades em comum, havia também fortes laços de solidariedade entre aquela população. Tal relação de reciprocidade dava-se, segundo algumas falas dos entrevistados, não somente por uma relação de amizade, mas, também, por frequentes laços de parentesco entre estes primeiros residentes do bairro.

Torna-se relevante avaliar que, além da cooperação na construção de muitas casas no bairro, esse aflorado senso de comunidade era despertado também em outras relações entre os moradores. Determinadas formas de sociabilidade comuns na Vila Carolina merecem uma atenção especial de nossa parte. Uma vez que a população da Vila Carolina era formada basicamente por moradores pobres e, além disso, o próprio bairro não contava com muitas benfeitorias produzidas por parte do poder público, tais formas de sociabilidade serão produzidas exclusivamente a partir da ação dos moradores do bairro.

Além de atividades já citadas nas entrevistas como natação, pescaria e passeios à beira rio, o futebol de várzea surge na Vila Carolina como uma das mais frequentes formas de sociabilidade produzidas de forma coletiva durante o processo de formação do bairro. Neste sentido, é fundamental uma compreensão do futebol para além do jogo em si. Algumas relações estabelecidas nos “alambrados” dos campos de terra da região serão fundamentais para o desenvolvimento da própria Portelinha de Vila Carolina.

Tal relação entre o futebol de várzea e o desenvolvimento de escolas de samba, pode ser observada em uma série de agremiações do carnaval paulistano e, neste ponto, a Portelinha não foge à regra. O samba ou, como é mais comumente citada pelos entrevistados, a “batucada”, era um elemento bastante presente nos campos de várzea da Vila Carolina. Dadinho é um dos entrevistados que irá relatar

essa proximidade entre a “batucada de beira de campo” e o desenvolvimento da Portelinha:

A Portelinha vem também através de um time de futebol, na verdade vários. Porque o pessoal tinha aquelas batucadas de beira de campo, né. Um time chamava Parada Forçada, que era de um barzinho que obrigatoriamente o pessoal parava nesse bar. Aí depois veio outros times também, como o Anchieta. Nesse ínterim foi através dessa batucada, nasceu a Primeira de Vila Carolina.⁷⁰

Uma outra figura muito importante para o samba da Vila Carolina e um dos nomes mais vitoriosos do carnaval paulistano, Romildo Lacerda é seis vezes campeão da elite do carnaval paulistano no cargo de Mestre de Bateria da Sociedade Rosas de Ouro e afirma que o início do seu desenvolvimento como ritmista se deu nas beiras de campo da Vila Carolina e região.

Mestre Romildo, nascido em março de 1954 no bairro da Saúde, Zona Sul de São Paulo, chega ainda aos três anos de idade na Vila Carolina, bairro onde se dará sua formação como ritmista e mestre de bateria. Na questão anteriormente exposta da relação entre o futebol varzeano da região e o desenvolvimento da Portelinha, Romildo faz de forma bem humorada uma importante análise de como estas “batucadas” foram importantes para produzir alguns dos primeiros ritmistas da Portelinha:

[Os ritmistas] eram todos oriundos da beira do campo. Juntava três, quatro instrumentos, aquela rapaziada e iam até altas horas cantando. E não tinha esse negócio de cerveja não, né. Era uma garrafa de cachaça [risos]. A vida da gente era difícil [risos]⁷¹

A questão da dificuldade em se fazer essas batucadas na beira de campo será novamente exposta por Romildo quando o entrevistado relata a precariedade dos instrumentos utilizados, bem como algumas adversidades que não chegavam a impedir as batucadas.

A gente só tinha um bê-a-bá na beira de campo, entendeu. Na beira de campo a gente só sabia o que era um surdo muito mal afinado, uma caixa que não

⁷⁰ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (5 min 18 s)

⁷¹ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (4 min)

tinha nem bordão, a gente trabalhava com esteira que era um material ruim pra caramba. A gente não tinha acesso a baqueta, a pele era de couro⁷².

A fala de Romildo torna-se ainda mais relevante quando recordamos que além do mesmo ter sido ritmista da Portelinha, Mocidade Alegre e Rosas de Ouro, foi também Mestre e Diretor de Bateria da Rosas de Ouro por 16 anos, tendo conquistado seis títulos do carnaval paulistano ao longo deste período e, consagrando-se assim, o terceiro maior vencedor da história do Anhembi dentre todos os mestres de bateria de São Paulo. Apesar de todo o sucesso de Mestre Romildo ao longo de sua carreira no carnaval paulistano, vale lembrar que tantos outros sambistas e batuqueiros tiveram o desenvolvimento de suas primeiras noções rítmicas em alambrados e arquibancadas espalhados pelos campos de futebol de várzea por toda a cidade de São Paulo, sendo este local extremamente importante para a formação de ritmistas até hoje⁷³.

Evidentemente, a beira de campo não foi o único lugar onde muitos dos ritmistas do bairro desenvolveram suas primeiras capacidades. Na realidade, como já dito anteriormente, a presença do samba e da musicalidade negra nos foi relatada como algo comum desde o início da formação dos primeiros lotes na região da Vila Carolina. A presença dessa população negra e, mormente, a presença de muitas pessoas que já traziam consigo um considerável conhecimento acerca do samba e de outros ritmos essencialmente negros de seus outros locais de moradia, fosse já na capital ou ainda no interior, é frequentemente lembrado pelos entrevistados como características fundamentais para o desenvolvimento de um reduto de samba na Vila Carolina.

Dentre as muitas famílias chegadas do interior à cidade de São Paulo e, sobretudo, ao bairro da Vila Carolina, algumas foram de extrema importância para o desenvolvimento do samba e do carnaval já dentro deste contexto de formação das periferias paulistanas. Dentre os entrevistados, Tio Mário é descendente de uma dessas famílias vindas do interior e radicadas na Vila Carolina. Sua mãe e seu pai são nascidos, respectivamente, em Tietê e Piracicaba, ambas cidades do interior de São

---

⁷² LACERDA, Romildo. Romildo Lacerda: entrevista [23 jan. 2020]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 1 h 17 min 23 s. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (2 min 37 s)

⁷³ Outros exemplos de ritmistas formados nos alambrados da Vila Carolina são Mestre Zuca (Mestre de bateria da Sociedade Rosas de Ouro) e Arnaldo Alves da Silva, também conhecido como Mestre Pelé, percussionista que toca atualmente com Leci Brandão

Paulo, de grande importância para a produção cafeeira no início do século XX e com grande concentração de população negra.

Nascido na rua Sérgio Tomás, na parte baixa da Barra Funda, ao ano de 1928, Tio Mário é, até hoje, uma das figuras mais reverenciadas do carnaval paulistano. Diz não se recordar ao certo com que idade, mas chega ainda jovem à Vila Carolina. Antes disso, Tio Mário participou do Cordão Carnavalesco dos Campos Elísios, da refundação do Camisa Verde e Branco, em 1953 e da fundação da própria Portelinha de Vila Carolina. Infelizmente, pouco mais de um mês após a entrevista concedida para a presente dissertação, Tio Mário faleceu aos 91 anos de idade deixando um legado importantíssimo para o samba e o carnaval na cidade de São Paulo.

Sobre seu legado, já no início de nossa entrevista, Tio Mário fez questão de trazer um breve resumo de sua vida no samba paulistano:

Não é que eu sou o fundador da [Portelinha de Vila] Carolina, mas aqui foi o lugar onde eu me encontrei mesmo, entende. Que o pessoal fala [que eu vim] do Camisa Verde e eu digo 'eu não vim do Camisa Verde. Eu vim dos Campos Elísios, gente. Não tinha Camisa Verde'.⁷⁴

Assim, em sua fala, Tio Mário nos revela que embora ele já tivesse uma longa trajetória no carnaval paulistano, é na Vila Carolina o local onde ele vai fincar raízes mais fortes ou, em suas próprias palavras, é a Vila Carolina o local onde ele vai “se encontrar”, mantendo ali residência fixa por muitos anos e constituindo sua família.

Especificamente na questão da fundação da Portelinha, Tio Mário, que participou ativamente da escola mesmo antes da sua fundação oficial, traz uma perspectiva bastante importante acerca da relação entre o samba produzido na Vila Carolina e a A.C.S.E.S.M.⁷⁵ Camisa Verde e Branco. Tio Mário avalia que a batucada da Portelinha já acontecia alguns anos antes mesmo da sua fundação oficial, em 1970 e que, além disso, muitos moradores do bairro já desfilavam em outras escolas de samba mais antigas da região, sobretudo no Camisa Verde e Branco, devido à relativa proximidade entre a quadra da escola e a Vila Carolina.

Neste sentido, Romildo Lacerda dirá o seguinte: “a gente tinha diversos terreiros, tanto é que o Camisa é do outro lado mas já foi a escola mais próxima. Tinha

---

⁷⁴ TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (início do arquivo).

⁷⁵ Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco

o Peruche, mas o Camisa era mais perto”⁷⁶. Ou seja, havia já no início da formação da Vila Carolina algumas escolas de samba dispersas pela região. No entanto, a proximidade maior com o bairro da Barra Funda, faz com que a maior parte dos sambistas da Vila Carolina passasse a frequentar o Camisa Verde e Branco.

Arnaldo “King” traz em sua fala uma importante perspectiva acerca da relação entre a fundação da Portelinha de Vila Carolina e os muitos moradores do bairro que frequentavam o Camisa Verde e Branco:

O embrião da Portelinha, embora a fundação tenha se dado em 1970, mas o embrião dela começou aqui em mais ou menos 1958, quando surgiu a ideia de fazer alguma coisa ligada ao samba, né. Principalmente porque o Camisa Verde foi fundado em 1954 e a maioria das pessoas que saíam no Camisa Verde eram aqui da Vila Carolina [...] depois, em 1970 foi fundada a Portelinha sobre os auspícios da Portela do Rio de Janeiro que é a madrinha da Portelinha, e que veio aqui na fundação da Portelinha em 1970.⁷⁷

Laercinho, que nos anos em que esteve na Portelinha destacou-se como um dos principais compositores da história da escola, relata a sua primeira experiência em uma escola de samba que, assim como muitos no bairro, se deu através do Camisa Verde e Branco:

Faz muito tempo, foi no Camisa Verde. O Seu Inocência [Tobias], eu fui lá e ele falou assim ‘você sabe bater alguma coisa?’. Ele falava meio acaipirado, né. ‘Eu sei tocar tamborim’. Aí ele me deu o tamborim e eu bati. Depois pegou a caixa e falou ‘bate nisso aí’. Aí eu comecei a bater, mas no começo não saiu nada bem, mas ele viu que eu tinha jeito. Aí num dia ele cismou ‘ô Laerte, você vai sair na minha escola agora batendo esse negócio aí de tambor’, aí eu disse ‘tá bom’. Aí eu saí a primeira vez e saí seis anos no Camisa Verde. Aí depois eu parei um tempo e foi fundada a Portelinha e, como a gente é aqui da vila, aí eu comecei a sair na Portelinha.⁷⁸

Segundo Tio Mário, a fundação da Portelinha também esteve diretamente ligada ao Camisa Verde e Branco, uma vez que, além de muitos integrantes do Camisa serem oriundos da Vila Carolina, o próprio Tio Mário, que participou da fundação da Portelinha em 1970, participou também da segunda fundação do Camisa Verde e Branco em 1954:

A gente vinha dos ensaios do Camisa, meu irmão e eu, e parava lá em cima no bar do Seu Dito. Aí a gente ficava por ali e eu disse ‘vamos fazer um

⁷⁶ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (12 min 25 s)

⁷⁷ LAERCINHO; KING, Arnaldo, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (19 min 35 s).

⁷⁸ LAERCINHO; KING, Arnaldo, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (5 min 12 s)

negócio'. Aí pegava uma caixa, alguma coisa e saía fazendo samba na rua. Aí parava nos botecos, pegava uma garrafa de alguma coisa. E assim a coisa começou e foi crescendo.⁷⁹

De fato, a fundação da Portelinha acaba atraindo uma parte considerável dos sambistas da região e que, dessa forma, passam a frequentar as batucadas nas ruas da Vila Carolina. No entanto, segundo algumas falas coletadas, houve de início um certo estranhamento por parte de algumas lideranças de outras escolas mais tradicionais. Entre essas lideranças, Seu Inocêncio Tobias, presidente do Camisa Verde e Branco entre os anos de 1954 e 1980, é lembrado por alguns entrevistados como sendo um daqueles que foi resistente quanto ao desenvolvimento da Portelinha.

As palavras de Laercinho trazem uma dimensão do orgulho, mas também das críticas que o crescimento da Portelinha acabou por gerar:

A Portelinha pra nós era o maior orgulho, né. Eu andava por aí com a cabeça inspirada. Saí do Camisa Verde um tempão, mas saí com a cabeça assim pro alto. E o seu Inocêncio falava 'essa escola vai acabar um dia. Ela vai acabar um dia, vocês vão ver'⁸⁰

Arnaldo "King" também cita a figura de Inocêncio Tobias como uma força de resistência ao crescimento da Portelinha:

Eu acho que o Inocêncio [Tobias] do Camisa Verde ele tinha, de certa forma, um medo de que se a Portelinha crescesse o Camisa Verde talvez morresse, por que a maioria era daqui. Tanto é que a Velha Guarda musical do Camisa Verde todos eles são da Vila Carolina. Cantores, pessoas da direção do Camisa Verde dos dias de hoje são daqui da Vila Carolina. Eu acho que o grande medo do Inocêncio é que se a Portelinha vingasse o Camisa Verde ia entrar numa descendente.⁸¹

Ainda assim, como já foi dito anteriormente, o surgimento da Portelinha se deu antes da sua fundação oficial em 1970. A fundação da escola terá a participação de outros nomes bastante importantes para o samba na Vila Carolina, tal qual nos foi indicado por Tio Mário:

Aí é como se diz, eu fiquei naquela ideia e falei 'vou fazer uma escola de samba aqui'. Mas tinha um pessoal lá que falava por causa do Camisa Verde

⁷⁹ TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (35 s)

⁸⁰ LAERCINHO; KING, Arnaldo, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (21 min 40 s)

⁸¹ LAERCINHO; KING, Arnaldo, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (22 min 6 s)

e eu disse ‘eu tenho meus princípios, eu quero fazer uma escola porque eu gosto da Carolina. Eu sou Camisa Verde, mas o meu ideal é fazer uma escola aqui’. Nessa daí eu fiquei uns dois anos afastado do Camisa Verde e conheci um rapaz que era da Marinha, Francisco Ferraz. Era o “Chico Marinheiro”, que foi o primeiro presidente [da Portelinha].⁸²

Um aspecto bastante comentado pelos entrevistados e por outros moradores do bairro que fizeram parte da Portelinha é o fato de que estas rodas de samba iniciadas, segundo Tio Mário, antes mesmo da fundação oficial da escola, já atraíam um grande número de moradores da Vila Carolina, de outros bairros da região e até de locais mais distantes. Ainda assim, devido em boa parte à falta de uma quadra de ensaios nos primeiros anos da escola, os ensaios da Portelinha acabavam acontecendo pelas ruas da Vila Carolina.

Além disso, os desfiles das escolas de samba pelas ruas de seus respectivos bairros não era uma exclusividade da Portelinha. Ocorre que, sobretudo nos bairros mais periféricos, não haviam grandes vias que facilitassem o deslocamento dos integrantes e das alegorias das escolas em direção ao centro da cidade. Dessa forma, a Portelinha e muitas outras escolas menores acabavam se apresentando apenas para as comunidades de seus bairros. Dadinho faz uma importante colocação neste sentido:

Essas vias assim, tipo a Engenheiro Caetano Alves, Inajar de Souza, isso aí não tinha ainda, passou depois. Nessa região cada bairro tinha um rio que desembocava no Tietê, aí foram canalizando e virando avenida. Aí alguns dos desfiles passaram a ser nessas avenidas, mas antigamente era dentro do próprio bairro, Casa Verde, Lapa [...] ⁸³

Quando questionado sobre outras escolas que também não saíam de seus bairros para promover seus desfiles, Dadinho nos dá a seguinte resposta:

O próprio Rosas de Ouro demorou muito, Unidos da Casa Verde, que não tem mais. O Peruche não, Peruche e Nenê de Vila Matilde já iam [desfilar no centro]. Porque os bairros tinham carnaval, que nem a Vila Prudente que tinha carnaval e foi acabando com isso tudo. A Portelinha desfilou na Lapa, nas periferias aqui também. Era como se fosse um bloco [carnavalesco], né ⁸⁴.

⁸² TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (1 min 43 s)

⁸³ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (10 min 3 s)

⁸⁴ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (10 min 55 s)

Nestes desfiles realizados pelas ruas do bairro e, sobretudo, na atual Avenida Antônio Munhoz Bonilha, uma canção era recorrentemente tocada e cantada pelos componentes da ainda não oficialmente fundada escola de samba do bairro da Vila Carolina. A canção em questão trata-se de um dos sambas mais importantes da história da Velha Guarda do G.R.E.S.⁸⁵ Portela, do Rio de Janeiro. Tal canção aproximará a pequena Primeira de Vila Carolina da maior campeã do carnaval carioca e, dessa forma, dará à escola da Vila Carolina o apelido pelo qual é mais comumente tratada até hoje, Portelinha. Composto por Paulinho da Viola, o samba *Foi um rio que passou em minha vida* é recorrentemente lembrado pelos antigos componentes da Portelinha como sendo o enredo que marcará esta fase pré-fundação da Portelinha.

Este samba do portelense Paulinho da Viola é, portanto, o principal responsável pela alcunha “Portelinha”, apelido pelo qual ficará mais conhecida a Primeira de Vila Carolina. Tio Mário nos revelou que além de batizar a escola do bairro, a música *Foi um rio que passou em minha vida* embalava as tardes de batucada pelas ruas do bairro atraindo, inclusive, integrantes de outras escolas para os ensaios da Portelinha:

Quando foi pra fazer era Primeira de Vila Carolina. Mas como a gente cantava o samba ‘Se um dia, meu coração for consultado...’ [estrofe inicial do samba de Paulinho da Viola], que é da Portela mesmo, entendeu? Aí quando perguntaram ‘e aí o nome?’ Eu disse ‘Primeira de Vila Carolina, vulgo Portelinha’⁸⁶

Tal aproximação entre a Primeira de Vila Carolina e a gigante Portela se deu muito além da alcunha pela qual a Portelinha é habitualmente lembrada. Na realidade, é lembrado com muito orgulho por parte dos mais antigos da Portelinha um evento realizado em uma esquina da Avenida Antônio Munhoz Bonilha ainda no ano de 1971. Nesta cerimônia alguns dos integrantes mais reverenciados da Portela vieram para São Paulo Batizar a Primeira de Vila Carolina.

---

⁸⁵ Grêmio Recreativo Escola de Samba

⁸⁶ TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (6 min 18 s)

Figura 2 – Recorte de jornal que faz referência ao batismo da Portelinha. Acervo de Laercinho. Fotografia: Paulo José Khoury de Andrade

Figura 3 – Recorte de jornal fazendo referência ao dia do batismo da Portelinha. Fonte: Grupo Memória de Vila Palmeiras e Região (Facebook). (Data de acesso: 20/02/2020)

Tal evento acabou contribuindo para um maior reconhecimento da relevância do reduto de samba que se constituiu na Vila Carolina. Além disso, os ensaios da Portelinha continuavam a atrair cada vez mais gente e, uma característica destes ensaios precisa ser reafirmada. Os ensaios e encontros de samba na Vila Carolina não apenas atraíam um grande fluxo de sambistas para o bairro, como também atraíam componentes provenientes das mais diversas escolas de samba da capital.

Tio Mário recorda com bastante orgulho dos grandes ensaios da Portelinha realizados pelas ruas da Vila Carolina e o crescimento da escola antes mesmo da sua fundação oficial:

Aqui quando tinha ensaio da Portelinha vinha quase duas mil pessoas, aqui lotava. O pessoal dava a maior volta, ia lá em cima, voltava e a gente cantava aquele samba lá 'se um dia meu coração for consultado...' [...] e a escola vinha numa batucada que tinha aqui que os caras falavam 'puta que pariu, não é possível. Aí, conclusão, Vai-Vai, Nenê, de todas as escolas, Camisa Verde, todo mundo vinha aqui'⁸⁷

Além disso, o que será dito por alguns dos entrevistados é que essa presença de sambistas oriundos de inúmeras outras agremiações carnavalescas da cidade significa mais do que um reconhecimento à qualidade do samba produzido na Vila Carolina mas, sobretudo, é a demonstração de respeito que estes sambistas tinham pela Portelinha mesmo se tratando essa de uma pequena escola recém fundada em um bairro na periferia da Zona Norte paulistana.

Dadinho é um dos que vai lembrar dessa grande presença de integrantes de outras escolas durante os ensaios da Portelinha de forma a ratificar o respeito e até admiração que a escola já vinha ganhando mesmo antes de sua fundação oficial:

Todas as escolas da época, não era escola, era cordão, mas já tinha algumas escolas também. Todas as escolas da época vinham pro ensaio da Portelinha [...] vinha o pessoal do Vai-Vai, Lavapés, Peruche, várias escolas que hoje até nem tem mais, eles vinham tudo pro ensaio. Mas não era nada oficial ainda, não era fundada a escola ainda. E a partir daí, com esse volume todo, o pessoal vinha pra cá. Todo mundo tinha sua escola, principalmente o Camisa Verde. A turma saía no Camisa Verde, mas vinha brincar aqui na Portelinha⁸⁸.

De fato, com o crescimento dos eventos de samba realizados no bairro e, também, devido ao reconhecimento da qualidade da "batucada" ali produzida, a fundação oficial da Portelinha passou a ser inevitável. É isso que acontecerá no dia 5/5/1970 quando a escola é oficialmente fundada por Tio Mário, Chico Marinheiro, João Arruda (Tio João), Sinibaldo e Joãozinho Mestre⁸⁹ com o nome de Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Primeira de Vila Carolina.

⁸⁷ TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (5 min 19 s)

⁸⁸ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (6 min 15 s)

⁸⁹ **Gazeta da Freguesia**, fevereiro de 1981.

Figura 4 Reprodução da bandeira da Portelinha. Fonte: Grupo Memórias de Vila Palmeiras e região (Facebook)

Dessa forma, conforme já abordamos anteriormente, o rápido crescimento e a fama entre os sambistas da cidade desde antes da fundação da Portelinha, acabaram por gerar atritos com algumas lideranças de outras grandes escolas de samba da cidade. O principal atrito teria ocorrido, sobretudo, com Inocência Tobias, o “Mulata”. Inocência Tobias foi um dos responsáveis pela refundação do Camisa Verde e Branco, em 1953, tornando-se presidente daquela agremiação até seu falecimento, em 1980. Neste período Tobias conquistou nove títulos com sua escola, sendo quatro como cordão carnavalesco (1954, 1968, 1969 e 1971), além de mais cinco títulos já como escola de samba (1974, 1975, 1976, 1977 e 1979)

Com efeito, quando questionados sobre o porquê do temor de Inocência Tobias com o crescimento da Portelinha, os entrevistados em geral disseram que, como boa parte dos integrantes do Camisa Verde e Branco naquela época eram provenientes da Vila Carolina, havia um medo de que se a Portelinha crescesse muito, isso poderia ofuscar ou até suplantar a já consolidada Camisa Verde e Branco. Na realidade tal temor não se concretizou e, ao contrário disso, a A.C.S.E.S.M. Camisa Verde e Branco tornou-se ao longo deste período uma das maiores campeãs do carnaval de São Paulo, tornando-se ainda, mais precisamente no ano de 1977, a única escola de

samba tetracampeã de forma consecutiva do carnaval paulistano⁹⁰, sem divisão de título.

Assim, embora os temores de Inocêncio Tobias não tenham se confirmado, a Portelinha surgirá já nos primeiros anos de sua fundação oficial como uma escola pequena, porém, com um material humano de considerável qualidade. Entre seus passistas, compositores, ritmistas e outros setores da escola, alguns irão anos depois despontar como nomes de grande prestígio dentro do carnaval paulistano.

Portanto a Portelinha que inicia sua vida ainda como um pequeno cordão carnavalesco que desfilava somente pelas ruas do bairro, irá aos poucos crescer até ganhar uma certa notoriedade e finalmente ser oficialmente fundada como uma escola de samba. Em relação ao primeiro desfile oficial da escola, no carnaval de 1971, Tio Mário faz uma colocação bastante interessante e que indica uma passagem um tanto mítica deste primeiro desfile:

Conseguimos! Fomos para a avenida, meu irmão. Eu não me esqueço até hoje. Quando o homem falou 'Escola de Samba Primeira de Vila Carolina, a pista é de vocês, pode entrar'. Rapaz, eu nunca vi uma chuva igual àquela até hoje. 'Tava' meio de noite, né. Mas saiu um relâmpago, saiu rasgando. Aí desceu aquela carga de água. Os caras queriam tocar, mas entrava um debaixo do outro e os instrumentos eram tudo de couro, não tinha jeito mesmo. Aí veio o Tom Maior e saiu até lua e eu digo 'pô, olha aí como são as coisas, né'⁹¹.

A Portelinha, assim como boa parte das escolas de samba de pequeno porte, não é uma escola que desde o início vai conseguir um grande auxílio por parte de patrocinadores ou comerciantes. Neste sentido, Dadinho chegou a nos revelar que era comum que os comerciantes do bairro fizessem pequenos "agrados" para a escola, sem com isso ajudá-la financeiramente com qualquer que fosse a quantia. Segundo o entrevistado era comum que os comerciantes, sobretudo os donos de bares, cedessem aos componentes e ritmistas garrafas de cerveja ou cachaça, atraindo assim a "batucada" para a porta de seu estabelecimento e cativando um número maior de clientes.

---

⁹⁰ Na realidade o Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai também conquistou quatro títulos consecutivos entre os anos de 1998 e 2001. No entanto, os títulos de 1999, 2000 e 2001 foram divididos consecutivamente com Gaviões da Fiel, X-9 Paulistana e Nenê de Vila Matilde

⁹¹ TIO MARIO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (7 min 21 s)

Ainda assim, tendo a Portelinha sido fundada em 1970, ou seja, já após a instituição do novo regulamento do carnaval, definido em 1968 pelo então prefeito José Vicente Faria Lima⁹², a escola passou a dispor, já em seu primeiro carnaval, de uma verba doada pela prefeitura para a produção do carnaval. No entanto, alguns relatos nos foram dados, expõem que tal verba era insuficiente para a confecção de todo o carnaval, ficando o seu preparo a cargo da comunidade da escola e, de forma mais ampliada, dos moradores do próprio bairro.

No entanto, mesmo sendo fundada oficialmente no ano de 1970, a Portelinha não consegue ter uma vida muito longa e encerra suas funções ainda no ano de 1985 após penalização por não comparecer ao desfile. Mas porque uma escola que em tão pouco tempo já havia atraído a atenção de integrantes das mais diversas entidades do carnaval paulistano, despertando inclusive um certo temor por parte de algumas das lideranças dessas escolas, tem uma vida tão curta? Tal questão é longamente debatida por nossos entrevistados.

Embora não haja um consenso entre os antigos integrantes para explicar o porquê de uma trajetória tão curta da escola da Vila Carolina, duas perspectivas trazidas são bastante esclarecedoras para se compreender algumas das dificuldades enfrentadas ao longo da vida da Portelinha.

A primeira perspectiva é trazida por Jaime, antigo compositor, intérprete e diretor de carnaval da escola, sendo assim responsável pela confecção das fantasias e alegorias para o carnaval. Ao ser questionado sobre os valores que a Portelinha tinha em caixa para produzir o seu desfile no carnaval, Jaime dá a seguinte resposta:

A escola de samba normalmente tem uma quadra e, quando ela tem quadra, ela faz eventos o ano inteiro, faz festas, aluga o espaço e tem facilidade de patrocínio porque são escolas grandes. Agora no caso da Portelinha não. A Portelinha trabalhava exclusivamente com a verba [da prefeitura] entendeu. Raramente se fazia uma festinha do chopp, mas era irrisória a coisa, não era um dinheiro que dava pra se fazer muita coisa. Então a escola trabalhava especificamente com a verba e, por isso, a gente confeccionava um carnaval barato, carnaval afro, por que dá um bom visual e não se gasta muito. Essa era a nossa política na minha gestão⁹³

---

⁹² DOZENA, Alessandro. **A geografia do samba na cidade de São Paulo**. São Paulo: Polisaber, 2011. p.66.

⁹³ GOMES, Jaime Pereira. Jaime Pereira Gomes: Entrevista [29 jan. 2020]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 4 min 7 s.

As verbas de desfile às quais Jaime se refere surgem juntamente ao processo de oficialização do carnaval de São Paulo. Tal projeto é aprovado em 1968, instituindo um novo regulamento para o carnaval paulistano que passa a valer já para o carnaval do ano seguinte. Em suma, o regulamento proposto pelo então prefeito José Vicente de Faria Lima acabou opondo duas formas muito distintas de relação com a produção do carnaval.

Se por um lado o poder público municipal passou a se tornar o principal responsável pela subvenção do carnaval através de verbas e, nos casos das escolas de maior expressão, chegando a conceder terrenos para que essas construíssem suas quadras e barracões, por outro lado há um notável processo de profissionalização do carnaval na cidade de São Paulo.

Ainda assim, há que se revelar que neste período uma série de escolas de samba passam a ser fundadas, sobretudo em bairros periféricos. Tal processo se dá, entre outros fatores, pela expansão da cidade em direção às periferias cada vez mais distantes da cidade e, além disso, essas novas escolas de samba terão um estímulo para oficializar suas fundações devido às verbas concedidas pela prefeitura. Uma das escolas que nascem na periferia paulistana neste período é exatamente a Portelinha, fundada oficialmente em 1970⁹⁴.

Por outro lado, uma perspectiva que nos foi apresentada por parte dos entrevistados é exatamente um afastamento das comunidades dos desfiles de carnaval de suas escolas de samba, bem como da própria produção do carnaval que envolve as agremiações ao longo do ano. Acerca dessa questão, Dadinho fará uma série de críticas severas ao formato profissionalizado que o carnaval paulistano passará a desenvolver a partir da adoção de seu novo regulamento:

A festa do carnaval em si é oriunda da comunidade negra e a partir do momento em que foi oficializado e começaram a surgir os interesses, mudou. Enquanto 'tava' só na coisa do improviso, tudo corria normal. Chegava no carnaval e todo mundo se ajudava, todo mundo fazia sua fantasia, o povo se unia. Mas a partir do momento que começou a ter uma verba, patrocínio e mais tarde televisão, aí já começou a aparecer quem não era de interesse do carnaval⁹⁵.

---

⁹⁴ Alessandro Dozena traz uma lista de escolas fundadas antes e depois da oficialização do carnaval paulistano. DOZENA, op. cit., 2011, pp. 82-84.

⁹⁵ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 4 (3 min 1 seg)

Quando questionado acerca de quem eram essas pessoas que não faziam parte dos interesses do carnaval até aquele momento, Dadinho é novamente incisivo em sua colocação:

Carnaval era interesse nosso, nossa cultura. Os caras gostavam de assistir, iam lá assistir, mas nem se atrevia a participar [...] escola de samba era marginalizada e quando tinha um branco no samba era porque o cara era bom mesmo. Aí ele era chamado de 'branco negreiro'. E chegou num ponto agora que você olha uma escola de samba atualmente e pensa 'poxa, que escola legal, tem até preto' e inverteu os valores da cultura. Porque antigamente não era de interesse deles. Aí começou a aparecer artista que, já que era patrocinado, ficava mais fácil deles entrar nesse meio. Então começou a tirar o pessoal que era da tradição, que era oriundo [da comunidade da escola]. Aí você põe alguém com o poder aquisitivo maior, mas tirava a autenticidade de quem vinha ali com o samba no pé⁹⁶.

Tais perspectivas defendidas pelas falas de Dadinho, aproximam-se àquelas feitas por Alessandro Dozena em seu trabalho *A geografia do samba na cidade de São Paulo*. Neste trecho o autor traz à luz o processo de normatização que está diretamente relacionado com a oficialização do carnaval paulistano. O carnaval passará a exigir um nível de organização da administração das escolas cada vez maior:

Com a oficialização do Carnaval em 1968, as escolas de samba se transformaram em entidades civis, com diretoria eleita, conselho fiscal, corpo de associados, estatuto registrado etc., e adotaram um gerenciamento empresarial em suas atividades, pois agora recebiam verbas da prefeitura. Essas ações vieram acompanhadas da "normatização" do desfile de acordo com o estatuto carioca, que serviu de base e modelo para o Carnaval paulistano: quesitos de julgamento, tempo de apresentação, instrumentos da bateria, composição, tamanho das alas etc.⁹⁷

No entanto, este nível de organização que passa a ser imposto às escolas de samba de São Paulo não será assimilado por todas as entidades logo de início. O que se percebe é que há, desde a oficialização, uma tendência a se profissionalizar a produção dos desfiles carnavalescos, bem como da administração das escolas de samba. Assim, quanto maior for a dificuldade da agremiação em se inserir nessa lógica empresarial que passa a dominar as escolas de samba de São Paulo, maiores

⁹⁶ DADINHO, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 4 (4 min 10s)

⁹⁷ DOZENA, op. cit., 2011. p. 66.

serão as dificuldades para conseguir bons patrocínios, captar receita para a escola e, consecutivamente, conseguir produzir um carnaval campeão.

No caso da Portelinha não será muito diferente. Embora as batucadas e os desfiles pelas ruas da Vila Carolina já acontecessem há alguns anos, a escola somente será fundada em 1970, ou seja, nasce já nos primeiros anos da oficialização do carnaval paulistano. Soma-se a isso uma dificuldade em estabelecer uma lógica na administração empresarial na escola, dificultando assim o desenvolvimento e a própria longevidade da Portelinha.

Ainda assim, há uma acusação recorrentemente feita pelos antigos integrantes da Portelinha. As más gestões e, sobretudo, os casos de desvio de verba ocorridos dentro da parte administrativa da escola são apontados por todos os entrevistados como os principais responsáveis pelo fim da escola.

Eu já vi na Carolina, numa festa da Portelinha, eu tava cantando samba e a festa tava lotada. Tinha o presidente da época, né. Aí no fim da festa a gente subiu pra uma sala que tinha lá pra fazer a prestação de contas. Mas o presidente falou 'amanhã a gente conversa'. Ele pegou a caixa [com o dinheiro da festa] e foi embora com a caixa pra casa dele. Aí no outro dia a prestação de contas ficou do jeito que ele quis. [...] Então, quer dizer, todos eles têm a mesma ideia e aí não tem como a escola ir pra frente⁹⁸.

No entanto, há um episódio que é apontado como fundamental para se compreender a curta vida da Portelinha. Frequentemente lembrado por moradores antigos e ex-integrantes da escola, o evento que resultou no linchamento de Nilo Azevedo, presidente da Portelinha naquele momento, é assinalado pelos entrevistados como o acontecimento decisivo para o fim da escola.

No carnaval as fantasias das alas da escola simplesmente não ficaram prontas a tempo do desfile. Na realidade, descobriu-se que a maior parte da verba destinada para a confecção das fantasias havia sido desviada pelo presidente Nilo Azevedo e, desta forma, a Portelinha não conseguiu ir para a avenida. Os relatos sobre este incidente são feitos de forma bastante enfática como, por exemplo, nesta fala de Ari da Carola:

Não me recordo o carnaval, mas o presidente era o Nilo Azevedo. Na época a prefeitura dava um incentivo [verba] porque o desfile já era na Tiradentes. E o Nilo Azevedo, ele era carioca, chegou e deu um tema pra escola: "Rio de

---

⁹⁸ DA CAROLA, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 4 (10 min 1 s).

Janeiro a Janeiro”, samba do Laercinho [...] no dia do carnaval eu subi com minha fantasia e vi o maior revertério na rua, os caras correndo pra lá e pra cá. Aí eu encontrei ele e perguntei: “Nilo, cadê o resto das fantasias?”. De repente já veio um cara e deu um safanão nele. O Nilo saiu correndo, mas entrou na rua da casa do Zé Neguinho, que era diretor da escola. Aí já cercaram ele e perguntaram “cadê as fantasias?”. Aí um já bateu, o outro bateu [...], mas o que que ele fez, né? Ele pegou o dinheiro, gastou com outras coisas, meteu a mão no dinheiro. Mas ainda bem que não mataram, graças a deus. Bateram bem nele, mas não mataram⁹⁹.

Figura 5 - Recorte do Jornal O Estado de S. Paulo. Acervo de Laercinho. Não há informação da data de publicação. Fotografia: Paulo José Khoury de Andrade¹⁰⁰

⁹⁹ DA CAROLA, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 4 (4 min 40 s).

¹⁰⁰ O jornal fala sobre a saída da Portelinha de sua suposta quadra de ensaios. No entanto, segundo informações de seus antigos integrantes, este local não era usado para ensaios, uma vez que estes

Este acontecimento será lembrado por muitos dos entrevistados e outros integrantes da escola como o principal caso de desvio de verba que contribuirá para o fim da escola anos mais tarde. Uma pequena escola de bairro, com grande potencial de produção de material humano para a entidade, mas que, devido às dificuldades para competir com o nível de organização das coirmãs maiores e ao envolvimento em graves casos de mau uso e desvio de verba, acabou não tendo grandes chances de crescer no carnaval paulistano.

A Portelinha seguiu sua sina de más gestões mesmo após o evento envolvendo o presidente Nilo Azevedo. Ainda assim, consegue oscilar entre bons e maus desfiles nos anos seguintes. No entanto, os carnavais de 1984 e 1985 marcarão o fim da escola de samba da Vila Carolina, que de forma melancólica vai aos poucos se despedindo dos desfiles do carnaval paulistano.

É neste sentido que Jaime Pereira Gomes vai dar um importante aporte para compreendermos como foram os últimos desfiles da curta trajetória da Portelinha de Vila Carolina. Entre 1981 e 1985, anos em que participou mais ativamente da Portelinha, Jaime acumulou uma série de funções na escola. Além de compositor e intérprete, cargos pelos quais se notabilizou na entidade, Jaimão, como é conhecido no bairro, também foi diretor de carnaval da Portelinha, organizando o calendário da escola, bem como os prazos para a confecção das fantasias, alegorias e adereços.

Tendo acompanhado de perto os últimos anos da escola, Jaimão nos dá uma relevante contribuição para compreendermos o declínio da Portelinha:

A escola desfilou até 1984, com o tema Casamento Real e, em 1984, a escola já fez um péssimo carnaval. Em 1985 o antigo presidente, Denil, saiu e passou pra um outro rapaz, o Sérgio Monteiro. Ele não colocou a escola na avenida e, por isso, ela foi penalizada e não conseguiu mais retornar. Foi penalizada acho que em três ou quatro anos e não conseguiu mais voltar, por que aí perde a credibilidade e ninguém quis saber mais¹⁰¹

E dessa forma a Portelinha faz seu último desfile já no carnaval de 1984, uma vez que a penalização imposta pela União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) a impediu de participar do carnaval do ano seguinte. Desta forma, a Portelinha que já

---

aconteciam nas ruas do bairro. A quadra em questão era utilizada para guardar instrumentos, fantasias e adereços

¹⁰¹ GOMES, op. cit., 2020. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (2 min 12 s).

vinha passando por graves problemas administrativos passa a, assim como nas palavras de Jaime, perder sua credibilidade. É desta maneira triste que a Portelinha se despede do carnaval paulistano, interrompendo suas funções em 1985.

No entanto, o fim da escola de samba da Vila Carolina não indica o fim do samba no bairro, que não deixou jamais de viver o carnaval e muito menos de produzir suas muitas rodas de samba pelos bares e campos de várzea da região. Se por um lado o fim da Portelinha marca também o fim da única escola de samba da Vila Carolina, por outro lado é importante ressaltar que ao longo de praticamente toda a vida do bairro sua população sempre frequentou outras escolas de samba da região, o que não deixou de acontecer durante o período de existência da Portelinha e muito menos após o seu fim. As principais escolas frequentadas pela população do bairro ainda hoje são A.C.S.E.S.M. Camisa Verde e Branco e a Sociedade Rosas de Ouro, sendo que entre nossos entrevistados praticamente todos têm ou tiveram passagens relevantes por essas duas agremiações.

Ainda assim, outras escolas da região, como o G.R.C.E.S. Mocidade Alegre, G.R.C.E.S. Unidos do Peruche e, em menor número o G.R.C.E.S. Império de Casa Verde e o G.R.C.E.S. Independente Tricolor foram citadas algumas vezes como escolas que alguns moradores da Vila Carolina frequentam ou desfilam. O principal motivo que nos foi relatado para a presença de moradores da Vila Carolina nas referidas escolas é exatamente a proximidade do bairro às quadras dessas agremiações, exceção feita a Independente Tricolor que é frequentada por alguns torcedores do São Paulo Futebol Clube que residem na Vila Carolina e entornos.

No entanto é fundamental relatar que há atualmente na Vila Carolina e em seus bairros próximos uma série de outras organizações que continuam produzindo samba e, inclusive, desfiles carnavalescos. Neste sentido as rodas de samba, campos de futebol de várzea e, sobretudo, os blocos carnavalescos aparecem como as formas como boa parte da população da Vila Carolina continua se envolvendo com o carnaval. Dentre as muitas experiências pode-se citar blocos carnavalescos, bares e rodas de samba, além das tradicionais batucadas de beira dos campos de futebol de várzea na região.

Na realidade, a região onde a Vila Carolina está inserida conta com um número de blocos carnavalescos, sendo estes grupos verdadeiras agremiações que irão reunir

boa parte dos batuqueiros da região. Como exemplo de alguns dos blocos carnavalescos que continuam produzindo samba e carnaval na região podemos citar: *Em cima da hora*, *Inajar de Souza*, *Sovaco de cobra*, *Não empurra que é pior*, *Imperiais Unidos de Vila Palmeiras* e *Água Ardente*.

Assim, percebe-se que a cultura do samba não se perdeu na Vila Carolina, mesmo com o fim da Portelinha. Estes grupos hoje acabam servindo como uma forma de resistência aos processos de profissionalização e exclusão das populações mais pobres do carnaval naquele bairro. Quando questionado sobre a importância dos blocos carnavalescos atualmente, Romildo Lacerda, um dos fundadores da Associação Bloco Carnavalesco Água Ardente, respondeu:

O carnaval de São Paulo hoje, na realidade, é tudo profissional, né. Foi profissionalizado, perdeu-se a essência, perdeu-se a tradição, o amor. Perdeu o amor em si, o amor que vinha de pai pra filho, de avô pra neto e assim sucessivamente dentro da família. [...] O carnaval [dos blocos] é sem compromisso nenhum, sem subvenção, sem premiação e que na realidade serve pra gente levar e resgatar a alegria do nosso povo. Hoje infelizmente estamos segregados, não podemos estar no Anhembi por diversos fatores, inclusive financeiros e a festa lá infelizmente já não é mais pro povo. Então esse resgate justamente traz a lembrança do passado, onde nós nos divertíamos, onde a gente amava o que fazia, e onde o samba realmente era uma cultura¹⁰².

Assim, seja nas escolas de samba da região, nas batucadas de futebol de várzea ou em seus blocos carnavalescos o reduto de bambas da Vila Carolina mantém-se vivo e produzindo até hoje ritmistas, passistas e todo o tipo de material humano para o carnaval paulistano.

---

¹⁰² LACERDA, Romildo. Romildo Lacerda. ARQUIVO 1 (5 min 18 seg). Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade.

CAPÍTULO 3 – Vila Carolina: um reduto de punks

Embora a Portelinha não tenha conseguido gozar de grande longevidade, é notório que o carnaval e, sobretudo, o samba são manifestações culturais presentes até hoje na vida de boa parte da população da Vila Carolina. De fato, a reputação de ser um bairro de bons sambistas e, mais do que isso, de ser um verdadeiro “reduto de bambas”, é bastante importante na construção da identidade da Vila Carolina até hoje.

No entanto, a Vila Carolina também se notabilizará por ver desenvolver em suas ruas e esquinas uma outra linguagem artística e musical bastante distinta do carnaval e do samba. É em meados da década de 1970 que se desenvolverá na Vila Carolina aquele que tenha sido talvez o primeiro núcleo de desenvolvimento do punk rock no Brasil, trazendo novas influências para o rock produzido no Brasil e contestando de forma tenaz o cenário musical brasileiro.

Neste ponto é importante expor que, além da periferia da Zona Norte paulistana, existe ao menos mais uma versão para explicar a gênese do punk rock brasileiro. A variante em questão defende que o início do punk no Brasil teria se dado na cidade de Brasília, uma vez que teria sido naquela cidade que chegaram os primeiros discos e notícias sobre o gênero vindos dos EUA e Inglaterra. Pedro Ribeiro, produtor musical de Brasília, é um dos que defenderá tal perspectiva: “Eu diria que em 1977 a gente já tinha o [álbum] *Never Mind the Bollocks*, do *Sex Pistols*, que tinha acabado de ser lançado”¹⁰³. Ainda assim, o conhecimento acerca das bandas de punk rock que surgiam nos EUA e na Inglaterra não foi suficiente para formar um movimento de maior expressão logo de início.

Assim, este primeiro contato com o punk rock por parte de alguns jovens ricos de Brasília teria se dado apenas graças às muitas viagens internacionais realizadas por seus parentes. De fato, como muitos desses jovens eram filhos de diplomatas, professores universitários e outros funcionários públicos de alto escalão, as viagens internacionais eram mais comuns para eles. Portanto seriam exatamente através dessas viagens que os primeiros discos de punk rock chegaram ao Brasil. É assim que o jornalista Paulo Marchetti dirá que: “Em Brasília, o que ajudou [o surgimento do

---

¹⁰³ BOTINADA: a origem do punk no Brasil. Direção: Gastão Moreira. [S.l.]: 2006 (1 h 15 min 7 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=trIAXkc003k>>. Acesso em: 20 jan. 2020. Trecho retirado aos 5 minutos e 50 segundos do documentário.

punk rock] foi algumas pessoas da turma terem contato com o exterior, né. Filhos de professor, filhos de diplomatas”¹⁰⁴.

Tal perspectiva aparece nesta fala cômica de Clemente Tadeu Nascimento, fundador da banda Inocentes em entrevista concedida ao documentário “Botinada - a origem do Punk no Brasil”:

o que eu ouvi falar é que lá em Brasília o primeiro disco do *Ramones* chegou em 1976, mas acho que o fato do cara ter ouvido o primeiro disco do *Ramones* em 1976 isso não quer dizer que ele seja punk ou não. Tipo, eu ouvi forró sei lá quando, mas nem por isso eu sou forrozeiro [risos]¹⁰⁵

De fato, quando se observa a data de fundação das principais bandas punk de Brasília, identificamos que a maior parte é fundada já nos primeiros anos da década de 1980, como é o caso das bandas *Plebe Rude* (1981) e *Detrito Federal* (1983) e, dessa forma, as bandas da primeira geração do punk de Brasília são fundadas alguns anos após as bandas de São Paulo. Talvez a única exceção entre as bandas brasilienses seja o *Aborto Elétrico* que, tendo sido fundado em 1978, será contemporâneo à fundação das primeiras bandas paulistanas.

Quanto a isso, Felipe Lemos, ex-baterista do *Aborto Elétrico* e atual baterista da banda *Capital Inicial*, também de Brasília, narra o início dessa que é considerada a primeira banda punk de Brasília:

Eu conheci o Renato [Russo] em meados de 1978, em uma festa. Ele tinha levado uns discos e lá tinha os discos de punk também, *Sex Pistols*, *The Clash* e eu fiquei surpreso de encontrar um jovem em Brasília que conhecia punk rock [...] então quando a gente se conheceu e ele e outros amigos começaram a frequentar [a superquadra da] Colina se formou o núcleo inicial do *Aborto Elétrico*¹⁰⁶

Ainda assim, o desenvolvimento do punk rock enquanto um gênero musical tão distinto daqueles em voga no Brasil durante a década de 1970 pode causar uma certa

¹⁰⁴ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 5 minutos e 32 segundos do documentário.

¹⁰⁵ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 6 minutos e 4 segundos do documentário.

¹⁰⁶ ROCK Brasília: era de ouro. Direção: Vladimir Carvalho. Canal Brasil: 2011 (1 h 51 min 33 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D6lgHvqt7y8>>. Acesso em: 1 fev. 2020. Trecho retirado aos 13 minutos e 22 segundos do documentário.

dúvida ou até estranhamento em muitos. Neste sentido, irei ao longo deste terceiro capítulo identificar alguns dos motivos e potencialidades da Vila Carolina que acabaram por contribuir com o surgimento deste movimento em um importante reduto do samba paulistano.

Como dito anteriormente, o punk rock irá surgir na Vila Carolina em meados da década de 1970, período em que coincidentemente a Portelinha estava em plena atividade e levando centenas de pessoas aos ensaios realizados pelas ruas do bairro. Ainda assim, poucas relações foram estabelecidas entre estes primeiros punks e a escola de samba do bairro, embora em algumas ocasiões tal aproximação chegava a acontecer.

O punk rock não é um gênero musical surgido no Brasil. Ao contrário, suas origens remontam, sobretudo, às cidades de Londres e Nova York ao longo da década de 1970. O surgimento do punk rock será apresentado pela série canadense “Tempos de rebeldia” da seguinte forma:

Na segunda metade dos anos 1970 um movimento jovem e irado gritou a sua rejeição aos velhos valores legados pelos psicodélicos anos 1960. Na Grã-Bretanha a rebelião explodiu com uma controversa expressão nova, conhecida como punk. [...] embora a música e as origens estilizadas do punk venham dos Estados Unidos, foram dois grupos de Londres que colocaram o punk rock no mapa da subcultura internacional. Um se chamava *Sex Pistols*, uma entidade formada da imaginação subversiva do varejista de moda que virou empresário de banda, Malcom McLaren, o outro era um grupo mais abertamente político chamado *The Clash*, cuja postura musical misturava energia bruta com ideias antirracistas. Porém, mais do que qualquer coisa, o movimento punk renovou a rebelião jovem do rock ‘n’ roll” que começou nos anos 1950 e chegou a alturas que nem Elvis Presley poderia sonhar.¹⁰⁷

Embora o punk rock tenha se desenvolvido ao mesmo tempo na Inglaterra e nos Estados Unidos, muitas semelhanças e diferenças podem ser notados entre os artistas das primeiras gerações. Entre as primeiras bandas surgidas na década de 1970, podemos citar *Sex Pistols* e *Ramones* como as principais referências do punk

---

¹⁰⁷ TEMPOS de rebeldia: o movimento punk. Diretor: Kevin Alexander. Alliance Atlantis: 1998 (47 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFjslf4GVY8>. Acesso em: 1 fev. 2020. Trecho retirado ao 1 minuto e 54 segundos do documentário.

rock, respectivamente em Londres e Nova York. Algumas diferenças entre essas duas bandas seminais são bastante evidentes. Enquanto o *Ramones*, formado em 1974, é uma banda que desde seu início levou adiante um dos princípios mais fundamentais do punk, o “faça você mesmo”¹⁰⁸, o *Sex Pistols*, formado em 1975, contará já em seus primeiros anos de existência com a imagem de um empresário, Malcom McLaren¹⁰⁹. Ainda assim, apesar dessa importante diferença entre as bandas, há algo fundamental que as duas partilham: são formadas por jovens provenientes de realidades sociais bastante vulneráveis e que nutriam uma grande revolta em relação à situação de exclusão social que imperava entre eles.

Este sentimento de revolta e indignação de uma juventude pobre e excluída de uma série de estruturas sociais surgirá exatamente como o ponto de partida das primeiras bandas de punk rock, que mais tarde darão início ao chamado “Movimento Punk”. Ainda assim, a chegada do punk rock ao Brasil e, mais especificamente à região da Vila Carolina, não se dará imediatamente após o surgimento das bandas citadas.

Ao contrário do samba, que veio das fazendas de café do interior para a Vila Carolina, passando por bairros como Pompeia, Perdizes e Barra Funda, o punk rock surgido na Inglaterra e EUA não chega até a Vila Carolina através de deslocamentos de grupos humanos, mas sim através de discos e revistas que chamavam a atenção daquela juventude interessada em pesquisar o rock, sobretudo seus gêneros mais extremos, a fundo. A Revista POP será uma espécie de marco nesta chegada do punk rock no Brasil.

Nomes importantes do início do punk rock na Vila Carolina, Zorro, ex-baixista das bandas *M-19* e *Invasores de Cérebros* e Clemente, fundador das bandas *Restos de Nada* e *Inocentes*, trarão essa perspectiva da importância de determinadas revistas na divulgação do punk rock no Brasil. Para Zorro: “Nesse momento, que eu começo a tomar contato com o movimento punk através de revistas, como a Revista POP”¹¹⁰.

---

¹⁰⁸ O lema “faça você mesmo” é uma das inspirações do movimento punk em todo o mundo. Entre os punks da Vila Carolina, tal lema se fez presente, por exemplo, através de gravações em fitas cassete, personalização de roupas e a organização de eventos, tudo isso realizado pelos próprios punks.

¹⁰⁹ Antigo varejista de moda que se tornou empresário e mentor da banda *Sex Pistols* (Tempos de Rebeldia, 2:40)

¹¹⁰ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 7 minutos e 40 segundos do documentário.

Já Clemente afirma que “Punk no começo para mim era até moda. Saía na Revista POP assim: aprenda a ser punk”¹¹¹.

Na realidade, não será nada atípico um sentimento de espanto ou até estranheza daqueles que, reconhecendo a Vila Carolina como um bairro profundamente relacionado ao samba, tenham dificuldade de conceber o surgimento do punk rock naquele local. Ainda assim, há algumas características fundamentais que aproximarão a juventude da Vila Carolina às bandas punks da década de 1970: a revolta incontida contra a exclusão social, pobreza e desigualdade.

3.1 O punk rock na Vila Carolina e sua gangue, a Carolina Punk

Como já foi dito anteriormente, o surgimento do punk rock na Vila Carolina, ao contrário do ocorrido com o samba, não se dará através da migração de indivíduos que já tinham algum conhecimento sobre aquela musicalidade. Ao contrário disso, é fundamental notar que, além do punk rock na Vila Carolina chegar inicialmente devido ao interesse específico de alguns jovens da época, ele ganhará algumas características muito particulares que acabarão dando uma identidade própria ao punk brasileiro, sobretudo a essa primeira geração de punks da Vila Carolina.

A própria situação periférica da Vila Carolina sendo, como visto nos capítulos anteriores, um bairro pobre em infraestruturas, aparelhos culturais e com condições bastante precárias se comparada aos bairros centrais, servirá como um dos motivos para a revolta daqueles jovens. No entanto, aquela juventude nascida nos primeiros anos da década de 1960 e que chegará à sua adolescência já em meados da década de 1970, ou seja, no auge da ditadura militar brasileira, terá ainda muitos outros motivos para se revoltar.

De fato, uma vez que muitos dos primeiros punks moravam na Vila Carolina ou em bairros próximos, a Zona Norte paulistana será a principal localidade onde essa primeira geração do punk brasileiro irá se desenvolver. Ainda assim, é necessário pontuar que nem todos os punks moravam na Vila Carolina, uma vez que outros

---

¹¹¹ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 8 minutos e 17 segundos do documentário.

bairros como Freguesia do Ó, Limão e Vila Palmeiras também concentravam boa parte dos primeiros punks: “Carolina Punk é o que sobrou de uma turma gigante, que tinha gente da Vila Palmeira, Carolina, da Freguesia, do Limão [...]”¹¹².

Neste sentido, há uma importante similaridade no processo de chegada das famílias dos primeiros punks à Vila Carolina e seus entornos com a chegada das populações negras que trouxeram o samba para a mesma região. Se no caso das famílias de sambistas e batuqueiros era comum que estas viessem do interior ou de outros bairros de São Paulo e, devido aos preços mais baixos da região, acabaram por se fixar nas periferias da Zona Norte, no caso das famílias dos punks não foi diferente.

Ariel Uliana Júnior, fundador daquela que é considerada a primeira banda de punk rock do Brasil, *Restos de Nada*, dará uma importante contribuição para compreendermos as semelhanças nos deslocamentos entre as famílias dos sambistas e dos punks da Vila Carolina:

Sou nascido aqui na Vila Palmeiras, na casa dos meus avós, na Rua Nossa Senhora do Livramento. Meus pais se casaram e foram morar na casa dos meus avós e só quando eu tinha uns 10 anos que eles construíram essa casa onde nós estamos [...] na realidade a minha família veio de Tambaú, interior de São Paulo. Meus avós moravam na Pompeia, aí eles compraram o terreno aqui na Vila Palmeiras. Aí quando meus pais se casaram vieram pra São Paulo morar na casa dos meus avós¹¹³ (ARIEL, PARTE 1, 0:18).

Tal história de deslocamento de pequenas cidades do interior, passando por bairros mais próximos ao centro, como a Pompeia, para somente depois finalmente chegar aos bairros da Zona Norte é muito semelhante àquelas narradas pelos nossos entrevistados no segundo capítulo. De fato, tal deslocamento será comum a praticamente todas as famílias da região, independente de seus locais de partida. Em seu livro “Meninos em fúria”, Marcelo Rubens Paiva narra a trajetória de um dos nomes mais reverenciados do punk nacional, Clemente Tadeu Nascimento

Tendo participado de algumas bandas seminais do punk rock brasileiro, como *Restos de Nada*, *Condutores de Cadáver* e *Inocentes*, a chegada de Clemente e toda

---

¹¹² NASCIMENTO, Clemente Tadeu; PAIVA, Marcelo Rubens. **Meninos em Fúria**: e o som que mudou a música para sempre. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. p. 53.

¹¹³ ULIANA JÚNIOR, Ariel. Ariel Uliana Junior: entrevista [27 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 3 arquivos mp4. 1 h 6 min 62 s. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (18 s)

a família Nascimento tem características muito semelhantes às narradas por nossos entrevistados no segundo capítulo:

Seu Clementino Lopes Nascimento [pai de Clemente], baiano de Cruz das Almas veio para São Paulo [...] trabalhar na construção civil. [...] Seu Clementino decidiu, ou foi forçado a isso graças à especulação imobiliária, mudar a família para o outro lado do rio (Zona Norte). Aproveitou um financiamento no Banco Nacional de Habitação e parcelou uma casa na Zona Norte, perto do “centrinho” do Bairro do Limão. [...] A casa ficava no Conjunto Residencial Novo Pacaembu, onde a Inocentes teve início¹¹⁴.

A chegada de Clemente ao Bairro do Limão ainda aos seis anos de idade foi encarada na época com um certo ar de desapontamento devido, sobretudo, à perda das conveniências que é morar em um bairro central:

Cheguei ao Bairro do Limão em 1969 com seis anos de idade e completamente contrariado. Com certeza não queria morar tão longe. Eu gostava da região central da cidade, Rua Tamandaré, ao lado do Hospital Modelo. A casa que eu morava, na verdade um cortiço dividido por várias famílias, foi derrubada para virar estacionamento do hospital, por isso caímos fora. Meu pai vendeu um dos dois fuscas e demos entrada na casa nova na periferia da cidade, no Conjunto Habitacional Novo Pacaembu. [...] No centro eu vivia pra cima e pra baixo, ora com minhas irmãs mais velhas, ora com a minha mãe. Lembro bem do dia em que eu e minhas irmãs entramos no Teatro Brigadeiro para assistir à gravação de um programa de TV, e a banda Os Incríveis estava se apresentando ao vivo. Foi o primeiro show que eu vi na vida¹¹⁵.

Sair da região central, com seus teatros, lojas e vitrines para passar a morar em um bairro distante e mal servido de infraestruturas de lazer, foi claramente um grande golpe sofrido por Clemente ainda durante a sua infância. Neste sentido, as palavras de um outro compositor radicado na região irão corroborar com a perspectiva trazida por Clemente. Dadinho, compositor de muitos sambas para o Camisa Verde e Branco e morador da Vila Santa Maria, bairro vizinho à Vila Carolina, faz a seguinte colocação acerca da chegada de sua família à região:

Nós viemos de um bairro [Consolação] mais ou menos com progresso, com luz, com tudo, água encanada, esses negócios. E quando nós viemos pra cá eram coisas totalmente diferentes. Aqui era água de poço, não tinha luz, era lamparina. Então foi estranho porque nós já estávamos acostumados com o bonde, o barulho do bonde. Mas chegando aqui era aquele silêncio, né.¹¹⁶

¹¹⁴ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p. 32.

¹¹⁵ Ibidem, p. 33.

¹¹⁶ DADINHO. Dadinho: entrevista [31 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 5 arquivos mp4. 2h 5min 22s. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (4 min 45s).

Desse modo, há de se imaginar a dificuldade que é para um jovem ou uma criança se mudar de um bairro central para um bairro periférico e mal servido de serviços. Ainda assim, retomando o caso de Clemente, as amizades que passam a ser cultivadas já em sua chegada ao bairro facilitarão não somente uma integração mais fácil ao bairro, mas também, futuramente, serão fundamentais para o desabrochar do punk rock naquela região. Em suas palavras:

Cheguei ao Bairro do Limão em 1969, praticamente junto com a Copa do Mundo de 1970, e logo fiz um monte de amigos, entre eles o Antônio Parlato, o Tonhão e seu irmão André, futuros baterista e baixista da banda *Inocentes*, o que amenizou minha revolta¹¹⁷.

E dessa forma, a geração dos futuros “punks da Carolina” começa a se formar ainda não imaginando a revolução musical que proporião daqui a alguns anos. Ariel faz questão de destacar como era sua infância no bairro, sugerindo também muitas semelhanças com outras falas trazidas no capítulo anterior:

Ali na (Avenida) Nossa Senhora do Ó, onde têm os prédios agora, ali era tudo lagoa e foram aterrando. Eu cheguei a nadar nessas lagoas. A gente cabulava aula e ia nadar lá. [...] Aqui tinha um riozinho também (afluente do Cabuçu e Baixo) e a gente ia caçar passarinho, preá. Pegava passarinho bico de lacre pra vender. Caçava com estilingue, brincava de carrinho de rolimã aqui nos morros [...]¹¹⁸

O lazer na beira do rio, a natação nas lagoas, o carrinho de rolimã, todas essas referências dadas por Ariel caracterizam uma infância bastante comum nas periferias de São Paulo da década de 1960. Por outro lado, fica claro através dessas colocações uma forma totalmente autônoma de produção do lazer por aquelas crianças que, sem grandes estruturas de lazer, acabavam por si só produzindo as suas brincadeiras.

Obviamente, conforme a geração de Ariel e Clemente vai crescendo, outros interesses passam a se desenvolver. É desta forma que a música e, sobretudo, o rock passam aos poucos a fazer parte de suas vidas e de outros jovens da Vila Carolina e região. No caso de Clemente, garoto de família negra e com fortes relações com o

¹¹⁷ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 34.

¹¹⁸ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (10 min 21 s).

samba, a aproximação com o rock não significou, em um primeiro momento, um distanciamento com o samba e outras formas da musicalidade negra:

Em casa, minhas irmãs dominavam a vitrola, com samba, samba-rock e funk da década de 1970. E eu, que era fã da Jovem Guarda e do rock 'n' roll da década de 1950, ficava de lado. Mas sem problemas, adorava o Martinho da Vila, *Jackson Five*, Tim Maia e Jorge Ben Jor. Minha vida mudou em 1974, aos onze anos, quando um amigo do bairro, o Carlos Alberto, me deu meu primeiro disco de rock, um ao vivo do Focus; o pai dele trabalhava numa gravadora multinacional e ele tinha a coleção completa do *Black Sabbath*, do *Led Zeppelin*, do *Deep Purple*, do *Kiss*, sem falar dos discos do *Queen*, *Uriah Heep*, *Nazareth* e todas aquelas bandas da década de 1970. Depois que eu ouvi *Paranoid*, do *Black Sabbath*, pela primeira vez, nunca mais fui o mesmo. Eu tinha me transformado em adolescente¹¹⁹.

É neste mesmo período que Ariel relata como sendo o início da sua paixão pela música, especialmente, pelo rock. No entanto, a dificuldade para adquirir os discos em geral importados e a pouca divulgação do gênero no Brasil da década de 1970, acabavam obrigando àqueles garotos a utilizarem-se da criatividade para ter acesso às músicas de seus novos ídolos. A gravação realizada diretamente do rádio em fitas cassete e, por vezes, o furto de discos, acabavam sendo algumas formas que a geração dos primeiros punks do Brasil encontrava para acessar este material. Segundo Ariel:

Eu escutava muito rádio e eu gravava. Eu tinha ganhado um gravador daqueles mono, com um microfone pra gravar, e aí eu gravava do rádio. Mas aí, se o cachorro latia você já perdia a gravação. Eu escutava o Programa Barros de Alencar, que tocava os hits da época. E com 13, 14 anos eu comprei meu primeiro microfone, um Polyvox, com estojinho, bem bonito. Eu pensava 'um dia eu vou querer cantar' e guardei [o microfone] e fui usar ele só em 1978 [no começo do *Restos de Nada*]¹²⁰.

Além de Ariel e Clemente, tantos outros jovens pobres e periféricos, como Douglas Viscaíno e Antônio Carlos Callegari, integrantes das primeiras formações das bandas *Restos de Nada* e *Inocentes*, respectivamente, começam a se interessar pelo rock e suas vertentes. No caso específico dessa geração que se formava nos bairros pobres da periferia da Zona Norte paulistana, passa a haver uma aproximação maior entre eles, sobretudo, nas escolas da região. É exatamente este ambiente que vai impulsionar a formação das primeiras bandas de punk rock do Brasil.

¹¹⁹ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 38.

¹²⁰ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (52 s).

Os contatos com outros adolescentes pobres e que também se interessavam por rock irá produzir uma série de novas amizades entre aqueles jovens que até então se enxergavam como exceções em seus bairros repletos de sambistas. Dentre essas amizades de escola facilitadas por um gosto musical semelhante, Clemente irá destacar uma em especial: Douglas Alves Viscaíno

Conheci o Douglas Viscaíno em 1976, no primeiro dia da aula da sétima série. [...] entrei na sala arrastando os meus tamancos no piso de madeira e fazendo um barulho alto e infernal. Eu não estava nem aí, queria mesmo era incomodar. Sentei no fundo mascando chicletes, enquanto a turma ia se ajeitando na sala e se apresentando. Quando chegou um cara de cabelos encaracolados, jeans surrados com o símbolo do *Blue Oyster Cult* desenhado com caneta Bic, camiseta do *Black Sabbath* pintada à mão, que se aproximou e fez a pergunta clássica: “Você curte rock?”¹²¹.

Douglas era mais um jovem da Vila Carolina que foi atraído pelas bandas de rock da época, mas, diferentemente da maioria deles, Douglas teve um desenvolvimento musical muito mais precoce. Dessa forma, Douglas acaba se tornando praticamente um professor de música para os adolescentes roqueiros da região. Na realidade, Douglas Viscaíno será, em 1978, um dos fundadores da primeira banda de punk rock do Brasil, o *Restos de Nada*. Assim, mais do que um nome extremamente importante para se compreender o surgimento do punk rock na Vila Carolina, Douglas Viscaíno é também um nome fundamental para se compreender o advento do punk rock no Brasil. Douglas veio a falecer no dia 24/02/2013, deixando um importante legado ao punk rock brasileiro e, com o seu falecimento, a banda *Restos de Nada* encerrou as atividades.

---

¹²¹ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 40.

Figura 6 - Restos de Nada. Da esquerda para a direita: Ariel, Charles, Clemente e Douglas. Fonte: www.dopropriobolso.com.br/. (Data de acesso 18/02/2020)

Além de Douglas, peça chave para a formação musical dos primeiros punks da Vila Carolina, outro personagem muito importante para a iniciação e aprimoramento das noções musicais dos punks foi Hamilton. No entanto, ao contrário de Douglas, Hamilton não teve um grande envolvimento com o punk rock além das aulas que dava aos jovens do bairro. Assim, a importância de Douglas e Hamilton é até hoje reconhecida por aqueles que viveram o início do movimento. Ariel fará a seguinte declaração acerca dos dois:

O Hamilton foi professor dos moleques do bairro. Foi professor dos *Inocentes* todos, até do Douglas. Mas o Douglas já nasceu com a coisa, não tem como explicar, sabe. Ele foi estudar com um maestro uma vez, depois estudou com o Hamilton. Mas era mais uma troca de sabedorias. E depois o Douglas fez faculdade e se tornou maestro. O Hamilton também.¹²²

Conforme essa juventude periférica ia se interessando cada vez mais pelo rock, percebe-se que as escolas da região passam a servir cada vez mais como um espaço para aproximar aqueles jovens roqueiros da Vila Carolina, Vila Palmeiras, Freguesia do Ó e Bairro do Limão. Entre as escolas da região uma se destaca na

¹²² ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (7 min 44 s).

formação dos primeiros punks do Brasil, o EETAL. A Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo¹²³ será um núcleo aglutinador daquela geração de jovens roqueiros, rebeldes e contestadores que viria a se tornar a primeira geração de punks do Brasil.

O período que compreende a segunda metade da década de 1970 será, portanto, fundamental para que estes jovens roqueiros passem a se identificar de uma vez por todas como punks. Na realidade, as bandas citadas anteriormente que abriram as portas do rock para os garotos da Vila Carolina já não eram mais suficientes para traduzir a revolta e a ânsia por mudanças daqueles jovens. Um novo estilo de rock, mais rápido e agressivo passa a atrair a juventude da Vila Carolina que, a partir de então, passa a se diferenciar dos demais roqueiros. E é dessa forma que vão surgir os “punks da Carolina”.

Em seu documentário biográfico “Ariel sempre pelas ruas”, o compositor e vocalista do *Restos de Nada*, *Condutores de Cadáver* e *Invasores de Cérebros*, faz a seguinte colocação acerca desse processo de transição do rock para o punk:

Em 1974, 1975, 1976, a gente começa a descobrir um novo tipo de rock além dos medalhões, além de *Led Zeppelin*, *Deep Purple*, *Queen*, *Kiss*. Todas essas bandas no começo, nos primeiros discos, eram fantásticas, era uma puta novidade e tal. Mas depois começaram a crescer demais e aí começaram a mudar o rumo da coisa. Já não tocavam mais para as ruas, né. Já não tinha mais aquele apelo de rua. Aí a gente já começou a ter acesso a *Hawkwind*, *Pink Faires*, *Blue Cheer*, *The Stooges*, *MC5*. Na hora que eu escutei essas coisas pela primeira vez eu caí de quatro, né. Eu falei “Putá que pariu, velho. É isso aí, mano. É esse tipo de rock que interessa”. Aquela coisa crua, nervosa, revolucionária, né cara. Você via que os caras não estavam pra brincadeira ali, não estavam pra vender disco ou entrar no ‘mainstream’. Eram uns caras que estavam ali pra abalar as estruturas e a gente era rebelde, sempre foi. [...] a hora que eu escutei eu falei “esses caras que me representam musicalmente”.¹²⁴

Uma vez que essa juventude já identificada com o punk passava a se concentrar no EETAL, naturalmente aquela escola passou a servir como uma espécie de reduto e até ponto de apoio para essa geração de punks. Nas palavras de Helinho, ex-integrante do *Condutores de Cadáver*, o EETAL é apresentado como um local onde

¹²³ O EETAL localiza-se na Rua Estela Borges Morato, nº 500, no Bairro do Limão.

¹²⁴ ARIEL: sempre pelas ruas. Direção: Marcelo Appezzato. Produção: Ailton Lucena e Marcelo Appezzato; Luto Filmes: 2016 (2 h 4 min 16 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L-ntWYyPMiU>>. Acesso em: 18 jan. 2020. Trecho retirado aos 5 minutos do documentário.

os punks e roqueiros se conheciam e, a partir de então, passaram a cultivar um círculo de amizades cada vez maior:

Eu morava na mesma rua do Callegari, na Vila Carolina, e nós dois estudávamos aqui no EETAL. Aqui no EETAL o Callegari me apresentou um cara malucão chamado Douglas, que tinha uma banda chamada *Organus* com o Clemente e eu conheci assim o Clemente, o Little Richard do Bairro do Limão. E aqui no EETAL as coisas foram meio consequência. A roda de pessoas interessadas em música e rock foi aumentando e na minha memória o Ariel também surgiu nesse burburinho. [...] A gente acordava cedo, ia pro trabalho e quem tinha a sorte podia passear em casa pra jantar, quem não tinha sorte vinha do trampo direto pra escola. E essa escola foi importante para todas essas pessoas se encontrarem¹²⁵.

Conciliar trabalho e estudo era quase uma regra para aqueles meninos pobres do EETAL, o que se assemelha a realidade de tantas outras escolas públicas da cidade. No entanto, além de reunir uma boa parte dos jovens que dariam origem à primeira geração do movimento punk no Brasil, o EETAL foi palco daquelas que serão descritas como as primeiras tentativas de realização de shows para que as bandas da região se apresentarem. Sobre esse tema Ariel recorda: “ali tocou *Condutores (de Cadáver)* ainda com a primeira formação que era o *NAI*, Nós Acorrentados no Inferno, tocou Restos de Nada, o Cólera fez suas primeiras apresentações aqui. Então aqui era um lugar muito fértil para rebeldes fazendo música, né”¹²⁶.

Estas primeiras bandas evidentemente têm uma importância muito grande para o punk rock brasileiro, visto que são as responsáveis pelo início deste gênero musical no país. Mas, para além disso, as bandas tinham uma outra função extremamente importante para aqueles jovens pobres da Zona Norte. Suas composições trabalham temas próximos às realidades vivenciadas pela juventude das periferias paulistanas do período e, dessa forma, acabam por representar a realidade daqueles garotos que não necessariamente seriam apresentadas pelas bandas inglesas ou estadunidenses. Clemente é um dos que confirmará tal perspectiva:

as primeiras bandas surgiram a partir da necessidade de ouvir algo que te representasse. Você ouvia o *Sex Pistols* falando ‘Anarchy in the UK’ ou ‘estava na rua em Londres’. Então faltava alguém que falasse da quebrada da Carolina, do que está acontecendo com você e que falasse de você, da sua realidade, né.¹²⁷

¹²⁵ ARIEL, op. cit., 2016. Trecho retirado aos 8 minutos e 51 segundos do documentário.

¹²⁶ ARIEL, op. cit., 2016. Trecho retirado aos 17 minutos e 53 segundos do documentário.

¹²⁷ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 24 minutos e 9 segundos do documentário.

Desta forma, portanto, foram surgindo os primeiro punks e as primeiras bandas da Vila Carolina, que apesar de serem ainda muito jovens, já nutriam um grande interesse por música e, sobretudo, pelas vertentes mais rápidas e distorcidas do rock de então. No entanto, algo é extremamente importante de ser dito para que compreendamos o surgimento e desenvolvimento do punk rock na Vila Carolina. Anteriormente ao surgimento dessa primeira geração de punks, já havia no bairro outros grupos que se reivindicavam como roqueiros, mas não como punks.

Dois destes grupos que serão lembrados por aqueles que viveram o início do punk rock na Vila Carolina são os *Ostrogodos* e os *Marinheiros*, estes últimos chamados desta forma por trajar jaquetas de couro semelhantes àsquelas utilizadas pela marinha estadunidense. No entanto esses grupos ainda não se reivindicavam como punks, classificando-se ainda como roqueiros.

Na realidade essas gangues já existiam desde o início da década de 1970 sendo, inclusive, retratadas no livro “Meninos em fúria” como algo que marcou a chegada de Clemente à Zona Norte paulistana:

Logo o garoto Clemente, menino educado, comportado, que não se metia em confusões, descobriu que tinha se mudado para um bairro que abrigava duas gangues rivais que se pegavam exatamente na rua em frente. Clemente as via pela janela. Passava uma gangue que se vestia como marinheiros, uma roupa preta gasta e depois passavam uns caras de casaco de couro. Da janela, ainda criança, ele via e não se metia. Todos a caminho do único salão de rock do bairro. E eventualmente via membros de uma gangue correrem com paus nas mãos atrás dos membros da outra, cena com a qual se habituou. [...] Distinguir quem era quem se tonou uma obrigação: os caras de marinheiro eram os caras da Carolina; os de jaqueta de couro eram os Ostrogodos, a gangue mais antiga e tradicional da Zona Norte¹²⁸.

Estas duas gangues também serão extremamente importantes para que as primeiras festas de rock aconteçam no bairro. Em uma região dominada, sobretudo, pelo samba, o acesso ao rock e ao punk rock era bastante difícil e, assim, as festas organizadas por estas gangues serão de fundamental importância para que aqueles antigos roqueiros passem a aos poucos se aproximar do punk rock

---

¹²⁸ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 36.

Os Ostrogodos começaram a ser conhecidos como Jacos Pretos. Organizavam sons de garagem e rivalizavam com a gangue da Carolina, que andava com a jaqueta de marinheiro americano estilo ‘Pato Donald’, preta com listras brancas no punho e na gola, visual da boutique da rua Dom José de Barros, a Lixão, que importava em contêineres uniformes usados de soldados americanos. E como se tratava da era dos salões e das festas caseiras, em que só se tocava rock pesado, ambas as gangues tinham equipes de festa. Que deram nos primeiros punks que nem sabiam que eram punks, pois ainda não tinham inventado o punk rock nem identificado esse estilo comum entre jovens nova-iorquinos, londrinos e paulistanos¹²⁹.

Ariel também recorda dos dois grupos e seus enfrentamentos:

Uma das gangues se chamava Ostrogodos. Esses eram uns caras que gostavam de brigar e curtir rock, e beber e fazer festa. Eles andavam de bota e calça jeans, o que era revolucionário na época. Era revolucionário usar calça jeans porque vendia como se fosse droga, no centro. [...] eles gostavam de brigar e o alvo deles eram os caras da Carolina. Com os caras da Vila Palmeiras eles já não levavam uma, porque a gente era mais perigoso, né¹³⁰.

Quando Ariel diz que “os caras da Vila Palmeiras eram mais perigosos”, na realidade ele quer identificar algumas diferenças entre os punks da Vila Palmeiras e da Vila Carolina. Segundo Ariel:

o pessoal da Vila Palmeiras era mais bandido. Já convivia mesmo com a marginalidade. Os caras da Carolina não usavam drogas, era um ou outro. Mas aqui na Vila Palmeiras usava todo mundo. Tinha uma farmácia aqui no Largo que vendia anilipóides, que era uma anfetamina foda. A gente comprava, já jogava uns vinte numa cafeteira com bebida e tomava todo mundo e falava que saía pra ultraviolência. Aí traficante andava com a gente, já andava armado. Esses eram os punks da Palmeira. [...] a gente chegou até a brigar com os caras da Carolina. Mas como era tudo punk, ia pra som junto e tal, né, aí parou¹³¹.

Tais diferenças, no entanto, não terão a mesma relevância para os punks quanto havia anteriormente entre *Ostrogodos* e os *Marinheiros*. Na realidade, há um senso de unidade entre esses primeiros punks que permitirá que aos poucos o punk rock se fortaleça na Vila Carolina e proximidades, saindo dos limites da Zona Norte paulistana e se espalhando por toda a cidade.

De fato, as brigas entre *Ostrogodos* e os *Marinheiros* já eram um prenúncio daquilo que passaria a acontecer a partir do surgimento das primeiras gangues punk

¹²⁹ Ibidem, p.39.

¹³⁰ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (10 min 23 s).

¹³¹ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (11 min).

já entre o final da década 1970 e o início da década de 1980. As “tretas”, como são comumente chamadas as brigas entre gangues, passarão a não mais ocorrer exclusivamente nas ruas do bairro, mas passarão a ocorrer, sobretudo, em toda a cidade de São Paulo e, também, nas cidades do ABC Paulista.

A primeira gangue punk que irá se desenvolver surge exatamente com a união dos primeiros punks da Vila Carolina, Vila Palmeiras, Bairro do Limão e Freguesia do Ó. Essa aproximação entre os roqueiros da região levará alguns anos, iniciando-se ainda em 1974, portanto antes da adesão ao punk e se afirmando entre 1976 e 1977, período em que alguns roqueiros da região passam a se identificar como punks. A gangue em questão, será inicialmente chamada de Turma da Carolina e posteriormente passará a ser conhecida como Carolina Punk, a primeira gangue punk do Brasil.

Acerca da Carolina Punk, Ariel dirá que “a Carolina, na verdade, ela durou desde o rock pré-punk de 1974 até 1979, não chegou nos 80. Muito poucos punks da Carolina que seguiram. Uns foram trabalhar, outros casaram, foram estudar e largaram mão”¹³². Mas, mesmo com uma vida relativamente curta, a Carolina Punk foi extremamente importante para consolidar a presença punk na Vila Carolina.

Quanto a relação da Carolina Punk com a Vila Carolina é importante assinalar que nem sempre os punks eram bem vistos por parte dos moradores. Além disso, a casa de um dos líderes da Carolina Punk, Paulinho Barão, localizava-se na rua Natércia, uma das ruas do bairro onde a Portelinha realizava seus ensaios.

Exatamente pela liderança que Barão exercia em relação ao restante do grupo e, sobretudo, devido a sua grande coleção de discos de rock, era comum que os punks se encontrassem na casa de Barão para escutar seus discos. Dessa forma o contato entre os punks da Carolina e a escola de samba do bairro tornou-se inevitável. No entanto, a receptividade por parte dos sambistas do bairro não é lembrada de forma positiva por Ariel. Segundo ele “os caras não gostavam muito da gente por que a gente era roqueiro, por que era diferente. O Clemente que sofria por que era negro e não curtia samba. Aí ele sofria em dobro”¹³³.

---

¹³² ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (12 min 6 s).

¹³³ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (4 min 18 s).

De fato, a família Nascimento, família de Clemente, era mais uma das muitas famílias negras que residiam naquela parte da periferia da Zona Norte. A aproximação entre o samba e os punks da Vila Carolina é bastante notória no caso da família de Clemente. Além do samba e de outros ritmos da musicalidade negra que eram comuns em sua casa, sua mãe, Dona Alice, participou durante muitos anos da ala das baianas da escola de samba do Bairro do Limão, a Mocidade Alegre

Dona Alice sempre incentivava o filho a cantar e a tocar. Ela mesma gostava muito de música, mas achava as letras do filho estranhas. A mãe gostava de bolero, samba; cantava muito, foi baiana da Mocidade [Alegre] e desfilava sempre que podia no carnaval¹³⁴.

Relato semelhante nos foi dado por Jaime Pereira Gomes, antigo intérprete da Portelinha. Segundo Jaime sua iniciação na música se deu através de uma banda de rock na própria Vila Carolina:

Desde os nove anos de idade tinha aqui nessa rua um grupo de rock, acho que Angie Blacks ou alguma coisa assim. E eu que era garotinho ficava olhando eles tocar. Na hora do intervalo eu ia fuçar nos instrumentos, pegava na bateria, eu ia fuçar na guitarra e eles deixavam. Tanto que eu não sou músico, não toco mesmo. Mas o pouquinho de noção que eu tenho de violão foram eles que me ensinaram.¹³⁵

Tal relação entre o samba e o rock na Vila Carolina era, portanto, normal. No entanto, no caso dos punks havia, como já dito anteriormente, uma certa resistência por parte da população do bairro. Assim, se havia uma relativa aceitação das bandas de rock, por outro lado, com o surgimento do punk rock e sua sonoridade mais agressiva, tal aceitação acabou se transformando em resistência. De fato, não eram todos os lugares do bairro que se mostravam receptivos aos punks.

Mesmo com essa dificuldade de convivência entre sambistas e punks, a própria situação da Vila Carolina, concentrando elementos dos dois grupos, acabava por impor tal convivência. Talvez o exemplo mais claro seja exatamente a casa de Paulinho Barão, um dos líderes da Carolina Punk, e vizinho do local de ensaio da Portelinha. Enquanto do lado de dentro da casa os punks se reuniam para ouvir os

---

¹³⁴ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 63.

¹³⁵ GOMES, Jaime Pereira. Jaime Pereira Gomes: entrevista [28 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 4 arquivos mp4. 1 h 15 min 5 s. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (2 min).

discos de Barão, na rua era a batucada da Portelinha que comandava. Quanto a isso Ariel lembra:

O Barão morava ali no começo da [rua] Natércia, na esquina. Ali morava o Paulinho Barão, que tinha os discos já e era o líder da Carolina Punk. O Pierre (outro integrante da Carolina Punk) morava ali do lado e a Portelinha ensaiava ali, né. Então, quer dizer, não dava pra fugir [...] ele tinha os discos e todo mundo ia na casa dele fazer as audições, né¹³⁶.

Essa fala de Ariel, além de mostrar uma proximidade física bastante grande entre os punks e a escola de samba da Vila Carolina, acaba por demonstrar também a importância para aqueles jovens de ter contato com os discos de suas bandas preferidas. O próprio líder da Carolina Punk, Paulinho Barão, ganhou certa notoriedade entre os punks do bairro por, entre outras coisas, ser um dos poucos que tinha uma grande coleção de discos em casa.

Figura 7 - Os punks Tina Ramos e Ariel Uliana Júnior ao lado de Moizes Pires e Célio Pires, coordenadores do Bloco Carnavalesco Água Ardente durante o desfile do bloco em 23/02/2019. Fotografia: Célio Pires

¹³⁶ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (9 min 55 s).

No período compreendido entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, fase onde se desenvolveu o punk rock na Vila Carolina, o valor dos discos, sobretudo os importados, acabava por se tornar praticamente um impeditivo para que aqueles jovens pobres pudessem adquiri-los. O pequeno número de lojas que comercializavam discos punk, além dos poucos discos que chegavam ao Brasil durante o período da censura da ditadura militar, também contribuíam para dificultar ainda mais o acesso a estes discos. No entanto, os punks acabavam, de uma forma ou de outra, fazendo pequenos “truques” e, ao seu modo, aos poucos a Vila Carolina se tornaria uma importante concentração de discos de punk ainda no início do gênero no Brasil. Neste relato Ariel fala sobre as poucas lojas que vendiam discos das bandas que influenciaram o punk, além das formas como os punks adquiriam tais discos:

Tinha o Museu do Disco, a Breno Rossi, a Hi-Fi, tinha umas lojas grandes, né. De vez em quando vinha alguma coisa e você dava um jeito de comprar. Aí montou a Wop-Bop, acho que em 1977, depois a Baratos e Afins, em 1978 e foi aí que começaram a importar dos selos pequenos que lançavam esses discos de punk, eles compravam a produção dos caras. Tinham caixas fechadas que vinham com só um disco de cada banda e aí a gente ia lá garimpar. Aí tinha que escolher entre comprar o primeiro do *Stoogies* ou um dos *Dead Boys*. Então eu comprava, por exemplo um *Stoogies* e o Barão comprava o *Dead Boys* e assim ficava tudo concentrado aqui. Quem tinha os discos era a gente. ABC não tinha disco, a Terror [Punk] não tinha disco, nenhuma gangue tinha disco¹³⁷.

Ainda assim, comprar esses discos importados naquela época não era nada fácil para os jovens punks da Vila Carolina. Dessa forma, muitas vezes os punks acabavam recorrendo a pequenos furtos para conseguir os discos. Assim, quando questionado sobre como ele, jovem pobre, fazia para conseguir comprar seus discos, Ariel responde de forma bastante direta:

Tinha alguns que trabalhavam de office boy e pegava o dinheiro e comprava. Geralmente morava com os pais, né. [...] a gente fazia uns truques também, né. Vendia maconha, roubava os outros aqui em baixo, mas assim, na boa. Roubava no snooker, na malandragem. Ninguém enfiava faca nem nada assim. Entrava nos mercados e saía com um monte de coisa. Era jovem rebelde da época, né. E a gente fazia isso, cara. Roubava os discos na loja, um disfarçava e outro ia lá e pegava. Era assim¹³⁸.

¹³⁷ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (16 min 2 s).

¹³⁸ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (18 min 4 s).

É dessa forma que os discos de punk rock começam aos poucos a se concentrar na Vila Carolina. As trocas de disco entre os punks do bairro e as fitas gravadas a partir daqueles discos ajudaram ainda mais que os membros da Carolina Punk fossem se aprofundando cada vez mais no universo punk. Uma outra via pela qual os discos de rock e punk rock chegavam à Vila Carolina foi através de Antônio Carlos Senefonte, cantor, radialista e colecionador de discos de rock que irá se notabilizar pelo apelido de Kid Vinil.

A amizade com os punks da Vila Carolina acabou aproximando ainda mais Kid Vinil do punk rock. É neste contexto de aproximação que Kid Vinil participará da organização daquele que é lembrado como sendo o primeiro show punk do Brasil. Ocorrido em dezembro de 1978 no porão de uma padaria no bairro onde Kid Vinil morava, Jardim Colorado, na Zona Leste de São Paulo, este show contou com as bandas *Restos de Nada* e *AI-5*, ambas oriundas da Zona Norte de São Paulo e foi narrado pelo próprio Kid Vinil da seguinte forma:

Começou com aquela história ‘vamos fazer um show de punk’. Na época já existia o *AI-5* e aí veio a ideia também de juntar com o *Restos de Nada*, o Clemente, a galera lá da [Vila] Carolina também que tinha banda. [...] Eu lembro que eu tinha um fusquinha e fomos lá na casa do Clemente, peguei uma parte da bateria dele [...] e fomos para o porão de uma padaria velha que tem no [Jardim] Colorado [...] eu lembro de uma lâmpada que tinha que quebraram, claro, a lâmpada, e ficou uma puta escuridão e poeira que levantava do chão porque era chão batido, então vocês imaginam que loucura que era aquilo.¹³⁹

Assim, apesar de não se reivindicar enquanto punk nem sequer ser morador da Vila Carolina, Kid Vinil foi extremamente importante para o início do desenvolvimento do punk rock no Brasil. A aproximação do radialista com os punks da Vila Carolina foi tanta que, segundo Ariel, “o Kid Vinil vinha tanto trazer disco pra Carolina quanto levar. Ele vinha jogar bola com a gente aqui. Era o Antônio Carlos ainda, nem era Kid Vinil”¹⁴⁰. Assim, fosse através do salário, pequenos furtos ou trocas, os discos de punk rock passavam a se concentrar nas casas dos punks do bairro.

Estes discos, no entanto, passaram a ser utilizados como matrizes para a gravação de fitas cassete, que logo se espalharam pelos punks da Vila Carolina e de

¹³⁹ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 29 minutos e 11 segundos do documentário.

¹⁴⁰ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 3 (18 min 46 s).

outros bairros da cidade. De uma forma cooperativa e bastante ligada ao ideal punk do “faça você mesmo”, as fitas gravadas a partir daqueles discos adquiridos das mais diversas maneiras acabaram servindo para facilitar o acesso ao punk rock e, dessa forma, contribuir para que o punk rock se difundisse cada vez mais.

Além disso, ouvir as fitas cassete gravadas a partir dos discos logo se tornará um hábito entre os punks que, na realidade, não o faziam somente em casa. É dessa forma que irão surgir os chamados “sons de fita” que, na realidade, nada mais eram do que músicas punks tocadas nos salões de baile da cidade a partir das fitas cassete levadas pelos punks: “Hoje em dia vão em show, mas na nossa época não. Era som de fita, né. Não era nem som mecânico, não era nem DJ. Era som de fita mesmo”¹⁴¹.

No entanto, neste período ainda não era comum que houvessem casas de show voltadas para o rock, sobretudo para o punk rock. Assim, durante a noite, no intervalo entre as músicas, as fitas levadas pelos punks eram colocadas para tocar por algum tempo e, foi dessa forma, que o punk rock começou aos poucos a fazer parte da trilha sonora dos salões paulistanos.

Neste sentido, três falas curtas, mas bastante esclarecedoras acerca desses eventos serão apresentadas no documentário “Botinada, a origem do punk no Brasil”. João Francisco Benedan, o João Gordo, vocalista da banda *Ratos de Porão* desde 1983 e apresentador de TV dirá que: “Cara, naquela época a gente não gostava de som ao vivo. As bandas nacionais eram tudo ruins, eu não gostava de ver, eu preferia som de fita”¹⁴².

João Gordo não era o único a reclamar dos shows com banda. Na realidade isso era bastante comum e, nesse sentido, Irene, uma das poucas mulheres punks da Vila Carolina e ex-baixista da banda *Restos de Nada*, dará um relato que contribui muito para se compreender o que eram esses sons de fita: “A gente tocava às vezes e, quando a gente tocava, alguém tinha que manter uma garrafa na mão que era pra fazer a segurança pessoal porque o público queria invadir, tirar as pessoas porque queria ouvir fita”¹⁴³.

---

¹⁴¹ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 15 minutos e 47 segundos do documentário.

¹⁴² BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 15 minutos e 55 segundos do documentário.

¹⁴³ Ibidem. Trecho retirado aos 16 minutos e 1 segundo do documentário.

Tal costume não era uma exclusividade dos punks da Vila Carolina ou da cidade de São Paulo. Português, primeiro baterista da banda *Garotos Podres*, da cidade de Mauá, irá recordar que no ABC paulista o início dos eventos de punk rock também se deu dessa forma:

No nosso bairro também tinha aquelas discotecas da época, os bailinhos de final de semana e os punks iam, não podiam sair do bairro porque não tinham grana. A gente ia lá com uma cassetezinha e dava pro cara tocar no meio das músicas lentas, dos funks o cara rolava um *Sex Pistols* pros punks bater as jaquetas no chão.¹⁴⁴

Mas esses sons de fita inseridos nas discotecas e bailinhos, logo passaram a não ser mais suficiente. Os punks queriam curtir a noite toda e, além disso, o número de punks em São Paulo passava a aumentar. É dessa forma que irão surgir os primeiros salões de rock, iniciando uma nova fase para o punk rock em São Paulo.

A Vila Carolina não chegou a ter nenhum salão voltado para o punk rock neste período. No entanto, o primeiro salão de rock, Construção, será aberto em 1978 na Associação dos Moradores do Bairro Vila Mazzei¹⁴⁵, também localizado na Zona Norte. Prontamente o Construção passará a ser frequentado pelos punks da Vila Carolina e de outros bairros da cidade. Outros salões que passarão a receber os punks neste período são Fofinho e Ledsley, na Zona Leste, além do Napalm e o Templo do Rock na região central. Com o surgimento dos salões, esses locais passam a atrair o público punk e, dessa forma, irão aumentar a frequência dos “rolês”, termo pelo qual os punks denominam seus eventos.

Conforme outros salões passam a surgir já na virada entre as décadas de 1970 e 1980, não somente os “rolês” passam a ficar mais frequentes, como os encontros com gangues rivais fatalmente passará a ocorrer de forma mais recorrente. Cada uma representando seu bairro ou região, as gangues eram compostas basicamente por jovens e que acabavam vendo na violência uma forma de se sobrepor aos grupos rivais. É neste sentido que Zorro, ex-baixista das bandas *M-19* e *Invasores de Cérebros* faz uma importante observação: “era de quinze a dezoitos anos a média de

---

¹⁴⁴ Ibidem. Trecho retirado aos 16 minutos e 16 segundos do documentário.

¹⁴⁵ Ibidem. Trecho retirado aos 17 minutos e 9 segundos do documentário.

idade dos punks de São Paulo e do mundo, talvez. Então era uma coisa muito volátil, muito explosiva, né. Difícil de manusear”¹⁴⁶.

Segundo José Rodrigues Mao Júnior, historiador e vocalista da banda *Garotos Podres*, o surgimento das gangues punk em São Paulo e nas cidades do ABC paulista esteve relacionada com o lançamento do filme *Warriors*, de 1979. Mao identifica que: “O surgimento das gangues está muito relacionado a um filme, que é o *Warriors* [...] o filme inteiro é briga de gangues e muita gente começou a achar que aquilo era punk”¹⁴⁷. Ariel complementa dizendo que “aí começaram a querer ser igual os caras, sabe. Andar igual os caras, tretar igual os caras”¹⁴⁸.

Portanto, o filme *Warriors*¹⁴⁹ acaba servindo como um modelo de comportamento para aqueles jovens punks que apesar de já tocarem, formarem bandas e organizarem os “rolês”, ainda não tinham muitas referências sobre como o movimento punk se organizava fora do Brasil. Desta forma as gangues ficarão marcadas, sobretudo, pela violência e pelas “tretas”, forma como são denominadas as brigas em que estas gangues se envolviam. No entanto, as gangues tiveram uma outra função muito mais relevante para o desenvolvimento do punk rock no Brasil. Se o acesso às gravações e aos materiais produzidos sobre o punk fora do país era tão difícil de chegar aos jovens punks brasileiros, por outro lado é nas gangues que irão se reunir muitos daqueles que passarão a se dedicar para o fortalecimento do movimento punk no Brasil.

Além da Carolina Punk, que já se notabilizava por ser uma gangue numerosa e que reunia muitos discos e bandas, outras gangues que surgem no período serão citadas no documentário *Botinada*:

Tinha os Ostrogodos; Phuneral Punk, da Zona Sul; o Meloso, que era do Bairro do Limão; Os Piratas; Punk da Morte; Os Metralhas; Os Indecentes; Punk Mulambo; Punk Sarjeta; Os Rebeldes, de São Caetano; Punk Anjos, do ABC; Punkids, da Zona Leste; Punk Imortal; Os Maquiavélicos, da Barra Funda; Punk Repugnantes; Punk Carniça, do Sônia Maria, em Mauá [...] ¹⁵⁰

¹⁴⁶ Ibidem. Trecho retirado aos 36 minutos e 17 segundos do documentário.

¹⁴⁷ Ibidem. Trecho retirado aos 34 minutos e 10 segundos do documentário.

¹⁴⁸ Ibidem. Trecho retirado aos 34 minutos e 27 segundos do documentário.

¹⁴⁹ Dirigido por Walter Hill, o filme é lançado em 1979 e retrata a violência das gangues nova-iorquinas da época

¹⁵⁰ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 35 minutos e 7 segundos do documentário.

No entanto, apesar das “tretas” e dos muitos casos de violência que envolviam essas gangues, em um dos trechos de sua entrevista para este documentário *Botinada*, Zorro trará a seguinte perspectiva acerca deste tema: “De dentro das gangues é que saem os primeiros sons, de dentro das gangues é que saem as primeiras bandas, os caras que fazem as lojas de disco, que fazem as camisetas, que criam tudo do nada”¹⁵¹.

É desta forma, portanto, que o punk iniciará a década de 1980. As gangues já estavam em atividade, os primeiros salões já existiam e os “rolês” se multiplicavam pela periferia e também pelo centro. E será no centro da cidade que o movimento punk, surgido nas periferias de São Paulo, encontrará o local que se notabilizará pela formação do principal núcleo punk a partir de então: o Largo de São Bento.

Helinho, punk da Vila Carolina e ex-integrante da banda *Condutores de Cadáver*, faz uma comparação entre a função desempenhada pelo EETAL e o Largo de São Bento para o punk de São Paulo:

A Estação São Bento tem um outro papel interessante também. Porque assim como aqui [EETAL] era um ponto de efervescência desse bairro [Vila Carolina], a gente ia lá pra Estação São Bento e encontrava gente do resto de São Paulo, também na vibe do rock ‘n’ roll¹⁵².

E dessa forma, o Largo de São Bento acaba se tornando um ponto de encontro entre os punks de toda a cidade. No entanto, tais encontros nem sempre eram desejados por seus frequentadores, visto que a presença de gangues rivais era praticamente uma constante. As disputas por aquele espaço passam a se tornar frequentes e, com isso, as “tretas” se tornam inevitáveis.

Um espaço central na cidade e frequentado por uma série de gangues rivais só poderia mesmo levar ao acirramento dos conflitos e, de fato, é isso o que vai acontecer. Nas palavras de Ariel:

A São Bento foi palco de muitas ‘tretas’, muita confusão, né. Aí imagina, a gente ficava aqui e, pô, 24 horas por dia tinha punk aqui, né. Você podia passar qualquer horário, qualquer dia de semana que tinha punk aqui. E punk sempre atraía confusão, mas também provocava. [...] era um espaço que era disputado por todo mundo, todas as gangues de São Paulo disputavam esse espaço. Muitas gangues se uniram e muitas entravam em choque mesmo. As

¹⁵¹ Ibidem. Trecho retirado aos 34 minutos e 36 segundos do documentário.

¹⁵² ARIEL, op. cit., 2016. Trecho retirado aos 43 minutos e 39 segundos do documentário.

gângues que tiveram tretas históricas, principalmente, eram os Anjos do ABC, Carolina e Punk Terror [do ABC]¹⁵³.

Tais disputas envolveram praticamente todas as gângues da época. No entanto as principais rivalidades se davam entre as gângues de São Paulo e as gângues do ABC paulista, rivalidades essas que acabaram, inclusive, levando alguns punks à morte¹⁵⁴. O motivo da rivalidade entre os punks de São Paulo, ou da “city”, como se denominavam, e os punks do ABC nunca foi bem explicado, havendo uma série de hipóteses levantadas por ambos os lados.

A região do ABC paulista é composta por sete municípios, a saber: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra¹⁵⁵. A maior parte desses municípios possui uma destacada função industrial e, sobretudo ao longo da ditadura militar, as greves e confrontos entre operários e a polícia eram bastante frequentes. Tal situação acabava favorecendo uma aproximação com os debates políticos do período, bem como aproximava os jovens punks de alguns dos traços mais autoritários e violentos de um estado militarizado. A geração que cresceu “matando aula para ver greve”, se tornará anos depois a primeira geração de punks do ABC. Um destes punks, Mao dará o seguinte relato:

Na época em que eu fazia colégio, eu fazia colégio no centro de São Bernardo, e em 1980, 1981, na época das greves dos metalúrgicos, o pessoal da escola sempre matava aula pra ir ver greve. Inclusive é uma experiência muito interessante, a gente assistindo aula e helicóptero do exército apontando metralhadora pra baixo. E foi nesse período que eu experimentei a minha primeira bomba de gás lacrimogênio. E acho que é um cheiro que gravou na memória, acho que nunca mais saiu das minhas narinas de forma que, para mim, o ABC tem cheiro de gás lacrimogênio mesmo¹⁵⁶.

Tal aproximação das lutas sindicais é uma das perspectivas trazidas por Pádua, ex-integrante da banda *Passeatas*, do ABC. Em seu relato, Pádua sugere que os punks do ABC paulista eram mais politizados que os punks da capital. Segundo

¹⁵³ Ibidem. Trecho retirado aos 46 minutos e 40 segundos do documentário.

¹⁵⁴ A morte de Nenê da gangue Punk Anjos, do ABC, será amplamente tratada no documentário “Ariel sempre pelas ruas”, a partir de 1:03:01

¹⁵⁵ Retirado do site www.emplasa.sp.gov.br/RMSP

¹⁵⁶ ROTA ABC. Diretor: Francisco Cesar Filho. Fotografia: Marcelo Coutinho. Produção: Francisco Cesar Filho. [S. l.], 1991 (10 min 59 s). Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=rota_abc. Acesso em: 5 fev. 2020. Trecho retirado aos 3 minutos e 38 segundos do documentário.

Pádua: “No ABC os punks se achavam melhores que os punks de São Paulo pelo seguinte, o envolvimento com o operariado, a questão política mesmo, o movimento sindical do ABC, o Lula surgia no ABC como uma promessa de futuro para mudar a sociedade”¹⁵⁷.

Por outro lado, Clemente dará uma versão paulistana acerca da questão da rivalidade com o ABC. Segundo o líder da banda *Inocentes*, a rivalidade dos punks do ABC em relação aos punks da capital se dava:

“pelo fato deles se sentirem excluídos, né. Porque na verdade, acho que todas as entrevistas eram com os caras de São Paulo, tudo rolava aqui e eles estavam muito perto e distantes ao mesmo tempo, né. Por causa das brigas eles não podiam vir muito pra São Paulo e não usufruíam de tudo o que acontecia”¹⁵⁸

Pádua, em outro trecho de sua fala, irá sustentar uma versão bastante próxima a esta dada por Clemente. Segundo Pádua: “Em São Paulo eles tinham mais acesso às informações que chegavam da Europa e da Inglaterra. Aí eles tiravam um barato da gente ‘ABC é punk? Só curte *Sex Pistols*, *The Clash* e *Ramones*’, aí lá não, os caras tinham uma infinidade de bandas”¹⁵⁹.

As roupas e adereços utilizados, o “visual”, como chamam os punks, também eram mais um motivo de diferenciação entre os dois grupos. Neste sentido, as provocações giram em torno do fato dos punks de São Paulo terem um acesso mais facilitado a artigos como jaquetas de couro ou coturnos, enquanto os punks do ABC, seja por falta de dinheiro ou pela dificuldade de encontrar tais artigos em suas cidades, acabavam se vestindo de uma maneira mais simples, sendo considerados “toscos” por parte dos punks da “city”.

Esta perspectiva será trazida tanto por Tina Ramos, punk paulistana, quanto por Eron, antigo membro da gangue Punk Terror, do ABC, uma das principais gangues rivais da Carolina Punk. Segundo Tina: “Os caras da cidade [de São Paulo] eram bonitinhos, limpinhos [risos], jaquetinha de couro, coturno engraxadinho. Já o ABC era aquela coisa podrona, né, sujona”¹⁶⁰. Já Eron, traz a perspectiva de um punk do ABC:

---

¹⁵⁷ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 38 minutos e 47 segundos do documentário.

¹⁵⁸ Ibidem. Trecho retirado aos 39 minutos e 57 segundos do documentário.

¹⁵⁹ Ibidem. Trecho retirado aos 40 minutos e 12 segundos do documentário.

¹⁶⁰ Ibidem. Trecho retirado aos 40 minutos e 41 segundos do documentário.

os caras da Carolina [Punk] eram bem mais vestidos, meu. Eu usava kichute na época e os caras usavam jaqueta de couro já. Quanto que custa uma jaqueta de couro hoje em dia? E naquela época? Aí você tem uma base, mano. Nós da [Punk] Terror era isso. Era kichute, bamba que o SENAI dava. Eu usava um bamba branco que foi o SENAI que deu¹⁶¹.

Essa diferenciação entre os punks de São Paulo e do ABC que se tornava visível através das roupas, acontecia também nas sonoridades e até nas referências que cada grupo transmitia através de suas músicas. Neste sentido, Clemente argumentará:

Eles se achavam, porque eram operários e diziam que nós éramos mais 'ricos', diziam que éramos boys, que a gente tinha jaqueta de couro de verdade e eles usavam modelos de plástico imitando couro, andavam todos zoados. Eles vinham pra cá em bailes de fita e rolavam as brigas. Só pelo visual sabia-se quem era do ABC. Os punks do ABC não tinham as mesmas preocupações estéticas dos paulistanos, nem ligavam para cabelos. Estavam enfronhados no movimento sindical, faziam as primeiras greves contra a ditadura, participavam das grandes manifestações dos metalúrgicos, sobrevoadas por helicópteros do exército, em estádios de São Bernardo. O som era mais seco, as letras mais elaboradas. A roupa: macacão de metalúrgico¹⁶².

Embora a situação de pobreza e exclusão fosse comum tanto aos punks da capital quanto aos punks do ABC, tais semelhanças eram ignoradas em nome de uma rivalidade que chegou a ameaçar a própria manutenção do movimento punk nessas cidades. A dificuldade de transitar em determinados bairros de São Paulo ou municípios do ABC acabou por manter algumas gangues isoladas em seus "territórios", bem como isolou também as bandas dos integrantes que compunham estes grupos. Neste sentido Mao avalia que:

Essas brigas foram evoluindo até surgir uma verdadeira guerra entre ABC e São Paulo, e uma guerra da qual ninguém se beneficiou [...] impossibilitou, por exemplo, que acontecessem muitos shows, muitos festivais. Muita coisa interessante que podia ter surgido não surgiu porque tinham essas brigas.¹⁶³

Nos primeiros anos da década de 1980, com o aumento da violência entre as gangues, as "tretas" que antes "ficavam limitadas a socos, pontapés, estiletagens e

---

¹⁶¹ ARIEL, op. cit., 2016. Trecho retirado aos 57 minutos e 30 segundos do documentário.

¹⁶² NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 77.

¹⁶³ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 40 minutos e 55 segundos do documentário.

correntadas”¹⁶⁴, passaram a ocorrer utilizando ferramentas cada vez mais letais. Um dos eventos considerados como um episódio marcante dessa fase mais violenta das brigas entre as gangues é a tentativa de ataque a bomba no salão Construção.

Pádua, ex-integrante da banda *Passeatas*, do ABC relata essa tentativa de ataque que acabou por amputar seu braço direito:

O punk que ia jogar a bomba, na hora, deu um vacilo. Eu estava passando perto e falei ‘vai mano, solta o bagulho’ e ele tipo que balançou, tá ligado? Falei ‘dá essa porra aí’, na hora que eu catei, que eu tô acendendo, o cara grita no meu ouvido ‘olha os ‘homem’ [polícia]’. Porra, mora, é psicológico. Você está com uma bomba na mão, o cara fala que a polícia está em cima, você vira pra fazer o que? Você tem que jogar em cima da polícia, entendeu? Quando eu virei não tinha polícia coisa nenhuma, mas quando eu retornei o pavio já estava em chamas e o máximo que eu tive de chance foi largar o artefato que explodiu entre o chão e a minha mão. Felizmente eu não consegui machucar as pessoas que, eu não vou ser hipócrita, a gente tinha a intenção de machucar todo mundo que estava lá dentro [do salão], mas felizmente a gente não conseguiu.¹⁶⁵

Os conflitos já não seguiam mais nenhum tipo de conduta ética ou moral. As “tretas” aconteciam entre as gangues de São Paulo e ABC, mas também com gangues de bairros vizinhos. Os motivos eram os mais diversos possível e, segundo Ariel: “[...] se perguntar pra qualquer um ninguém vai saber explicar porque começou essas tretas. Por que, na verdade uns falam que foi por causa de mina, de mulher, que não sei o quê. Um de um lado começou a pegar a mulher do outro lado”¹⁶⁶.

Sem motivos aparentes e cada vez mais violentas, as brigas passaram a se tornar insustentáveis e algo deveria ser feito para diminuir estes eventos, caso contrário o movimento poderia simplesmente entrar em colapso e acabar se autodestruindo. Tentativas de pacificação do movimento serão feitas, estando alguns punks da Carolina diretamente empenhados nisso. Uma delas tinha em vista a organização de um festival onde bandas de São Paulo e do ABC pudessem tocar. No entanto, um projeto desses parecia muito arriscado naquele momento de violência generalizada entre as gangues.

A alternativa encontrada foi organizar, anteriormente ao festival, um show com poucas bandas, porém que representassem tanto os punks de São Paulo, quanto os

¹⁶⁴ Ibidem. Trecho retirado aos 37 minutos e 51 segundos do documentário.

¹⁶⁵ Ibidem. Trecho retirado aos 42 minutos e 13 segundos do documentário.

¹⁶⁶ ARIEL, op. cit., 2016. Trecho retirado aos 58 minutos e 59 segundos do documentário.

punks do ABC. Surge então a ideia de organizar aquele que ficou conhecido como “Som da União”. Tal evento acontecerá em agosto de 1982, no Salão Beta da Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Alguns meses antes do “Som da União”, ainda em abril de 1982, será lançado o primeiro disco de punk rock gravado no Brasil, o “Grito Suburbano”. Reunindo três bandas da cidade de São Paulo, *Cólera*, *Inocentes* e *Olho Seco*, este registro se tornará um marco na história do punk rock no Brasil. Redson, guitarrista, vocalista e fundador da banda *Cólera* avalia a importância do “Grito Suburbano” da seguinte maneira: “Não era o que a gente queria, mas foi o que a gente conseguiu com o que a gente tinha na época. E o Grito Suburbano está aí como o maior registro do início do punk em vinil na história do punk no Brasil”¹⁶⁷.

A forma amadora com que este registro foi feito dá uma dimensão de como aqueles primeiros punks brasileiros não tinham praticamente nenhum conhecimento acerca de gravação e produção musical. Fábio Zvonar, o Fabião da banda *Olho Seco*, foi o responsável pela organização deste registro: “Foi gravado no [estúdio] Gravodisc, aqui na boca do lixo, na rua dos Timbiras, com oito canais”¹⁶⁸.

Clemente recorda essa passagem com seu característico bom humor:

É engraçado que ninguém ali nunca tinha entrado em um estúdio então, pra mim, aquilo lá era a sétima maravilha do mundo [risos] [...] e aí falava ‘olha, tem canais. Dá pra aumentar aqui só o chimal da bateria’, e nós maravilhados ‘oohhh’. Eram só oito canais [risos]¹⁶⁹

Apesar da forma amadora como a gravação foi realizada, o “Grito Suburbano” foi importante pois, além de se tratar da primeira gravação de punk rock realizada no Brasil, acabou por mostrar também uma capacidade de organização por parte do movimento punk paulistano. Tal capacidade será testada novamente, agora com a realização do “Som da União”.

A possibilidade de organizar este evento em um grande espaço, como o Salão Beta da PUC, entusiasmou os punks, que raramente tinham contato com espaços

¹⁶⁷ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 45 minutos e 34 segundos do documentário.

¹⁶⁸ Ibidem. Trecho retirado aos 44 minutos e 4 segundos do documentário.

¹⁶⁹ Ibidem. Trecho retirado aos 43 minutos e 59 segundos do documentário.

acadêmicos naquela época. A aproximação entre os punks e a PUC, no entanto, não se deu à toa. A vitória de uma série de chapas anarquistas nos centros acadêmicos das principais faculdades de São Paulo acabou aproximando os punks e o movimento estudantil paulistano.

Neste sentido, Marcelo Rubens Paiva, estudante da PUC naquela época, autor da biografia de Clemente, “Meninos em Fúria” e um dos estudantes que se aproximou do movimento punk ainda em 1982, irá dizer:

O discurso da velha esquerda já não mobilizava mais. O Centro Acadêmico das Ciências Sociais da PUC, o Cacs, foi tomado por uma chapa anarquista depois de uma eleição livre e democrática. No ano seguinte, seria a vez do Centro Acadêmico Lupe Cotrim, da ECA, dominado pela chapa anarquista Picaretas. Ou Pica Retas. Em cuja posse tocaram as bandas punk *Mercenárias*, *Ratos de Porão*, *Excomungados*, uma banda punk do pessoal da História da USP e o *Ira*.¹⁷⁰

Mesmo com o espaço garantido para a realização do evento, a ideia de organizar um grande festival envolvendo bandas de São Paulo e do ABC persistiu. Este festival será batizado de “Começo do Fim do Mundo”. No entanto, a violência das gangues não permitiria que o “Começo do Fim do Mundo” acontecesse sem uma tentativa de aproximação entre os grupos. Assim, Clemente descreve qual foi a estratégia utilizada para tal: “O ‘Show da União’ foi pra unir as facções, porque só tinha ‘treta’ entre ABC e São Paulo. Não poderia estar as duas facções juntas ali no ‘Começo do Fim do Mundo’ se não fizesse uma coisa pra apaziguar antes”¹⁷¹.

O ano de 1982 ficará marcado como o início das tentativas de apaziguar o movimento punk paulista. Em um trecho de sua entrevista, Ariel destaca como essa tentativa de pacificar e unir o movimento se deu durante um longo processo:

foi um processo, né. Porque em 1982 a gente fez algumas reuniões pra poder ter o ‘Começo do Fim do Mundo’, então a gente chamou as bandas do ABC que estavam na ativa pra poder unir, pra poder acabar com as ‘tretas’, por que [os punks] estavam se matando. A gente fez um som na PUC, o ‘Som da União’, pra poder ter o festival. Aí que a gente viu as gangues mesmo, parecia [o filme] *Warriors*. Então tinha o pessoal de cada gangue se aturando, um olhando feio pro outro, os Carecas¹⁷² já estavam surgindo ali já e tudo olhando

¹⁷⁰ NASCIMENTO; PAIVA, op. cit., 2016, p 77.

¹⁷¹ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 54 minutos e 45 segundos do documentário.

¹⁷² Gangue de caráter fascista que através de seu discurso ufanista se apoia em um pretenso nacionalismo para agredir imigrantes, homossexuais, membros de grupos políticos progressistas e todos aqueles considerados “inimigos” do grupo.

feito um pro outro. Eu mesmo separei umas quinze brigas no dia. Ninguém entrava armado no salão, só nós [risos]¹⁷³.

A estratégia foi bem sucedida e a reunião finalmente foi feita. As bandas chamadas foram: “Inocentes, de São Paulo, uma banda do meio do caminho, que é o Ulster e foi o Passeatas, que era do ABC”¹⁷⁴ e finalmente o movimento punk paulista dava indícios de que iniciaria seu processo de pacificação.

O próximo passo agora seria tentar algo maior, um grande festival que reunisse bandas de São Paulo e do ABC. Finalmente o “Começo do Fim do Mundo” iria acontecer. Com vinte bandas divididas em dois dias, o evento finalmente aconteceu, tendo sido o SESC Pompeia o local de sua realização.

São Paulo punk

Dias 28 e 29 de setembro o Sesc-Pompéia vai acomodar em sua arquitetura toda a geometria dissonante dos punks paulistas. Da uma da tarde às nove da noite, o som, a fúria e a estética punk estarão representados através de vídeos, exposições de fotografia, revistas que informam os fatos “punks” no Brasil e no Exterior, e shows de cerca de quinze grupos paulistas, entre os quais Inocentes, Lixomania, Anarkólatras, Ratos do Porão e Fogo Cruzado.

Figura 8 Notícia da página 3 da Folha Ilustrada. Edição de número 19.596 da Folha de São Paulo (18/09/1982)

No entanto, o pior aconteceu. Com uma grande briga generalizada, o SESC Pompeia foi tomado pela violência das gangues e, a partir daquele momento, o sonho de pacificar e unificar o movimento punk de São Paulo tinha sido derrotado. Desta forma, haverá, nas palavras de Ariel, uma implosão do movimento punk de São Paulo:

Com o ‘Começo do Fim do Mundo’, ferrou. Não teve essa pseudo-união, isso não existiu. Deram uma tijolada nas costas do Sé, do Punk da Morte, era um paralelepípedo que jogaram nas costas dele. Aí os caras do ABC também queriam resolver as tretas ali e tal. Aí implodiu o movimento que só foi reviver de novo em 1987.¹⁷⁵

¹⁷³ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (14 min 40 s).

¹⁷⁴ BOTINADA, op. cit., 2006. Trecho retirado aos 55 minutos e 2 segundos do documentário.

¹⁷⁵ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (15 min 43 s).

É neste momento que a Vila Carolina volta a ser um local de grande importância para essa tentativa de pacificação do movimento punk em São Paulo. Pouco antes do “Começo do Fim do Mundo”, os membros das gangues Carolina Punk e Punk da Morte chegam a um consenso e definem a união das duas gangues. A partir desta fusão, a gangue passaria a se chamar Carolina da Morte e já indicaria uma importante tentativa de união entre as gangues punk da cidade de São Paulo. Quando questionado se a aproximação entre as duas gangues já indicaria uma tentativa de unificação do movimento, Ariel responde:

Sim, essas duas gangues que depois propuseram o SP Punk¹⁷⁶, pra juntar todo mundo, e juntou né [...] mas eu estou falando em São Paulo, no ABC não. Com o ABC continuaram as tretas. [Em São Paulo] a Punk Terror tinha parado, Punkids parou, que era as gangues mais foda, dos caras que andavam armados mesmo¹⁷⁷.

É neste processo de pacificação entre os punks da capital que a Vila Carolina volta a ter destaque. Ariel passa a liderar essa tentativa de unir as gangues, segundo ele, ‘organizando sons de fita e articulando a união’:

A gente ficava na quebrada dando som de fita e articulando a união. Eu dava som por aqui e todo mundo vinha de todas as quebradas de São Paulo vinham aqui. Mas não podia circular de ‘visual’ que a polícia vinha pra cima, a sociedade estava contra a gente [...] ninguém podia mais andar de visual, as bandas não tocavam mais em São Paulo, não tinha mais movimento¹⁷⁸

Essa tentativa de pacificação do movimento punk voltará a ganhar força com a criação de novas bandas de punk rock. Enquanto algumas bandas como *Inocentes* e *Ratos de Porão* haviam mudado suas sonoridades para se afastar do punk, “*Cólera* não tocava mais, *Olho seco* tinha acabado, *Ratos* tinha virado metal, *Inocentes* tinha virado rock paulista e queria sair do punk”¹⁷⁹, outras bandas surgirão, formando uma nova geração do punk paulista. Entre essas bandas, uma tem fortes relações com a Vila Carolina e toda sua história no punk rock. Fundada por Ariel entre 1987 e 1988,

---

¹⁷⁶ Gangue punk que reunia a maior parte das gangues da capital. No entanto, as gangues do ABC paulista não faziam parte da SP Punk, mantendo assim as brigas entre os grupos da capital e do ABC.

¹⁷⁷ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (13 min 22 s).

¹⁷⁸ ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (16 min 15 s).

¹⁷⁹ Em sua aproximação com o “metal”, o *Ratos de Porão* acaba se afastando do movimento punk naquele momento. O mesmo acontece com o *Inocentes*, que ao se reivindicar como “rock paulista”, também se afastará do movimento punk e passará a se aproximar de bandas como *Titãs* e *Ira*. ULIANA JUNIOR, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 2 (16 min 56 s).

logo se tornará extremamente importante para a retomada dos shows punk, o *Invasores de Cérebros*.

Fábio, ex-integrante do *Invasores de Cérebros*, relata a importância da banda para a manutenção do punk, mesmo após a saída de algumas bandas importantes do movimento:

O *Invasores de Cérebros* é uma banda que deu continuidade ao trabalho que foi desenvolvido com o *Restos de Nada* e também com o *Inocentes*. Porque ali, com o *Inocentes* partindo para uma outra pegada, foi [o *Invasores de Cérebros*] quem manteve aquela roupagem de som, com ideal libertário¹⁸⁰.

Desta forma, é com o surgimento dessas novas bandas que aos poucos as “tretas” vão diminuindo e a pacificação vai se tornando possível. Ao longo da década de 1990, com o fim de algumas gangues antigas e o surgimento dessa nova geração, novos projetos visando aproximar os punks das diferentes regiões de São Paulo e do ABC voltam a emergir. Entre esses projetos, as coletâneas *SP Punk* sejam talvez a experiência mais importante. Sobre as coletâneas *SP Punk* Ariel faz a seguinte análise: “A gente conseguiu gravar três coletâneas, cada coletânea com umas doze bandas. Tudo o que era em termos de punk rock estava representado nessas coletâneas, desde pop punk até os mais radicais”.¹⁸¹

A pacificação, facilitada por uma diminuição das brigas, torna-se ainda mais possível quando uma das mais importantes bandas do punk rock do ABC, a banda *DZK* é convidada e aceita participar da coletânea. Barata, fundador, vocalista da banda *DZK* e importante liderança do movimento punk do ABC fala sobre sua aproximação com Ariel, uma antiga liderança punk da Vila Carolina e uma das principais lideranças do movimento punk paulistano:

O Ariel eu só tinha ouvido falar, não conhecia ele. Eu comecei a ter uma proximidade maior nos anos 1990 mesmo, porque nos anos 1980 era muita ‘treta’ que tinha entre SP e ABC, né. Então o que a gente tinha assim de conhecimento era só de gangue mesmo¹⁸².

---

¹⁸⁰ ARIEL, op. cit., 2016. Trecho retirado a 1 hora, 30 minutos e 49 segundos do documentário.

¹⁸¹ Ibidem. Trecho retirado a 1 hora, 38 minutos e 31 segundos do documentário.

¹⁸² Ibidem. Trecho retirado a 1 hora, 40 minutos e 51 segundos do documentário.

É, portanto, ao longo da década de 1990 que a pacificação do movimento punk paulistano acontecerá. A coletânea *SP Punk* terá um papel fundamental na reaproximação entre os punks de São Paulo e do ABC. Neste caso, Ariel, um antigo punk da Vila Carolina, é o principal nome que irá se dedicar para a gravação destes discos. Segundo Flecha, guitarrista da banda *DZK*, do ABC:

Eu acho que talvez nem tenham dado a grande importância que teve esse evento da gravação desse disco [*SP Punk*], que o Ariel que foi a força motriz mesmo que atuou ali. Porque eu acho que trouxe uma união, que não tinha. Acho que o pessoal de São Paulo começou a ver que o pessoal do ABC não tinha mágoas e nós [do ABC] começamos a ter coragem de tocar em São Paulo também.¹⁸³

Assim, a pacificação finalmente passa a acontecer, estando na dianteira deste processo um antigo punk da Carolina. Desta forma, podemos dizer que a Vila Carolina, fosse no início do movimento punk, durante a generalização das tretas, nos momentos mais difíceis para o movimento ou até mesmo durante o processo de pacificação, sempre esteve representada de alguma forma em todos os períodos vividos pelo punk rock no Brasil. De fato, a importância da Vila Carolina será lembrada por muitos punks ainda nos dias de hoje.

Quanto a isso Ariel e sua esposa, a também punk Tina Ramos, expõe que desde a época da Carolina Punk até hoje, eles recebem muitas bandas em turnê em sua casa:

Até hoje é assim. Digamos, vem uma banda de não sei onde, da Europa, fica aqui. Vem punk não sei de onde, fica aqui. É o que a gente tem pra oferecer. Nós não temos condições de pagar em grana, mas se você tiver condições de pagar sua passagem, estadia e rango vai ter aqui, beleza?¹⁸⁴

Quando questionado se a Vila Carolina pode ser considerada ainda hoje um local importante para o movimento punk de São Paulo, Ariel responde com orgulho: “Sim. Eu levo até hoje os caras pra mostrar os pontos turísticos, os lugares que a gente ficava, onde a gente dava som, o EETAL. Eu mostro tudo porque os caras fazem questão de conhecer, ficam até emocionados”¹⁸⁵.

Por fim, Tina traz uma fala bastante significativa acerca da importância da Vila Carolina para o punk rock:

¹⁸³ Ibidem. Trecho retirado a 1 hora, 41 minutos e 9 segundos do documentário.

¹⁸⁴ RAMOS, Tina. Tina Ramos: entrevista [27 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 1 h 1 min 45 s. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (49 min 20 s).

¹⁸⁵ RAMOS, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (59 min 28 s). Intervenção feita por Ariel durante a fala de Tina Ramos.

A Vila Carolina é referência. Tanto que é o que eu falei, o punk, a gangue Carolina [Punk] marcou a história. Ela marcou a história, a Vila Carolina marcou história, porque foi daqui que surgiu o punk, foi daqui que surgiu tudo. Foi na Vila Carolina que veio as bandas, foi na Carolina que surgiu tudo [...] eu acho assim: a Vila Carolina é o berço do punk¹⁸⁶.

---

¹⁸⁶ RAMOS, op. cit., 2019. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (59 min 51 s).

Considerações Finais

A Vila Carolina, bairro localizado entre a Freguesia do Ó e o Bairro do Limão, na Zona Norte da cidade de São Paulo terá, ainda durante a década de 1940, a chegada das primeiras famílias que darão origem ao bairro. Seu desenvolvimento se dará, sobretudo, a partir da chegada de populações pobres e majoritariamente negras provenientes tanto de bairros próximos ao centro da cidade quanto de outros municípios, em geral, no interior do estado de São Paulo.

Esta localidade, antes pertencente a uma grande fazenda de propriedade da família Prado, será adquirida e loteada pelo Banco Munhoz, sendo este o responsável pela comercialização das unidades para os primeiros moradores. É assim, portanto, que este local distante do centro da cidade passará a ser ocupado por populações que, por questões financeiras, se viram impedidas de adquirir lotes ou continuar residindo nos bairros centrais de São Paulo.

A grande distância em relação às partes centrais da cidade, a dificuldade de acesso e a falta de infraestruturas tornarão os lotes comercializados no bairro significativamente mais baratos do que em outras partes de São Paulo. Tais condições acabavam por servir de estímulo para a fixação de parte das populações de baixa renda, caracterizando logo de início a Vila Carolina como um bairro periférico e de população predominantemente pobre.

Esta população majoritariamente pobre que passa a ocupar o ainda nascente bairro da Vila Carolina têm suas origens em localidades, por vezes, bastante distantes da Zona Norte paulistana. Muitas das famílias que chegam à Vila Carolina são provenientes de bairros centrais da cidade de São Paulo. Outras, no entanto, chegam àquele bairro vindas diretamente de cidades do interior do estado de São Paulo. Neste sentido, as falas de alguns dos entrevistados serão importantes para atestar tal deslocamento em direção a esta localidade.

No caso das famílias vindas de bairros mais próximos ao centro de São Paulo, como Barra Funda, Campos Elísios ou Pompeia, o principal motivo para tal deslocamento reside nos altos valores cobrados tanto para o aluguel quanto, sobretudo, para aquisição de imóveis nas áreas mais centrais da cidade. Sendo

assim, boa parte dessas famílias pobres acabam não conseguindo se manter nestas localidades mais valorizadas e acabam sendo compulsoriamente deslocadas em direção às periferias. Ainda assim, foi muito comum ouvir, entre as falas dos entrevistados que, ainda que suas famílias tivessem vindo de outros bairros da capital, boa parte delas eram provenientes de cidades interioranas.

Cidades como Campinas, Ribeirão Preto e Piracicaba foram lembradas pelos entrevistados na hora de relatar qual o percurso que suas famílias fizeram até finalmente se estabelecerem na Vila Carolina. Tais cidades, no entanto, estão inseridas em uma região de grande tradição na produção do samba e de outras expressões culturais características da população negra brasileira e, dessa forma, parte da população que passa a chegar na Vila Carolina já trazia um considerável envolvimento com essa cultura.

Uma vez que essas muitas famílias negras já com conhecimento prévio acerca do samba passam a chegar no bairro, a Vila Carolina passará a crescer tendo o samba como principal trilha sonora de seu desenvolvimento. Será assim, portanto, que as primeiras experiências relacionadas ao samba passarão a se desenvolver pelo bairro da Vila Carolina.

No entanto, a produção do samba não ficará restrita a estas famílias pioneiras. Outras experiências passarão a ser desenvolvidas ao longo da história da Vila Carolina local que, devido a essas vicissitudes, passará a ser reconhecido enquanto um reduto de sambistas. As chamadas “batucadas” de beira de campo, realizadas nos alambrados dos muitos campos de futebol de várzea existentes no bairro e em seus entornos, assim como as rodas de samba realizadas em bares ou mesmo nas ruas do bairro, acabarão por produzir um material humano de considerável qualidade para a criação de novas experiências relacionadas à cultura do samba.

É desta forma que, possibilitada pela cultura do samba desenvolvida no bairro, surgirá, em 5/5/1970, a escola de samba que passará a representar a Vila Carolina, carregando seu nome e dando uma notoriedade cada vez maior ao samba ali produzido. Com a fundação do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Primeira de Vila Carolina, mais conhecida como Portelinha de Vila Carolina, o bairro passará a

se destacar cada vez mais no universo do samba na cidade de São Paulo, atraindo integrantes de muitas outras escolas de samba da capital para os seus ensaios.

É fato que a popularidade alcançada pelo samba da Vila Carolina e, sobretudo, por sua escola, a Portelinha, logo se desenvolverá para além dos limites da cidade de São Paulo. É assim que a escola será apadrinhada e batizada pela sua homônima carioca, a Portela. Desta forma, imagina-se que uma escola que em pouco tempo consegue crescer a ponto de chamar a atenção de outras agremiações mais antigas e tradicionais, inclusive de fora do estado, continuaria crescendo até chegar à elite do carnaval paulistano.

No entanto, não é o que acontece. Após uma série de administrações mal sucedidas e carnavais onde a escola sequer conseguiu desfilar, a Portelinha acaba por entrar em uma descendente até que, em meados da década de 1980, a escola fechará suas portas e jamais retomará seus momentos de destaque no carnaval paulistano.

Ainda assim, não é somente o samba que trará notoriedade para a Vila Carolina. Uma outra sonoridade consideravelmente distinta do samba colocará o bairro novamente em destaque. O punk rock, gênero musical desenvolvido durante a segunda metade da década de 1970 nas localidades mais pobres de Londres e Nova York, será abraçado por parte dos jovens do bairro daquele período, que logo passam a se reivindicar como punks. Desta forma, mesmo que muitos daqueles jovens não tivessem a real dimensão do que estava acontecendo, será ali na Vila Carolina que surgirão as primeiras bandas de punk rock do Brasil, bem como a primeira gangue punk do país, a Carolina Punk.

As características periféricas da Vila Carolina desenvolvidas desde o início da sua formação, irão permanecer em grande parte ao longo dos anos, servindo desta forma de combustível para a revolta e a rebeldia destes primeiros elementos do punk rock nacional. Bandas como *Restos de Nada* e *Inocentes*, marcarão aquela que ficou conhecida como a primeira geração do punk rock no Brasil, atestando a importância da Vila Carolina na produção deste outro gênero musical e, desta forma, transformando o bairro em um importante reduto do punk rock.

Embora tanto o samba quanto o punk rock estejam hoje presentes em praticamente todos os bairros de São Paulo, o destaque alcançado pela Vila Carolina em relação a estes dois gêneros inspirará novas experiências até os dias atuais. Desta forma, o nome Vila Carolina será até hoje reverenciado por muitos daqueles que cultuam estes gêneros, dando notoriedade ao bairro e o identificando como um importante reduto de bambas e de punks.

Referências Bibliográficas

BARRO, Máximo. **História dos bairros de São Paulo**: Nossa Senhora do Ó. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1977-

BELO, Vanir de Lima. **O enredo do carnaval nos enredos da cidade**. Dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

BIAJOTI, Ruth Lavras. **Uma vila paulistana**: Vila Palmeira. 1979. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

BLAKING, John. **Hay Musica em el Hombre?**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

BORIN, Monique Félix. **A Barra Funda e o fazer a cidade**. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

BRITTO, Iêda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900 – 1930)**: um exercício de resistência cultural. 1986. Dissertação de mestrado em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

DOZENA, Alessandro. **A geografia do samba na cidade de São Paulo**. São Paulo: Polisaber, 2011.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação Urbana**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993

KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LANGENBUCH, Juergen. **A estruturação da Grande São Paulo**: estudo de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.

MARCELINO, M. M. **Uma leitura do Samba Rural ao Samba Urbano na Cidade de São Paulo**. São Paulo. FFLCH/USP, 2007.

NASCIMENTO, Clemente Tadeu; PAIVA, Marcelo Rubens. **Meninos em Fúria**: e o som que mudou a música para sempre. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. p. 55.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei**. São Paulo: Studio Nobel, 1997

SEABRA, Odette. **Urbanização e Fragmentação**. Tese de Livre Docência. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SIMSON, Olga von. **Carnaval em Branco e Negro**. São Paulo: EDUSP, 2007.

Outras Fontes

1. Entrevistas

DA CAROLA, Ari. Ari da Carola: entrevista [1 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 5 arquivos mp4. 1 h 22 min 11 s.

DADINHO. Dadinho: entrevista [31 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 5 arquivos mp4. 2h 5min 22s.

GOMES, Jaime Pereira. Jaime Pereira Gomes: entrevista [28 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 4 arquivos mp4. 1 h 15 min 5 s.

GOMES, Jaime Pereira. Jaime Pereira Gomes: Entrevista [29 jan. 2020]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 4 min 7 seg.

LACERDA, Romildo. Romildo Lacerda: entrevista [23 jan. 2020]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 1 h 17 min 23 s.

LAERCINHO; KING, Arnaldo. Laercinho e Arnaldo King: entrevista [8 jun. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 3 arquivos mp4. 1 h 17 min 40 s.

RAMOS, Tina. Tina Ramos: entrevista [27 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 1 arquivo mp4. 1 h 1 min 45 s. Trecho retirado do ARQUIVO 1 (49 min 20 s).

TIO MARIO. Tio Mario: entrevista [20 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 4 arquivos mp4. 1 h 39 min 10 s.

ULIANA JUNIOR, Ariel. Ariel Uliana Junior: entrevista [27 jul. 2019]. Entrevistador: Paulo José Khoury de Andrade. 3 arquivos mp4. 1 h 6 min 62 s.

2. Documentários

ARIEL: sempre pelas ruas. Direção: Marcelo Appezzato. Produção: Ailton Lucena e Marcelo Appezzato; Luto Filmes: 2016 (2 h 4 min 16 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L-ntWYaPMiU>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

BOTINADA: a origem do punk no Brasil. Direção: Gastão Moreira. [S.l.]: 2006 (1 h 15 min 7 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=trlAXkc003k>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROCK Brasília: era de ouro. Direção: Vladimir Carvalho. Canal Brasil: 2011 (1 h 51 min 33 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D6lgHvqt7y8>>. Acesso em: 1 fev. 2020.

ROTA ABC. Diretor: Francisco Cesar Filho. Fotografia: Marcelo Coutinho. Produção: Francisco Cesar Filho. [S. l.], 1991 (10 min 59 s). Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=rota_abc. Acesso em: 5 fev. 2020.

SAMBA à Paulista: fragmentos de uma história esquecida – parte 1. Direção: Eduardo Mello. Produção: Yara Camargo e Leandro Freire. Pró Reitoria de Cultura e Extensão da USP: 2007 (47 min 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmcJ1Umg31o>.

SAMBA à Paulista: fragmentos de uma história esquecida – parte 2. Direção: Eduardo Mello. Produção: Yara Camargo e Leandro Freire. Pró Reitoria de Cultura e Extensão da USP: 2007 (48 min 8 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fm7-qeOcdE0>

TEMPOS de rebeldia: o movimento punk. Diretor: Kevin Alexander. Alliance Atlantis: 1998 (47 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFjslf4GVY8>. Acesso em: 1 fev. 2020.

ZONA Norte SP: Carlão do Peruche. [S. I.] Associação Cultural Fábrica de Cinema: 2014 (15 min 1 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kei5Cp-iFGg>.